

# SEIVA

Mensagem aos povos da America



ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA  
BIBLIOTECA

ANO III -- DEZEMBRO, 1941 -- BAHIA - BRASIL

# Empresa de Carnes Verdes da Bahia, Ltda.

Continuadora da EMPRESA AMADO BAHIA, S. A.

---

## NEGOCIA EM:

Couros, Sêbo, Banha  
de porco refinada,  
Tripas sêcas e salgadas,  
Adubo de pó de ossos,  
Farinha de pó de ossos  
e Carne para alimentação  
de aves.

---

**Séde: Rua Nilo Peçanha, 26 - TEL. 5012**  
**Caixa Postal, 52 -- BAHIA - BRASIL**

# ACABA DE APARECER

## DICIONARIO DE SINONIMOS E LOCUCÕES DA LINGUA PORTUGUÊSA POR AGENOR COSTA

Publicação

Saindo

Em

2

Fascículos

Por Mês



— E' útil aos escritores, poetas e oradores, por ser rica fonte de sinônimos.

— E' útil aos estudantes porque ensina a escrever pela ortografia simplificada, trazendo a palavra principal tambem na ortografia antiga ou mixta.

— E' útil aos charadistas porque, trazendo os sinônimos e locuções tanto na ordem direta como na inversa, facilita a decifração de qualquer problema charadístico, por mais DURO que seja.

— E' útil, enfim, a todos, porque, reunindo em suas páginas os termos de OITO dicionários de autores diversos, poupa ao consultante o trabalho de compulsar aqueles dicionários, cada um de per si.

### NO GENERO, É UNICO

PREÇO DO FASCÍCULO . . . . . 5\$000  
PELO CORREIO, REGISTRADO . . . . . 5\$600

Redução, de 20% às pessoas que tomarem assinatura de 5 (cinco) ou mais fascículos.

Pedidos ao autor — Rua Gustavo dos Santos 43, 1º andar — Salvador — BAÍA.

NOTA — Toda a obra está calculada em 50 fascículos. Está circulando o 1º, e já iniciada a impressão do 2º.

ANO III N. 11  
DEZEMBRO - 1941

### EXPEDIENTE

Redação e Administração:

Rua Direita da Piedade, 40  
Bahia — Brasil

#### DIRETOR

João da Costa Falcão

#### SECRETARIO

A. Santos Morais

#### REDATORES

Aldenor Campos  
Ariston Andrade

#### ASSINATURA

Por doze numeros, sob registro:

Capital .. . . . . .	15\$000
Interior e Estados . . . .	20\$000
Estrangeiro .. . . . . .	25\$000
Numero avulso .. . . . .	1\$500

Libros, publicaciones, periodicos, topicos, comentarios, y en fin, toda clase de colaboracion que refleje y exprese maturamente el pensamiento americano tendran acogida fraternal en esta revista.

A todos aquellos amigos y compañeros que nos quieran distinguir con sus colaboraciones les enviaremos gratis nuestros ejemplares. Hacemos extensivo esto a todos nuestros hermanos de America y del Extranjero.

SEIVA es un trabajo de los americanos del Brasil.

# SUMARIO

## POLITICA, ECONOMIA E CIENCIA:

A' Margem De Estudos Sobre Solos E Fosséis Na Bahia — NICOLAU PARAGUASSÚ . . . . .	5
Questões de Politica Internacional — JOÃO MAIA . . . . .	9
Os Judeus E A Luta Contra O Anti-Semitismo — M. M. Já Falamos Em Anos de Guerra... Mas, Quando Terminará? — POR UM OBSERVADOR MILITAR . . . . .	13
Da Fisica De Descartes A' Fisica De Newton — A. GOUVEIA . . . . .	21
O Brasil E Seu Potencial Hidraulico — J. CARLOS BORGES . . . . .	35
Socialização Da Medicina — PAIM JUNIOR . . . . .	42
	44

## HISTORIA, ARTE E LITERATURA:

Paralelo Entre Gorki E Unamuno — JUAN MARI-NELLO . . . . .	14
O Caráter Da Revolução Do Sul Na Luta Pela Emancipação Argentina — RODOLFO PUIGROSS . . . . .	17
Multidão e Individuo — ABGUAR BASTOS . . . . .	18
O Recife e os Holandêses — M. DIEGUES JUNIOR . . . . .	19
Um Documento Que Honra A Grandeza Do Espirito (Trad. De AFRANIO COUTINHO) . . . . .	24
Subjetivismo e Humanismo — JULIO FELIPE . . . . .	25
Aspectos Historicos E Sociais Da Raça Negra no Brasil — BERNARDO KORDON . . . . .	38
Afonso Schmidt E O Romance Da Abolição — EMO DUARTE . . . . .	43
Vencer Na Vida — Conto de EDGARD BARREIRA MATOS . . . . .	46

## REPORTAGENS:

A Miséria Come E Dorme Em Casas De 20\$ — ARISTON ANDRADE . . . . .	27
Oswaldo Goeldi Fala De Arte — RUI FACO' . . . . .	41

## SEÇÕES:

- NOTA DO MÊS — Dos Pampas Ecôa Um Brado De Alerta.
- PROBLEMAS DA BAHIA — O Comercio Interno Do Caucau Bahiano.
- MOTIVOS NACIONAIS — Os Estudantes Acordam — Amparo á Borracha — A Queda do Trafego Maritimo — Escolas Rurais Ambulantes — O Brasil Exporta Tecidos.
- MIRANTE — A. C.
- CINEMA E RADIO — "Cidadão Kane" — Orson Welles — Cenarios Surrealistas — Alumínio por beijos — Diversos.

## NOTAS DA REDAÇÃO:

O Arcebispo de Canterbury e a guerra — Quanto custa a guerra — Atrocidades que explicam a derrota japonesa na China — Cem anos alemães — A mulher e a guerra — Retrato de Mme. Curie — Que ocorre quando se casam pessoas de raças diferentes? — Anti-semitismo nos Estados Unidos.

## NOTA DO MÊS

# Dos Pampas Ecôa Um Brado De Alerta

As declarações do Sr. Coêlho de Souza, Secretario da Educação no Rio Grande do Sul, denunciando a ação do nazismo no Brasil, constituem um dos maiores acontecimentos desse mês.

Coêlho de Souza é um líder católico gaúcho. Possuidor de um espírito cheio de nacionalismo são e de admirável coerência cristã, desde os primeiros dias de sua atuação como Secretario de Estado, vem lutando contra o maior de todos os perigos para a nossa independência política e econômica, e para a nossa cultura: O FASCISMO. Este é um mal, que contém uma grande ameaça em potencial, muito mais seria para nós do que percebe a imensa maioria dos brasileiros. E a razão é a falta de conhecimento que temos da ação das "minorias alemãs" no sul e norte do país. Onde está um alemão, ha uma ameaça hitlerista. Em alguns Estados do norte, como aqui na Bahia, foram descobertas maquinações de elementos ligados ao regime nazista.

Pois bem, esta ignorância dos nossos mais perigosos e ousados inimigos, para nós surpreendente é motivada pelo silêncio dos nossos órgãos de publicidade e, até, pela própria indiferença do povo nas zonas mais afetadas. A inexperiência política de nosso povo e a carencia de oportunidades para as suas manifestações contribuem extraordinariamente para agravar este mal, porque facilita a ação do nazismo em nosso país, o que constitui um perigo para o Brasil, para a America e para o mundo. Em outros países sul-americanos, como no Mexico, no Uruguai, no Chile, em Cuba e na Argentina, além da vigilância constante do governo, exceção feita ao do ultimo, a ação do povo tem sido o principal fator para o combate do nazismo, ou seja, para a luta pela emancipação política nacional, pela liberdade do povo e pela cultura.

Por isso, se nos apresenta com um valor extraordinario a denuncia de Coêlho de Souza contra o nazismo. Já é o povo brasileiro que acorda. Sim, é o povo, porque este homem representa o que ha de mais decente na corrente católica do Brasil. Ele falou pelo Rio Grande, com a intrepidez de um gaúcho de fronteira, tradicional guarda da integridade territorial de nossa patria, e de lá do extremo sul ao extremo norte muitos milhões de brasileiros o aplaudiram. Portanto, Coêlho de Souza falou pelo povo e pelas nossas instituições democraticas.

O exame que fez da posição das diversas camadas de teuto-brasileiros, sobre carregando os "tradicionalistas", católicos e luteranos, a maioria, da grande responsabilidade pela criação de um ambiente proprio ao alastramento do nazismo, como aconteceu na Austria; a citação do relatório do coronel Aurelio Py, Chefe de Policia em Porto-Alegre, também pessoa de destaque nos círculos católicos gaúchos, com um documentario valioso sobre toda a infiltração nazista no Brasil, onde se encontram esclarecimentos a respeito da formação do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (N. S. D. A. P.); a vinda de emissarios e agentes políticos para o Brasil e outros países da America; a tática de penetração, infiltração e doutrinação das camadas de alemães e teuto-brasileiros; a fantástica propaganda, uma das suas principais armas, a ponto de ser lido nas igrejas o "Mein Kampf"; a "gestapo" brasileira; a organização da juventude hitlerista e a formação de "fuehrer", que iam á Alemanha estipendiados pelo Reich; as grandes concentrações feitas nos campos para propagar-se as idéas da Nova Alemanha; a perseguição e a morte de elementos anti-nazistas; a chefia unica para todo o Brasil, ligada ao Reich, tendo o quinta-coluna Hans Henning Von Cossel á frente, que dirige os 7 círculos do partido, que têm co-

mo sede: o Distrito Federal (I), São Paulo (II), Paraná (III), Santa Catarina (IV), Rio Grande do Sul (V), Bahia (VI) e Pernambuco (VII); e, finalmente, a caracterização do nazismo como um movimento de desintegração nacional, todas estas denúncias fazem o corpo do discurso de Coêlho de Souza.

E ninguém, ultimamente, com a responsabilidade desse homem, falou tão desassombradamente sobre este perigo, sem receios de intervenção da embaixada alemã, como acontece quando um jornalzinho fala mal desses inimigos do povo brasileiro. Agora, pensemos um pouco sobre tudo isso.

Que significa toda essa trama, nazista no Brasil? — Significa que o governo da Alemanha olha com muito carinho para esta extraordinária fonte de materias primas, para este celeiro da America. Significa que para fazer com a America o que está fazendo

com a Europa, Hitler precisa ter os Quisling, Laval, e uma grande quinta-coluna no Brasil e em outros paizes da America. Significa que a nossa auto-determinação, que o nosso desenvolvimento como povo livre, que as nossas concepções democraticas estão mais que nunca ameaçadas. E significa, enfim, que podemos tirar a seguinte conclusão: **OU LUTAMOS CONTRA O NAZISMO, OU SEREMOS DOMINADOS**, como já o foram dezenas de paizes mais fortes do que o nosso.

E para isso, o povo deve estar ao lado do governo brasileiro, ajudando-o a continuar a obra de nacionalização já empreendida pela Interventoria do Rio Grande do Sul e amparada pelo Governo Federal. O povo precisa velar pela nossa integridade, independente mesmo do governo, tomando a iniciativa quando necessario.

Esta é a maior lição que podemos tirar da denuncia de Coêlho de Souza.

## MENSAGEM A' INTELIGENCIA DA AMERICA

Quando do outro lado o odio e a discordia cavam barreiras profundas entre os povos, SEIVA renova o seu proposito de unir a inteligencia de toda a America em um largo abraço de amizade e compreensão.

A mesma disposição de defender a dignidade do pensamento e a civilização contra a onda avassaladora do barbarismo solidarisa todos os intelectuais honestos do universo, especialmente os da America, e dita-lhes o caminho certo a seguir, a posição justa a tomar.

Para essa tarefa de tornar cada vez mais real a cordialidade entre os povos e resguardar o pensamento humano dos atentados que contra êle estão sendo perpetrados, numa proporção assustadora, urge a união de todos os homens da America, para onde se volve a cobiça dos regimes que ameaçam o seu progresso, união que deve ser começada pelos intelectuais honestos, defensores da cultura e do progresso da humanidade. E a estes intelectuais cabe, por todos os meios possiveis, defender e salvar a cultura, lutando pela paz, clima indispensavel ao progresso e á libertação dos povos. Entretanto, esta luta não é deste ou daquele paiz, mas de todos os povos latino-americanos por isso que a todos êles se impõe a sua defêsa das forças de dominação. Daí a necessidade de união das Américas. União que deve ter nos intelectuais americanos sua expressão mais viva.

SEIVA tem, portanto, as suas colunas abertas a todos os escritores da America que simpatizem com essa orientação e queiram contribuir com a sua inteligencia e a sua bôa vontade para a aproximação de todas as nações americanas, pelo trabalho sincero e desinteressado de seus homens de pensamento.

E' animada desse espirito que SEIVA dirige sua mensagem de simpatia, de admiração e de fraternidade a todos os escritores da America, até onde possa chegar, mensagem que é um reflexo da simpatia, da admiração e da fraternidade com que olha e deseja sempre olhar os povos a que êles pertencem.

# A' Margem De Estudos Sobre Solos E Fosseis Na Bahia

NICOLAU PARAGUASSÚ

## 1 — introdução

Ha no Estado da Bahia uma infinidade de problemas que necessitam ser debatidos com precisão e com urgencia. E' que as coisas aqui têm sido de todo esquecidas. Tudo está por ser discutido. Tudo se encontra por ser estudado. Se houvesse por acaso estado de repouso na natureza, podia mesmo se dizer que na Bahia as coisas haviam abandonado o seu estado de movimento. Mas, como isto absolutamente não acontece, é de se supor que se passa por qualquer cousa que se poderia chamar de uma crise de iniciativa. A nossa opinião é que isto não é possível continuar assim. Deste modo, é necessario que cada um procure contribuir com o melhor de seu esforço. O que não resolve absolutamente é ficar-se sem fazer nada. E' preciso, pois, movimentar os nossos problemas. Movimentar para serem conhecidos numa real exposição. Movimentar para serem debatidos com a disposição de soluçiona-los. Movimentar para terem, emfim, uma solução justa e consequente.

## 2 — dois fatos que são dois grandes problemas

Agora mesmo existem dois fatos que devem merecer uma atenção toda especial. E' que além de tudo são dois grandes problemas. Esses fatos são os seguintes: as pesquisas de um cientista americano sobre as nossas riquezas fosseis e o trabalho de um jovem tecnico bahiano sobre os nossos solos. A nossa atenção é tanto maior quanto mais sabemos que muito pouco se tem feito de util neste sentido. No entanto, é uma necessidade da qual hoje não mais se pode prescindir. Conhecer as suas possibilidades, conhecer as suas riquezas e conhecer a sua propria historia, é uma das tarefas mais sagradas para um povo. Para isto são bem grandes as contribuições que nos podem dar a paleontologia, a geologia e a moderna ciencia do solo.

## 3 — a geologia e a paleontologia ajudaram a romper as interpretações simplistas do mundo

Foi, na verdade, a geologia e, particularmente, a paleontologia, que romperam com as interpretações simplistas e dogmaticas da formação do mundo. Neste sentido, com muita justesa afirma Polynov, em seu notavel trabalho "The Cycle of Weathering": "Até mesmo um conhecimento superficial dos estagios na historia da nossa concepção da propria terra, de sua crosta, das rochas que a compõe e dos minerais que constituem as rochas, esclarece o fato de que um dos mais importantes fatores no desenvolvimento das nossas ideias é o conflito entre dois sistemas de teorias bem diferentes. De um lado, temos as

ideias de descanso, equilibrio e inercia e do outro as de continuidade, movimento e mudança. Parece que as épocas progressistas na historia são relacionadas com o prevalecimento do segundo grupo de idéas. Assim, torna-se claro que em nossa época, a época das maiores conquistas das ciencias, a filosofia moderna chegou á concepção do universo como um processo continuo e ininterrupto".

Vê-se assim, que antes dos estudos de geologia e paleontologia não se tinha, de certo modo, uma verdadeira compreensão sobre as vastas idades pelas quais a existencia havia passado. A barreira do tempo limitado e estreito foi realmente rasgada para muito longe. E dessa maneira foi se construindo a historia mesma da humanidade. Infelizmente só depois do seculo dezoito é que a historia do solo e do sub-solo começou a ser estudada de maneira sistematica. E' de se ver ainda que estes estudos só foram reconhecidos como de importancia scientifica agora no seculo XX. Aqui podemos citar tambem o mesmo grande sabio de renome mundial sobre essas transformações que se veem processando: "Mas, isto se completa no seculo XIX no fim do qual o terreno foi preparado para os ensinamentos dos ciclos geologicos, para o reconhecimento do processo de metamorfismo e a elucidação dos misteriosos "hieroglifos petrograficos" — os schistos cristalinos "mudos", para o desenvolvimento da mineralogia como uma ciencia genetica e não apenas descritiva. A subdivisão da crosta da terra em camadas termodinamicas tinha que vir e o preparo para o desenvolvimento de suas novas diciplinas geologicas: a ciencia do solo no seculo XIX e a geoquimica no seculo XX. Estas têm como objetivo de seus estudos não formas estaveis, mas as de continuas transformações. Se nos fosse concedido falar em equilibrio entre as mesmas, seria somente num momento algo abstrato de um processo em continuo desenvolvimento. Formou-se desse modo o ponto de partida para o moderno conceito do mundo e do universo. E um dos problemas mais fundamentais e essenciais relacionados com este conceito é, sem duvida, o da estrutura da materia. O atomo, algum tempo a pedra fundamental do universo foi depois explicado como sendo um sistema dinamico complexo capaz de desintegração e modificações internas. Este lugar agora ocupado pelo electron como unidade elementar, e o conhecimento das propriedades do ultimo, destruindo o limite entre a materia e a energia, leva-nos cada vez mais perto da solução do problema da substancia unica sobre cuja base se constroe o vasto numero de fenomenos fisico-quimicos". Sendo o nosso objetivo uma pequena exposição sobre a contribuição das ciencias geologica e paleontologica para uma explicação do mundo, não podemos infelizmente continuar a observar os interessantissimos

conceitos deste cientista que trouxe uma nova luz, não só aos estudos da geologia moderna, como também á pesquisa científica dos solos. No entanto, é preciso dizer que apesar dos fenomenos deste tipo terem uma reflexão de certo modo limitada nas ciencias geologicas, mais cedo ou mais tarde estas mesmas ciencias terão por certo de observar esta moderna concepção fisico-quimica da materia. Isto é inegavel: não mais se pode duvidar da unidade da materia e da energia. A concepção da materia solida como uma coleção, variada e estatica de atomos dos diferentes elementos é grosseira e sem uma real profundidade científica. Mas, como todo o conhecimento científico, isto não pode se dar sem grandes lutas. A luta tem sido enorme. E apesar de não haver mais contestação de carater científico sobre este sentido de movimento e transformação de todas as coisas, essa luta pela sua aceitação definitiva ainda continua. No entanto, temos que convir, segundo mesmo H. G. Wells em sua "Historia Universal", no seguinte: "gradualmente as perspectivas da humanidade transformaram-se e alargaram-se; duzentos anos atrás, a imaginação da especie tinha um cenario de seis mil anos. Agora, que a cortina se levantou, os homens olham para um passado de centenas de milhões de anos".

#### 4 — os objetivos das ciencias se ampliam

Mas, é preciso observar-se que não fica somente neste ponto o interesse dos estudos da geologia e da paleontologia. Acresce ainda a circunstancia de que além deste sentido historico, esses estudos encerram em seu proprio conjunto os problemas essenciais da nossa economia. E principalmente em se tratando do estudo da geologia. Sabe-se que dentro de seus limites se inscrevem não só a questão dos nossos recursos minerais, das nossas reservas de energia hidraulica, como também do palpitante problema dos combustiveis solidos e liquidos. Além disto, como um desenvolvimento do estudo destas duas ciencias, surgiu a pedologia como um outro ramo científico para o estudo dos solos em sua posição natural e obedecendo ao seu sentido dinamico. Isto aconteceu devido ás necessidades surgidas dos fatos sociais e economicos dos tempos modernos. Estes fatos de carater profundo levaram a que se procurasse investigar a formação, a composição e as condições gerais dos solos de cada região agricola para o seu melhor aproveitamento. E' sabido que o solo é um dos fatores de produção. Estes necessitam cada vez mais de melhor combinação. Como tal, portanto, é que o solo deve ser tratado. E' o que vem acontecendo onde se compreende melhor o passado e o presente para lançar melhores e mais justas bases para o futuro.

#### 5 — pequena nota sobre geologia economica

Sobre essa parte referente aos recursos minerais, ás reservas hidraulicas e aos lençóis de combustiveis solidos e liquidos, já existe, no Estado da Bahia, alguma coisa realizada. Temos realmente alguns estudos interessantes de Luiz Flores de Moraes Rego,

Horace Williams, Derby, Hartt, Sopper, Branner, Grandall, Arrojado Lisboa, Macambira Monte-Flores, Souza Carneiro, Otton Leonardos, Fróes de Abreu, Luciano Jacques de Moraes e mais outros tecnicos e cientistas tanto nacionais, como estrangeiros. Covém, no entanto, observar aqui tres fatos interessantes: o primeiro é com referencia ao sr. Otton Leonardos, o segundo sobre Branner e o terceiro está ligado aos trabalhos de Horace Williams. Enquanto Branner, esse grande pesquisador americano, pode nos deixar um precioso "Mapa Geologico do Brasil", que representa o primeiro trabalho de coordenação e sistematização científica sobre a nossa geologia, que tem prestado excelentes serviços para investigações que se vêm elaborando não só em outros Estados, como principalmente para a Bahia, esse outro tecnico americano, o sr. Horace Williams, elaborou um amplo trabalho sobre as riquezas do Estado da Bahia para uma empresa estrangeira. Trata-se de um estudo sistematico deste geologo, que é bastante conhecedor das possibilidades do solo e sub-solo bahiano, publicado em ingles sob o titulo "Geology and Climate of the State of Bahia", feito especialmente para as "Empresas Eletricas Brasileiras", com apreciação geral sobre o relevo topografico, a geologia, o clima e os recursos minerais, acompanhado de um mapa com todos os detalhes precisos e necessarios. Isto é, na verdade, deveras interessante... Também dá muito o que pensar. Afinal, qual o interesse dessas "Empresas Eletricas Brasileiras", que na Bahia se apresenta com o nome de "Companhia de Energia Eletrica", por um estudo minucioso sobre os recursos naturais existentes em um nosso Estado? Para muitos parecerá inexplicavel. No entanto, nada mais logico. Basta que se procure ver as coisas num sentido amplo. Então se ficará sabendo que as "Empresas Eletricas Brasileiras" representam em todo o nosso paiz o grande "holding" mundial de energia eletrica conhecido internacionalmente como a "Electric Bond and Share". Ora, é claro que esse grande monopolio americano necessita estar perfeitamente ao par das nossas reais possibilidades em força hidraulica, como também em condições de fornecer a um outro grande trust, informações detalhadas sobre as nossas riquezas minerais. Esse trust é a "United State Steel Corporation", que pertence ainda como aquele "holding" ao grande magnata conhecido pelo nome de Morgan. Parece-nos explicada a razão deste estudo tecnico. Parece-nos ainda esclarecida a maneira habil como agem as grandes empresas estrangeiras de carater internacional no seu desejo de dominio. Pode-se mesmo afirmar: elas conhecem muito mais as riquezas que de fato existem em nosso paiz, do que os proprios brasileiros que em grande parte infelizmente ainda se deixam levar por um doce e lirico "por-que-me-ufanismo". Seria também interessante que nos tornassemos um pouco mais vigilantes com esses tecnicos estrangeiros que se embrenham livremente pelos nossos sertões, á cata de preciosidade para informar a interesses estranhos. Hoje todos eles não passam de agentes a serviço desses mesmos interesses que nos cobicam

como uma das presas mais preciosas. Quanto ao caso do sr. Otton Leonardos é o seguinte: precisa-se dizer que esse tecnico nacional procedeu um dos mais desonestos estudos, como também anti-patriótico, sobre o minerio de ferro do Municipio de Jequié. E' de tal forma que necessita de uma reparação total e precisa. Isto não somente em proveito da nossa economia, como também da dignidade da nossa ciencia geologica. Na verdade, não procedem as suas afirmações superficiais. Temos os trabalhos feitos por um tecnico de valor como Mathias Roxo, no Relatório Anual do Diretor do Serviço Geologico, em 1931, e também por meio de artigos e uma conferencia realisada na séde do Sindicato de Engenheiros da Bahia, onde comprovou perfeitamente a enorme vantagem dos minerios de Jequié, comparaveis em distancia ao porto do mar, ás jazidas das costas do Chile. Temos ainda a opinião autorizada de Luciano Jacques de Moraes, em trabalho publicado em 1932 na "Revista Brasileira de Engenharia", pondo em relevo a situação geografica privilegiada dos minerios de Jequié para competirem mesmo com os minerios do centro de Minas que, para alcançarem o mar, têm que vencer uma distancia 3 vezes maior. Temos, por fim, a grande campanha feita pelos estudantes bahianos, com o apoio de todas as classes sociais, na "Semana da Siderurgia", em outubro de 1938, onde foi destacado especialmente o minerio de Jequié. Merece menção particular a conferencia proferida pelo prof. Americo Simas, onde foi abordado o problema siderurgico na Bahia nos seus multiplos e complexos aspectos com largo descortinio tecnico. Deante de tantas autoridades de valor reconhecido, achamos que não se pode levar a serio o que afirmou o sr. Otton Leonardos. Este talvez seja do porte daqueles tecnicos que afirmavam que no Brasil não havia petroleo. E assim como Monteiro Lobato, Oscar Cordeiro e Edison de Carvalho com a tenacidade de pesquisadores arrancaram a mascara com que se apresentavam os estudos sobre o petroleo nacional, também é preciso que se faça o mesmo com referencia ás jazidas de ferro de Jequié. Falta-nos apenas que a Bahia mostre á opinião publica que tem o mais perfeito "grupo" de industrias basicas que pode existir no mundo: o petroleo no Reconcavo, o carvão em Itaparica, o manganez e o cromo em Nazareth, o ferro em Jequié e a turfa e os schistos betuminosos na bacia de Marahú. A Bahia é, pois, um dos lugares privilegiados pela natureza para a montagem futura de um grande combinado de industrias basicas. Basta que a velha concepção economica de que é preciso aplicar em apoios e casas o capital primitivamente acumulado, ceda lugar ao imperativo de produção moderna que manda que se construam fabricas. O rumo certo não pode ser outro senão para esta ação.

#### 6 — o estudo científico dos fosseis e dos solos

No entanto, sobre os estudos científicos dos fosseis e dos solos no Estado da Bahia, não se pode dizer a mesma coisa. A questão

está, senão de todo, mas quasi que totalmente, abandonada. Por isso são de grande significação os estudos não só do prof. Price, como também do prof. Orlando Teixeira. Os problemas são de certo modo diferentes. Mas, o interesse é o mesmo. Deante dessa circunstancia é que achamos de todo justo trata-las em conjunto. Mesmo porque ambos levantam questões verdadeiramente palpitantes.

#### 7 — o prof. Price e os fosseis

O prof. Price é já um paleontologista de renome. Ocupa na Universidade de Harvard o lugar de assistente do prof. Remer. E' também diretor da Seção de Paleontologia de Vertebrados do "Museum of Comparative Zoology", dos Estados Unidos. Convem acentuar que a vida deste Museu tem uma estreita ligação com o nosso paiz. Essa ligação é por intermedio de Agassiz que foi o seu fundador. O celebre naturalista suíço esteve no Brasil, no seculo passado, chefiando uma expedição de estudos com um grupo de autenticos pesquisadores científicos. Aqui conseguiu, com os seus colaboradores, para a sua instituição, uma notavel bagagem de material para estudos. Com esta viagem ele ponde nos legar um apreciavel cabedal de estudos (somente no trabalho de Branner "A bibliography of the geology, mineralogy and paleontology of Brasil", publicado em 1903 nos Arquivos do Museu Nacional, são citadas 23 contribuições científicas de Agassiz sobre o nosso paiz). Além disto, elaborou, com a sua esposa, um formidavel livro de viagens que, depois de correr o mundo inteiro em edições inglesas e francesas, foi ultimamente traduzido pela Companhia Editora Nacional com o titulo de "Viagem através do Brasil". Também devemos lembrar que ao nome deste grande cientista está ligado o nome de um brasileiro que é o Major Coutinho. Existe até um trabalho científico de ambos em colaboração: "Sur la geologie de l'Amazonie". Isto tudo significa que quando se falar nas ciencias naturais no Brasil, é preciso considerar com justa razão, Agassiz como um de seus pioneiros.

Agora aparece-nos o prof. Price afim de pesquisar fosseis não só no Reconcavo, como também em outras regiões do Estado da Bahia. O prof. Price já tem procedido identicos estudos no sul do paiz, publicando mesmo varios trabalhos, principalmente sobre a fauna fossil daquela região do Brasil. Assim sendo, é de se esperar que seja apreciavel a sua contribuição paleontologica. Temos inegavelmente muitos problemas desta ordem que necessitam ser esclarecidos. Não ha, portanto, ocasião mais oportuna.

#### 8 — o prof. Orlando Teixeira e os solos

Quanto ao trabalho do jovem prof. Orlando Teixeira, trata-se de uma "Contribuição ao Estudo dos Solos no Estado da Bahia". Refere-se ás finalidades dos estudos e investigações no feitiço de prospecção dos nossos solos, encarando-os sob o ponto de vista de pesquisa geologica de carater generalisado, puramente mineralogico e agrologico. Traçando um ligeiro perfil geologico, termina por

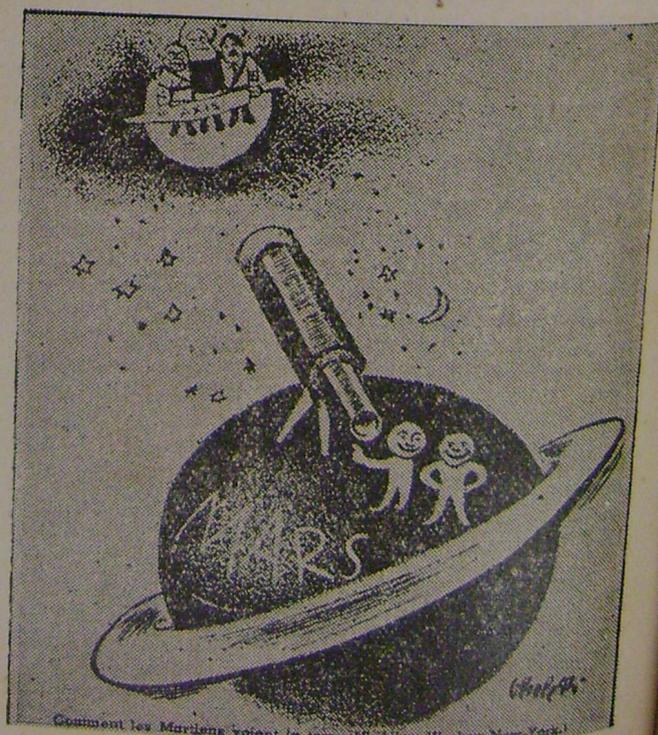
sugerir o levantamento da carta geologica da Bahia, como um trabalho de previdencia para se ficar sabedor das possibilidades reais dos nossos solos. De fato, não ha nada mais interessante. Por isso vamos analisar, em separado este problema. Embora que seja muito ligeiramente.

### 9 — ligeira introdução sobre a ciencia do solo

Como já dissemos, a ciencia que estuda o solo é hoje conhecida como pedologia. Foram inegavelmente os trabalhos da escola russa, tendo á frente Dakutschaeiev, Sibirtzev, Glinka e Gedroiz, que deram firmeza ao estudo dos solos e transformaram-nos em pedologia. Essa denominação tem sido aceita por todo o mundo científico. A pedologia é uma ciencia relativamente moderna. Tem uma orientação muito ampla: ela tem como objetivo não só a elucidación das leis naturais que governam a origem, a formação e distribuição dos solos, mas também, como bem acentua Joffe, em sua "Pedology" abrange "as suas fazes aplicadas tais como a agronomia, a fertilidade do solo, as suas necessidades, a sua fisica, a sua quimica e biologia, ou antes a fisico-quimica e biologia dos solos". Para isto é necessario se conhecer o solo desde a sua genese até esse formidável mecanismo da alimentação das plantas. Isto nos leva inevitavelmente a uma compreensão dinamica dos solos. E foi por não haver essa compreensão que esse estudo ficou entravado por muito tempo. Até o primeiro decenio do seculo XX a ciencia considerava o solo apenas como o lugar de fixação passiva das plantas e do qual elas extraíam agua e substancias nutritivas. Ora, nada mais falso. Nada existe na natureza que não esteja em constante movimento e transformação. A ciencia tem perdido enormemente devido a essa falta de compreensão dialetica da natureza. Quanto a isto é preciso ver, que tanto no proprio solo, como em suas relações com as plantas existe um equilibrio dinamico de forças físicas e químicas das plantas e do proprio solo, equilibrio este que varia continua e ininterruptamente. Assim sendo, a pedologia se serve hoje de vastos e multiplos campos científicos: desde a geologia até a biologia. Portanto, não é bem justo o prof. Orlando Teixeira circunscrever este estudo somente ao levantamento sistemático dos solos de uma dada região. E' o que nos ensinam os grandes mestres como Rammann, Hilgard, Robinson, Stremme, Marbut, Zakharov, Glinka, Gedroiz, Polinov, Tiulin, Hissink, Joffe, Warksman e Russell. Estes podem dar a qualquer estudioso desse admirável e difícil problema dos solos uma orientação certa e segura. Destes, chamamos a atenção especialmente para os seguintes: Glinka em seu celebre trabalho "The great Soil Groups of the World", Joffe em "Pedology", Robinson em "Soils", Russell em "Soils Condition and Plant Growth" e Polynov em "The Cycle of Weathering". Também é conveniente observarem-se revistas como "Soil Science", publicada na America, "Soil Research", publicada pela Sociedade Internacional da Ciencia do solo, "Pedologie", publicada na União Sovietica, para o "Handbuch der Bodenlehre", composto de 10 volumes com excelentes monografias sobre solos e para os "Proceedings" da Sociedade Internacional da Ciencia do Solo e da Sociedade Americana da Ciencia do Solo.

Um estudo científico do solo deve se ocupar de preferencia: analyses dos solos com criterio mecanico, fisico-quimico, fisico, quimico, microbiologico e mineralogico; reconhecimentos geologicos, individualizando petrograficamente os elementos constitutivos dos diversos horizontes do perfil dos solos; distribuição dos tipos de solos e levantamento do mapa pedologico com vista á sua utilização agricola e para a construção de açudagem, drenagem, irrigação, defesa contra erosão e mesmo construção de estradas; estabelecida a composição e os tipos de solos se deve estudar a sua genetica e evolução; analyses de aguas superficiais de lagoas, rios e subterraneas; estudos geomorfologicos e do regime das aguas utilizaveis nos estudos de irrigação, colmatagem e drenagem. Este estudo pode se ampliar á medida que as necessidades de sua ação o requererem. O levantamento do Estado da Bahia precisa ser feito com muita urgencia, mas deve ser baseado unicamente em metodos absolutos e moderados, de modo que se possa apresentar uma imagem a mais completa possível das condições de seus solos e que seja tanto de valor teorico, como de valor pratico.

### COMO OS MARCIANOS VÊM A TERRA



Comment les Martiens voient la terre. (Hulday Worker, New York.)



# Questões De Política Internacional

JOÃO MAIA

A 2ª fase da 2ª guerra mundial, iniciada com a invasão da União Soviética em 22 de junho deste ano, carece de serias, claras e consequentes considerações. Não pensemos, superficial e apressadamente, que de 1º de setembro de 1939 até hoje, o conflito atual conserva indistintamente as mesmas características políticas. Pelo contrário, têm havido profundas mudanças no caráter da batalha que se trava nestes momentos graves para a humanidade. Desde o ponto de vista militar ao econômico e político, a luta na frente oriental assume aspectos novos e muito mais decisivos. E diante disto, não pode haver um só habitante deste planeta, que queira ter um título de conciente e honesto, que fique indiferente ou iludido em relação á guerra gigantesca que se trava entre as forças da liberdade, da cultura e da democracia contra as hostes do nazi-fascismo. Por isso, devem ser considerados com muita atenção, os comentários que abaixo fazemos sobre a posição de todos os homens nesta conjuntura universal mais decisiva da história da civilização.

I — *Em choque os dois maiores poderes belicos conhecidos. Um pouco de história.* A invasão das tropas hitlerianas sobre a União Soviética e os 5 meses de campanha nessa frente de batalha, desvendaram um dos mais inquietantes

segredos para todos os países do mundo. Segredo que trouxe, e tem trazido, momentos de desespero para o Fuhrer e a estupefação de todos os povos. Não nos resta a menor dúvida de que Hitler enganou-se. Ele nunca esperou que sua envaidecedora "blitzkrieg" fracassasse nesta nova frente. Aliás não era essa uma opinião unanime no Reich. São conhecidas as divergências entre Goering, anti-invasorista da Rússia, e o seu patrão.

O poderio militar da União Soviética, apesar da investida dos aliados do fascismo, pode ser considerado como extraordinario. Sob todos os pontos de vista, a potencialidade belica do exercito, da armada e da aviação soviéticos, é formidável. A estratégia, a qualidade do material, as armas, velhas e novas, enfim, a técnica militar russa é uma das mais desenvolvidas, senão a primeira. Por outro lado, aos alemães não podem ser negados qualificativos semelhantes, tratando-se da técnica militar. Portanto, não obstante esse equilibrio, o que vemos é o avanço germanico prosseguindo, embora á custa de perdas extraordinarias e serissimas para os invasores alemães, rumenos, finlandeses e italianos. O que vemos é uma grande parte do territorio sovietico já conquistada O que vemos é a luta ás portas de Leningrado e Moscou. O

que vemos é, ao lado da destruição de dezenas e dezenas de milhares de tanques, aviões, lançadoras, canhões e de milhões e milhões de soldados, por parte dos alemães, serem reabastecidas todas as frentes com novos contingentes de todo esse material perdido e de homens descansados para a luta. Esse tem sido o principal fator para o avanço irresistível do alemão, embora fracassasse a guerra relampago. E este poder estupendo de renovar o material belico, esta capacidade fantástica de produção de tanques, aviões, homens etc., tem raízes ancestrais. Vêm desde o alento que a política reacionaria do triste Chamberlain deu ao nazismo no seu nascimento, até o crime de Munich. E daí até á queda da França e á dominação completa dos Balcans.

Façamos um pouco de historia sobre estes 26 meses de guerra e sobre seus antecedentes fundamentais, para melhor compreendermos a situação presente. Em janeiro de 1933, quando Hitler ocupou o poder na Alemanha, o capitalismo ocidental, com Chamberlain á frente, concebeu seu plano estrategico: empregar o fascismo alemão contra a União Sovietica. Para isso, estimulou o advento do nazismo e o seu fortalecimento militar. A serie de concessões ao nazismo ("não intervenção" na Espanha, na Abissinia etc.), que culminou em Munich, explicam claramente este plano. Esta é uma dolorosa verdade para nós, democratas. Mas tão evidente que não poude ser ocultada por Churchill, no seu historico discurso logo após a invasão da Russia.

Depois de Munich, os responsaveis pelo fracasso dessa politica aparentaram uma aproximação com a U. R. S. S., forçados pela pressão popular favoravel ao acôrdo da Inglaterra e França com ela. Contudo, tratava-se exclusivamente de uma manobra. E a Russia compreendendo esse jogo diplomatico, assegurou-se contra uma possivel invasão, atendendo ás grandes concessões feitas pelo nazismo para garantir-se contra uma segunda frente. E a 3 de setembro de 39, os aliados aceitaram o desafio lançado pelo hitlerismo, com a invasão da Polonia, a 1.º.

Que succedeu até á invasão da U. R. S. S.?

O poder militar nazista capturou quasi todo o territorio europeu não sovietico. O capitalismo ocidental demonstrou ser incapaz de defender-se do nazismo e, uma após outra, nações orgulhosas e tradicionais, cheias de glorias pela sua independencia e pela liberdade de seus povos, caíram sob o jugo de Hitler. A debilidade militar, provocada pela imprevisão e traição dos grupos governantes aos interesses supremos da patria, ao lado da tremenda arma da guerra atual, a quinta coluna, ajudaram-no a construir o cativeiro de povos, que é hoje a Europa. Somente a Grã-Bretanha salvou-se, com o auxilio norte-americano. Toda a Europa continental, com exceção da Suíça, Portugal e Suecia, está em poder de Hitler. A soberania das "aliadas" da Alemanha (Italia e Espanha) não é mais do que nominal. Portanto, toda a industria europeia está a serviço de Hitler e todas as materias primas necessarias ao seu fantastico poderio militar são fornecidas pelas minas dos paizes ocupados. Tudo isso, fortaleceu gigantescamente o exercito fascista teuto-

nico. Por tudo isso, — dizia — que são muito velhas as raízes desse extraordinario poderio atual.

Com essas imensas reservas e com o seu veterano exercito, Hitler lançou-se contra a União Sovietica, na qual ele via um serio obstaculo ás suas pretensões de uma "nova ordem" na Europa.

II — *Os acontecimentos contra os "planos traçados" pelo Fuhrer.* Pela primeira vez após o 1º de setembro, encontrou Hitler uma seria e temível resistencia. As forças armadas russas são um adversario decidido e bem preparado. A campanha da Russia mostra que Hitler errou os seus calculos. Em vez de uma cruzada anti-bolchevista, ele encontrou uma frente mundial anti-nazista; em lugar de "uma nova ordem", encontrou uma Europa onde a rebelião estoura por toda parte atravez da couraça de terror que lhe foi imposta; em lugar de uma "blitzkrieg" vitoriosa, uma terrível guerra de desgaste; em vez de um povo desunido e traidor, um povo unido indissolavelmente na luta pela salvação da cultura e da civilização.

Evidentemente Hitler não pensou bastante ao jogar-se contra a U. R. S. S. E serão estes imprevisitos que facilitarão o desgaste do seu exercito até a derrota.

III — *Exemplo vivo para os paizes não invadidos.* Todo esse periodo de guerra é um acervo excepcional de lições de grande proveito para todos os povos. Com a experiencia conseguida, na base da analise do insucesso do capitalismo ocidental e das forças externas e internas que atuaram na luta, pode-se delinear novos metodos de defesa para os povos ainda não invadidos pelas hordas hitlerianas, mas que já sentem doer nas suas costas o peso da guerra. Além de tudo isso, uma conclusão: cada vitoria alemã significa aumento de seu poderio, poderio que lhe permitiu invadir um paiz possuidor dos maiores recursos economicos e militares do mundo e de uma defesa muito forte.

Imaginemos, então, si Hitler chega a dominar a União Sovietica! O seu poderio se tornaria incontível, não somente pelo que ele possa aproveitar, como pelo fáto de não haver na sua frente um paiz poderoso, amigo da paz e da auto-determinação dos povos. Então, podemos afirmar que a União Sovietica, que a luta que em seu territorio se trava é definitiva para a sorte da democracia e de todas as concepções humanas anti-nazistas.

Nesta luta, todas as forças mundiais precisam se empenhar. E esta é a maior e a mais consequente experiencia do conflito atual.

IV — *Porque Hitler tentará dominar a America. A ação da quinta coluna.* Deante da politica que o nazi-fascismo vem desenvolvendo no mundo, desde o seu aparecimento, ninguém pode seriamente ocultar seu desejo de dominio mundial. No inicio da guerra, tratava-se, evidentemente, de uma disputa ao grupo financeiro anglo-franco-ianqui, de mercados, colonias, fontes de materias primas, etc. Entretanto, a invasão de paizes neutros, pacificos, que vigiavam com dignidade suas fronteiras, culminada com a traição ao pacto germanico-russo e com a guerra não provocada contra a União Sovietica denota o plano pan-germanista de Hitler.

E para levá-la a efeito, não tenhamos ilusões, ele empregará os meios mais repugnantes e intoleráveis. Por isso, entra pelos olhos a dentro o perigo que corre, no momento, a America, sobretudo a Latina. A dominação da America Latina torna-se, para Hitler, uma necessidade. Fortes razões economicas explicam-na. E' conhecida a interdependencia que ha entre a economia européa, industrializada, e a latino-americana, manancial de materias primas. E não é só isso: o mercado para colocar a produção gigantesca das suas maquinofaturas. Isto, tendo-se em vista o desenvolvimento normal das relações economicas internacionais. Mas com a situação creada pela guerra, as necessidades do nazismo aumentaram fabulosamente, afim de manter sua monstruosa maquina guerreira. E mesmo após a guerra, para o nazismo subsistir careceria de recursos inesgotáveis. Ora, desta forma, não é possível a nenhum poder na Europa prescindir da America. Ainda ha um fato muito importante a examinar-se: o nazi-fascismo não suportaria nenhum povo livre forte ao seu lado, nenhum movimento popular continental anti-fascista. Além disso, já estão bem definidas as relações entre os Estados Unidos e o grupo nazi-fascista. Já se encontram em luta. E é justamente na America Latina que se apoia todo o poderio ianqui. Como não eliminá-lo. Invadindo-a? Ainda não. Infiltrando-se e ocupando sutilmente todas as posições necessarias á sua vitoria neste continente, á sabotage e á divisão dos povos americanos. E para isso, a arma usada é a quinta coluna, esse novo traço característico da época imperialista, produto da corrupção capitalista, da reação anti-popular e da decomposição do homem numa sociedade desorganizada. A ação da quinta coluna tem sido extraordinaria. Na Europa são dispensados comentarios. O noticiario diario da imprensa mostrou-nos á farta o que esta arma tem representado na luta atual. Na Russia, porém, a quinta coluna não se desenvolveu. E' que a vigilancia do poder sovietico foi maior do que o poder de infiltração do nazismo. Não nos recordamos do expurgo feito na Russia no exercito e em todos os setores, em 1936, dos elementos alemães e japoneses? E ao lado dessa vigilancia, encontramos na propria capacidade politica das massas russas outro fator tão importante para a inexistencia dessa peste. A unidade, o heroismo e a resistência dos povos sovieticos explicam melhor, quanto essa nova arma ajudou ao nazismo.

Na America, a ação da quinta coluna é um fato. Em todos os paizes ela atua assombrosamente. E só isto não denuncia os propósitos de Hitler? Porque a quinta coluna arrai-gou-se tanto no continente? Mas, vamos aos fatos. Na Bolivia ela infiltrou-se de tal forma, provocando conflitos internos e desunindo as camadas mais progressistas do paiz, que o governo foi obrigado a cortar as relações diplomaticas. Na Colombia foi denunciado um "complot" nazista no exercito, sendo aprisionados suditos alemães envolvidos no mesmo. No Chile, tambem, foi abortada a preparação de qualquer manobra contra o movimento popular anti-fascista e contra as instituições democraticas. Na Argentina, no mês passado, foi abafado um "putsch" de carater nazista, chefiado por elementos das classes armadas. O resulta-

do do inquerito da Comissão de Investigações das atividades anti-argentinas é precioso em documentos comprobatorios da tremenda ação do nazismo no Prata e em toda a America. Tudo isto á custa do suborno e de gastos extraordinarios. Ficou constatado por essa Comissão que só em um ano foram subscritos cheques ao portador no valor de 2.000.000 de pesos, pela embaixada alemã. No Uruguai as demonstrações de força e violencia do nazismo, no intuito de desviar a atenção do povo dos crimes que eles praticam contra a patria e perturbar a ordem publica, se sucedem. Basta lembrar as



A França crucificada fala a Tio Sam

mortes praticadas em Durazno, que mobilizaram a repulsa de todo o paiz. Na Equador e Perú, alemães e japoneses provocam a luta entre os dois paizes, afim de dividir os povos americanos e acender na America a fogueira da guerra. Com isto o eixo deseja entreter os Estados Unidos no seu proprio hemisferio e debilitar a ação de Roosevelt em favor da Inglaterra, U. R. S. S. e dos povos que lutam ao seu lado, deixando livre o Oriente para o imperialismo japonês expandir-se e escravizar mais o povo chinês. São bastante conhecidas as tendencias nazistas do general Ureta, chefe das operações no setor da luta e seu principal provocador. Em Cuba tentaram assassinar o Presidente Fulgencio Batista e tomar o poder. Enfim, no Mexico e nos Estados Unidos os quinta colunas proliferam. No Brasil, apenas chamo a atenção para o grande numero de alemães, japoneses e italianos que existem entre nós.

Ao lado dessas atividades da quinta coluna ajudam a vitoria do nazi-fascismo os governos que cerceiam as liberdades populares e os que, a titulo de um combate ao nazismo, sufocam o movimento democratico, unica força capaz de esmagá-lo.

Uma investigação cuidadosa do alastramento do fascismo na America deixa-nos alarmados. E' difícil compreender-se como ele cresceu tanto. Só mesmo procurando-se estudar sua estrutura em relação com a da sociedade capitalista. Pesa um perigo iminente sobre os po-

vos americanos. Não subestimemos, pois já conhecemos as mais duras lições, nos sofrimentos dos povos escravizados da Europa.

V — A posição dos povos americanos em face do grave momento. "O futuro da humanidade passa por um momento histórico decisivo. Porque? Porque do resultado das gigantescas batalhas que travam o exercito vermelho e o povo sovietico, ao lado do povo inglês e dos demais povos agredidos, dependerá si o mundo há de marchar pela senda da civilização, si os homens e as nações hão de viver uma vida livre e independente, si o genero humano há de progredir e gozar de bem estar; ou si o mundo há de voltar a um periodo de barbarie e obscurantismo medieval, si a humanidade há de ser escravizada, si há de viver uma vida de miseria e de fome para manter uma casta repugnante de "barões teutonicos". *Civilização ou barbarie*: tal é o dilema histórico que se apresenta ante a humanidade".

Em face de tal perigo para a liberdade dos povos americanos e de todos os povos, para a cultura, para a civilização, todas as nações americanas estão chamadas a participar da frente unida de todos os povos, ao lado da Inglaterra, da Russia, dos Estados Unidos e dos

povos subjugados. Mas é preciso concretizar com fatos esta frente mundial contra o nazi-fascismo. Ação na politica exterior e na politica interna. Ajuda e mais ajuda aos aliados e vigilancia e caça constante á quinta coluna. Cada anti-fascista precisa compenetrar-se do papel valioso que pode desempenhar nesta conjuntura. A ninguem é permitido permanecer apenas como espectador. A estes, os elementos conscientes devem esclarecer, convencer e chamá-los a participar ativamente na frente nacional anti-nazista, que em todos os paizes deve existir organizadamente. Os quinta colunas devem ser desmascarados. A união nacional é o primeiro passo para isso. União por cima de todas as ideologias, religiões ou raças, porque é o interesse da patria que está em jogo. Seria um crime fazer-se concessão ao abstencionismo, aos preconceitos ideologicos, em tal situação. Não ha numa frente unica para a defesa da soberania e progresso nacionais, renuncia politica ou contradição ideologica. Só ha nela patriotismo e espirito democratico ou anti-fascista. E os povos americanos, por cima, tambem, de todos os interesses regionais devem constituir uma indissolúvel frente americana, afim de se chegar á frente mundial de todos os povos contra o nazi-fascismo.

## O Arcebispo De Canterbury E A Guerra

"Havia muitos aos quais uma aliança concreta com o governo sovietico produzia calafrios. Parecerá extranho combinar uma aliança com a Russia bolchevista com a idéa de que estamos lutando por uma civilização cristã. Porém, estes receios estão realmente fóra de logar".

Com estas palavras sossegou a Igreja da Inglaterra a alma de muitos de seus crentes, que se preocuparam com a aliança da Inglaterra com a Russia. Estas palavras foram escritas por Cosmo Gordon Lang, arcebispo de Canterbury e primaz da Inglaterra. Lang denunciou sempre o ateismo de Moscou e preferiu que seu rei abdicasse a permitir que uma mulher divorciada sentasse no trono da Inglaterra. Mas, Cosmo Gordon Lang é um politico astuto. Quando o compromisso se torna conveniente, não vacila em aceitá-lo; logo, encontra sempre boas razões para justificá-lo. Suas razões, neste caso, foram as seguintes:

"1 — O primeiro e principal objetivo de toda a luta é destruir a tirania do mal, encarna-

da nos governantes da Alemanha, e todos os que se envolvam nesta causa, por força, hão de ser nossos aliados.

2 — A vitoria do poderio nazista destruiria toda forma toleravel de governo humano.

3 — A Russia é apenas o ultimo paiz que sofreu o ataque não provocado da Alemanha; está combatendo pelos princi-

pios da liberdade nacional e da independencia, principios que defendem o Commonwealth britânico e os Estados Unidos da America.

Devemos, portanto, desejar as maiores vitorias aos valerosos exercitos russos e ao povo russo em sua luta, e estar dispostos a prestar-lhes toda a ajuda possivel".



Madame Guilhotina serve a outro pafrão

En  
ante  
anal  
pro  
dizer  
outr  
igua  
que  
prios  
poré  
da s  
cista  
deiro  
Nã  
a ter  
se o  
reaci  
Diver  
irão  
se di  
go e  
seres  
traba  
gonh  
teress  
como  
do id  
nando  
todas  
tas e  
preter  
mo re  
se imp  
mos a  
é afro  
oculta  
postos  
mo an  
de-los  
funesto  
ta, por  
tifica  
guição,  
lament  
O qu  
a defe  
seres h  
trabalh  
seres h  
nem pei  
humani  
responde  
anti-raci  
mo antis  
mo filoso  
Se assi  
meira qu  
quidar es  
naria que  
fluenciar  
gundo a  
cessitam  
a ameaça  
mais erra  
este conc

# OS JUDEUS

Em um artigo do numero anterior desta revista foram analisados certos aspectos do problema judaico. Queremos dizer breves palavras sobre outros aspectos que considero igualmente importantes, mas que encaram o dever dos proprios judeus, as primeiras, porém não as unicas vitimas da sangrenta perseguição racista desencadeada pelos herdeiros de Gobineau.

Não é de agora que se nota a tendencia de não enfrentar-se o problema, nas camadas reacionarias da coletividade. Diversos recursos "taticos" irão buscar, menos enfrentar-se diretamente com o inimigo e defender seus direitos de seres humanos á vida e ao trabalho. Da assimilação vergonhosa que os exigentes interesses economicos imponhem como solução, até á predica do ideal "nacional" abandonando a terra onde se nasceu, todas as provas têm sido feitas e todas as soluções têm pretendido dar, com o mesmo resultado negativo. O que se impõe, si realmente queremos anular o antisemitismo, é afrontar a luta e não nos occultar. Não aceitar os supostos argumentos do racismo antisemita, nem responde-los com outros, não menos funestos, de racismo filosemita, porque se o primeiro justifica teoricamente a perseguição, o segundo leva ao isolamento, igualmente nefasto.

O que se impõe é sairmos a defender nosso direito de seres humanos á vida e ao trabalho; nossa condição de seres humanos, nem melhor nem peor que a do resto da humanidade. Trata-se de responder ao racismo com o anti-racismo e não ao racismo antisemita com um racismo filosemita.

Se assim se apresenta a primeira questão, poder-se-á liquidar esta tendencia reacionaria que ainda consegue influenciar a gente liberal e segundo a qual os judeus necessitam de protetores contra a ameaça antisemita. Nada mais errado e pernicioso que este conceito que acarreta

uma dupla consequencia: facilitar nos judeus um complexo de inferioridade, que diminua sua combatividade pelos seus proprios direitos; e considerar que a luta contra o

## E A LUTA CONTRA O ANTI-SEMITISMO

antisemitismo será tanto mais eficaz quanto menor numero de judeus participem dela, como si se tratasse de uma discussão academica sobre o valor de uma pessoa e na qual, logicamente, o proprio interessado não pode intervir, sem perigo de falsear o resultado da polemica.

Aqui não se trata de decidir se os judeus são bons ou maus, juizo historico submetido a varias contingencias e que em nada pode nem deve alterar nossa posição em face da barbarie antisemita. Trata-se de defender um direito humano, um primario direito de vida. E nesta tarefa cabe ocupar os logares de primeira fila áqueles que correm o perigo de caracer ou ver-se privados dele.

Dest'arte, não faltará quem, coincidente com esta afirmação tire uma conclusão não menos falsa: **devemos combater sós.** Mas o que na realidade se pretende occultar com esta afirmação aparentemente progressista e não desprovida de certo rasgo de valor fisico pessoal dos que a enunciam, é que com ela se isola e separa integralmente o antisemitismo dos demais problemas sociais e se o desliga da grande luta que trava a humanidade pela democracia e pela liberdade.

Dizem, então, que o antisemitismo é um problema "proprio", independente, que não pode nem deve ligar-se com o grande problema da luta contra o fascismo. Surge, em uma palavra, o "apoliticismo" dos politicos, porque é o "apoliticismo" que leva a coletividade não a ligar-se com as massas populares na luta comum por ideais e aspirações comuns, mas a depender

da proteção de politacalhos e caudilhos, e, o que é peor, de uns magnatas judeus aos quais suas fortunas abrem as portas de certas esferas politicas muito interessadas em lucrar com seu suposto amor aos judeus.

Que isto não é saída bem o sabemos através da experiencia de sempre e muito especialmente dos ultimos tem-

pos. A França é um exemplo tão doloroso e tragico quanto contundente. Ao mesmo tempo que se ditavam decretos-leis contra a classe operaria e se anulavam uma após outra as conquistas da Frente Popular, se pretendia tranquilizar aos judeus com uma ou outra clausula destinada a castigar — em apparencia somente — a predica racista. Espalhou-se entre alguns iludidos a esperança de conter o nazismo por meio de sua predica virulenta antijudia, porém o que em realidade se fazia era quebrar a unica garantia de esmagamento do nazi-fascismo: o povo mobilizado e unido, preparado e alerta.

E agora estamos deante das consequencias. Não as sofrem os magnatas que as provocaram, porque eles puderam por-se a salvo ou chegar a um acordo com os entregadores de Vichy. Sofrem-nas, os milhares de judeus do povo, encerrados em campos de concentração, tidos como refens e fusilados por sorteios, cada vez que u'a mão anonima cobra em algum official nazista ou em algum traidor a Laval, Deat ou Gittón, a imensa divida que, com o povo francês, contraiu a camarilha nazi-fascista.

Essas são as consequencias de desligar a luta contra o antisemitismo da luta pela democracia; de não somar-se á grande massa popular na luta pelos seus direitos.

Enquanto não enxergarmos isto, não tomaremos uma posição justa em relação ao antisemitismo. Em sintese: lutarmos nós, os judeus, mas unidos ao povo em seu combate pela democracia.

MAXIMO  
GORKI(Desenho de  
Rigol)

# Paralelo Entre G

JUAN AR

nha boa, pela Espanha unica e depreciado pelos mesmos que lhe haviam comprado a adesão a preço de escarnio. Incorporou-se, pela segunda vez, a verdade em sua queda. Disse a sua ultima grande frase: **Venceis, porém, não convencereis!** E morreu pelejando contra sua vida, contra sua historia, contra si mesmo, acutilando sua propria gloria. Profundo destino de uma tragica condição.

Mais de uma vez se tem feito o paralelo entre Maximo Gorki e Miguel Unamuno. As suas obras serviram em alguma ocasião para que se divagasse sobre as semelhanças entre a alma russa e a alma espanhola. Parecia, com efeito, como si um fio de agua vital, vindo do fundo, de muito fundo, do povo, lhes alumiaavam identicas compreensões.

Ambos tinham tendencia sacerdotal: se desenhavam sobre suas paisagens adustas (estepe de Nizhni-Nevgorod e estepe de Salamanca) como patriarcas unidos pelo suor amargo dos desvalidos. Neles tudo que era humano, era condição imutavel, sinal de presença. A criação parecia em ambos, trabalho primario, vegetal, exudação forçosa de suas existencias. Como tambem em nenhum caso se lhes sentia pais de suas criaturas fingidas, pais, isto é, engendrados presentes. As suas mãos deificas se aprofundavam com goso e dor no barro manchado pela vida. De seus sopros profundos nacia um mundo doloroso e terno com a esperança enroscada no lamento desolado.

Como tantas vezes acontece, a semelhança não era sinão a presença de elementos complementares e o arranco comum de uma definitiva divergencia. A distancia radical que se escondia sob os gestos semelhantes decidiu as mortes distintas. Unamuno desapareceu como uma negação. Gorki como um afirmação. Unamuno se foi inimigo de tudo, até de si mesmo. Gorki saiu da vida amado pela justiça do mundo. O autor de "La Agonia del Cristianismo" desconfia e desespera em seu ultimo instante, de todos os lados. O escritor de "Foma Gavieiev" agoniza da profunda fé da capacidade realizando-a do homem. Unamuno é um fracasso. Gorki é um exemplo.

E por que, si existe essa distincão radical, esse destino oposito, um escritor recorda a outro e agora ainda nos surge mais uma vez o paralelo e o contraste? Porque diversos e contrarios, em ambos se produz, com distinta saída, o mesmo conflito. Em um e outro se enfrenta o intelectual ao renovador profundo. Em um e outro os habitos mentais de oficio se pelejam com a necessidade politica. Em don Miguel, como em Alexei Maximovich, ocorre que os mundos

Não faz muito, em sua Salamanca adorada, morreu don Miguel de Unamuno. Podia haver morrido fiel ao seu povo. Morreu fiel a sua natureza paradoxal. Podia significar tambem, neste presente estremecido da terra, a mais alta chama orientadora. Mas sucumbiu ao peso de seu egocentrismo e de seu medo. Iniciada a pugna entre a Espanha e os seus conquistadores, se poz don Miguel (velho defensor da Espanha eterna, isto é, da Espanha popular e superadora) do lado dos conquistadores. Negando, renegando a sua vida, entregou a pena e o seu dinheiro aos herdeiros de Fernando VII. Elias Eremburg disse, em uma carta famosa, tudo o que merecia don Miguel. Tudo o que pedia denuncia e repulsa em sua escandalosa apostasia.

Ele traiu. Ficou o escritor, o transfuga lamentavel, entre os seus aliados da ultima hora, entre figurões sem expressão, mouros mercenarios, representantes de interesses extranhos e senhoritismo do ultimo seculo. O seu espirito não andava em socego. Olhava ao seu redor. Via a ditadura de seus vizinhos, tocava na mentalidade estreita de seus novos amigos. Ouvia-os falar com desenfado e abertamente de seus propositos sangrentos. Havia que vencer o povo, porém como o povo não se deixava vencer, acabariam com ele... E com o que havia creado, desde logo, o genio do povo...

Unamuno suportava angustioso o fruto de sua apostasia. O pecado e a penitencia andavam juntos em seu animo amargo. Via que os homens e suas obras, os melhores homens e as melhores obras, estavam sentenciados pela chusma que o cercava. O seu remorso rompeu pela primeira vez o seu grande medo. Encerrou-se com Millán Astray, um dos chefes conquistadores, e disse: **Mas, o que você quer é uma Espanha torta, manca e coxa como você!** Em suas mesmas barbas acovardadas via ressucitar o negador de sua alma, aquela Anti-Espanha cavernaria e cruel contra a qual dedicou o melhor de sua obra. Era já muito tarde para voltar atraz. E don Miguel se viu amaldiçoado pela Espa-

# Gorki E Unamuno

ARINELLO

privativos, os mundos de suas criaturas, chegam a dominar tiranicamente. Cream seus personagens e, pouco a pouco, os personagens mandam sobre seus criadores. Por algo como em Pirandello e antes que em Pirandello os filhos de sua mente dialogam com Unamuno. Por algo nos narra Maximo Gorki aquele sonho doloroso em que os homens de seus relatos o exigem estreita conta do que fez com eles e se sentem amargamente do mar de lagrimas e do inferno de dores em que os faz viver e morrer... Lino Novás Calvo, em uma de suas poderosas compreensões criticas, suspeita que a duvida de Gorki pelo que era novo e deslumbrante, nacia do habito intelectual que lhe fizeram suas mesmas obras, daquele pessimismo fundamental que desconfia e receia de toda realização cabal. Acostumado Gorki (disse o grande critico cubano) a refugiar-se em um mundo de aspirações postas em rude contraste com as realidades em que se moveu o realista inimigo da realidade opressora, teve que se encolher tambem no primeiro contacto com a realidade libertadora. Ha uma grande verdade nesta suspeita. Si o mundo terrível das transformações espanta e desorienta a quem não tem mundo intimo que o opor, como não ha de ser coisa estranha a quem se sente impellido, tiranisado, pelas leis de um mundo consubstancial, de um mundo feito no sonho e na vida de muitos anos?

Gorki, sensibilidade riquissima e humanidade profunda, é nesta luta entre o pensamento e a realidade, o conflito e a superação, a duvida e a fé, a queda e a salvação. Em seu terror de intelectual chega a insultar aos seus mais intimos amigos que tinham visão mais ampla das coisas. Não importa: é o barão russo, emulo de Netchaiev... Os procedimentos duros e naturais da luta turvaram o animo brando e doloroso do amigo dos desditados. O mesmo sangue derramado o impedia ver a causa e a razão do derramamento. Estão destruindo, gritava Maximo Gorki. Em vão se situava as coisas em seu ponto e se expressava com racionio acertado. Ou dar os golpes necessarios, ou permitir que nos dêem. Dar significa um mundo de justiça, o homem dono de si mesmo. O deixar de dar significa a permanencia da monstruosidade... Gorki não dava por vencido. Voltava a clamar em nome de uma magnanimidade vigorosa e abstrata que não tinha nenhum sentido. Era de se perguntar: Por que se mete este homem com o que não sabe? Por que fala do que não conhece? Mas passadas aquelas horas implacaveis, Gorki compreendeu o seu erro e anunciou aos quatro ventos. E disse com sua educação, sua sensibilidade, sua obra, o impediram ver o

MIGUEL  
UNAMUNO

(Desenho de  
Rigol)



que era necessario ver. Admitiu a razão e se conservou até o fim de sua vida defensor apaixonado da realidade viva, como de toda verdade. O grande entusiasmo foi a sua nova vida. Ao morrer, choraram lagrimas silenciosas e ternas milhões de homens de todos os climas, que haviam descansado a sua desdita nos relatos humildes do grande velho e que haviam vibrado em seus ultimos hinos ao esforço do homem em suas ultimas visões de liberdade e grandesa humanas.

O grande Gorki estava destinado a salvar-se, como Unamuno a perder-se. O grande vasco se fez entre resabios medievais, entre sutilezas de clerigos e distinções academicas. Para ele o popular estava muito mais na graça do romance que na vida estragada do camponês de Extremadura. O povo era em seu pensamento, coisa historica, artistica. Cada homem e cada mulher miseravel eram para don Miguel coisa recordada, não vivente. Cada pensamento e cada dor tinham para ele uma dominante correspondencia com outros similares, iguais, dos tempos de Cid ou de Quevedo. Ehreburg recordou como don Miguel, frente a terrível fome dos camponeses de Sanabria, escreveu largamente sobre a paisagem do povoado miseravel. Depois discorreu eruditamente sobre as distintas classes de fomes, sobre o modo faminto das gentes dos diversos climas. Jamais faria isto o velho Gorki. Unamuno foi, até que a luta entre dois sentidos historicos rompeu em sua patria, um espectador, um contemplador do homem e da sociedade. Como o politico é parte centrica da vida, don Miguel tomou o politico como motivo de erudição e expeculações eruditas. Um dia de um lado, outro dia de outro. Uma tarde, quando do inicio da republica espanhola, subiu airoosamente as escadas do Ministerio de Educação de Madrid. Peleja com Momingo Barnés "porque só se vai dissolver a Companhia de Jesus, quando o justo seria a expulsão eterna de cada um de seus membros". Na outra semana pôe o grito nas nuvens porque se quer atacar aos jesuitas, depositarios e defensores da cultura espanhola... A vida inconexa, contraditoria, o atrazo social, eco-

nomico de sua terra, são coisas preciosas a don Miguel: ocasiões magnificas para efetuar posturas de pai extremado e incompreendido para levar admirações e despreso em todos os lados. Toda a Espanha foi para ele, como Sanabria, uma grande paisagem para a sua satisfação de artista. Opressões e miserias, punham em muitos espanhóis palidez intensa, olheiras abismais, gestos desesperados e freneticos. Melhor, melhor. Como recordava tudo aquilo a Dómine Cabra, a Lazarrillo, a tropa faminta que vagava pelos campos... Isto é certo: don Miguel não podia salvar-se.

Gorki levava a salvação em si mesmo, na medula de seu espirito sensível e profundo. Seu grupo de miseráveis vagabundos estava formado da mesma materia que os homens heroicos do presente. As diferenças de temperamento e oficio não puderam romper o fio finissimo que o unia com seus amigos. Amava acima de tudo o homem. Para ele a humanidade era ocasião de dor propria, não de delicia estetica. Os personagens de Gorki nascem de seu peito, são tanto suas criações como suas experiencias. Si se resiste a admitir as rudezas de luta foi, isto o vimos, porque as suas descrenças eram de seu sangue que quasi ganhavam o seu corpo. Em Gorki ha a mesma medida universal em que se reconheceram, em que seguem reconhecendo, os homens de todos os climas. Esses grandes homens que atravessam épocas.

Hoje o que se está fazendo no mundo de novo e de belo é a moda de Netchaiev... disse uma certa vez Gorki. O que me indigna dos homens é sua barbara crueldade — exclamava Unamuno. Mas quando Gorki chega ao fundo das coisas e recorda, revive, a morte lenta de suas criaturas resignadas, aceita a violencia necessaria e se põe ao lado da construção e da realização. Unamuno ficou só, sem apoio, sem partido, sem amigo, no meio da luta. Não encontra em seu peito a resonancia dos humildes. Deram-lhe o que lhes pediu: substancia estetica. E nada mais. Unamuno não sentiu em si, como Gorki, os milhões de homens que no mundo atual se depauperam, se destroem e se matam. Para ele as unicas mortes são as violentas, as que se produzem com sangue e estrepito. As outras são boas ocasiões literarias. Na luta vê

só destruição, barbaric. Passado para o campo do inimigo descobre amargamente que a morte é ali simples destruição regressiva, barbarie verdadeira. Quer decidir, voltar ao seu antigo caminho. Não pode. Falta-lhe, como a Gorki, aquela exemplar humildade, que vem de seus gestos profundamente humanos, para declarar seu erro e abraçar-se chorando á verdade. Sua conduta de intelectual, de homem infalível por sua sabedoria de mestre de contradições e genialidades o impede a retificação salvadora. Desapareceu em sua lei lamentavel.

O caso de Unamuno deve ser meditado pelos intelectuais de todos os lugares e de todas as definições. Em nossos dias de hoje se pede ao homem de letras um desembaraço que traspasse seus mundos exclusivos. O mundo de todos é o que pede seu serviço: um mundo que exige, para sua sanidade plena, Cirurgias profundas e implacaveis. E' necessario limpar os olhos de perspectivas estreitas; é necessario aprender a ver as coisas em sua profunda razão, é necessario enduerecer a pupila para enxergar sempre melhor. Insensibilidade? Não, valor. Conta-nos Gorki, é preciso recordar, que um homem humilde de Sornov, homem de alma sensível, sentia-se profundamente abalado pelo duro trabalho que tinha que fazer, seagando vidas. Depois de lamentar-se muito raciocinou decisivamente: quando penso que tambem ele está forçado a meudo a reter sua alma pelas azas, tenho vergonha de minha debilidade... Estamos em tempos em que se deve ter a alma tomada pelas azas em toda ocasião. Isto não significa cortar as azas á alma. Não. E' preciso somente saber freia-las. Quando se têm azas poderosas e vibrantes como a dos grandes lutadores da humanidade, e finas e sensíveis como Gorki, a sujeição é oportunidade de fortalecimento e impulso para os mais altos vôos. O mal é não ter azas presas na profundidade terna e justa dos homens como don Miguel de Unamuno. A queda, o abatimento, a derrota, é então a lei. O intelectual deve ter sempre vontade potente. Este é o unico modo de chegar firme e honestamente ao fim da crise espiritual do mundo moderno. E somente amansando bem a alma para impedir os vôos de incompreensão. Vejamos que os dias que chegam exigem travessias inauditas.

## PONTO DE VISTA

As Máquinas são grandes educadoras e moralistas. Si um cavalo ou um burro não andam, os homens perdem as estribeiras e batem nos animais; si uma máquina não funciona, não adianta bater-lhe. E' preciso pensar nela e descobrir o que é que não está direito. Isto é uma verdadeira educação.

A máquina, além disso, tor-

nou a presente geração, em geral, mais cuidadosa e consciente do que seria possível na Idade Média. Pensemos só nos milhões de veículos, motores e aeroplanos que andam todos os dias, vidas humanas dependendo deles. Pensemos nos milhões de trabalhadores que, muito naturalmente, cuidam dessas máquinas todos os dias e verificam si

todas suas peças estão em ordem. E nós, o publico, confiamos nossas vidas a essas máquinas sem pensar duas vezes, confiando que entre todos os trabalhadores não haja quem tenha cometido um erro considerável. Isto é coisa que me enche de admiração.

GILBERT MURRAY

# O Caráter Da Revolução Do Sul Na Luta Pela Emancipação Argentina

RODOLFO PUIGRÓSS

Si tivéssemos que definir, em forma sintética, o caráter da Revolução do Sul, diríamos que foi um movimento popular com um perfeito alcance nacional contra o monopólio econômico colonial e a opressão de Rosas.

Até então a oposição à tirania colonial se havia manifestado de forma inteiramente esporádica. E também dirigida somente pela facção unitária. Rosas aproveitou sempre isto para fazer a sua demagogia. Ao mesmo tempo procurava lançar no descrédito essa corrente: a acusava de ser inimiga do povo e estar vendida ao estrangeiro. Mas não podia dizer o mesmo dos enfiteutas e dos estancieros do Sul da província de Buenos Aires, insurreccionados em 1839. Isto porque era entre eles que até então havia procurado apoiar as suas forças. Por isso este movimento adquiriu um caráter novo. Uma expressão de descontentamento e oposição popular que preparara o caminho de Caseros. Esteban Echeverría, tão preciso sempre em suas qualificações, o define como "o mais notável e glorioso acontecimento da história argentina, depois da Revolução de Maio, porque nessa insurreição o sentimento popular se sublevou espontaneamente contra a tirania, sem que o aticasse nem explicasse o espírito de partido; caráter de justiça e de legitimidade que não teve nenhuma das terríveis agitações que despedaçaram e ensanguentaram o nosso paiz até aquela época".

Na realidade, a Revolução do Sul, que teve por cenário os povoados de Dolores e Monsalvo, vinha se preparando gradativamente. Mesmo já com alguns anos acumulados. A crise econômica do ano de 39, determinada pelo bloqueio francês, não fez mais que precipitar os acontecimentos.

Os estancieros do sul sofriam profundamente as consequências do monopólio que Rosas e sua camarilha exerciam sobre a produção, a transformação e a comercialização dos frutos da fazenda. Já em 1817 o diretor Pueyrredón tinha se visto obrigado a tomar medidas em defesa da maioria dos estancieros, arruinados pela firma social Rosas y Terrero. O matadouro que essa firma havia instalado em "Las Higueritas", partido de Quilmes, chegou a açambarcar não somente a exportação dos produtos pecuários, como também o abastecimento de carne para o consumo local. Os preços da carne em Buenos Aires se elevaram. Os abastecedores se arruinaram. E os estancieros não podiam colocar os seus produtos devido a esse monopólio que era exercido por Rosas y Terrero. Isto determinou o desencadeamento de um movimento popular que trouxe como resultado imediato a assinatura de um decreto, por Pueyrredón, fechando o matadouro de "Las Higueritas". Sem embargo, como bem assegura Ingenieros, esse decreto nunca se tor-

nou efetivo. Assim é que o monopólio rosista continuou fazendo estragos entre os produtores e abastecedores independentes.

Ao mesmo tempo, como um complemento dessa ação do matadouro, Juan Manuel Rosas foi açambarcando vastas áreas de terras, em prejuízo dos lavradores e estancieros. Assim nasceu a sua rivalidade com Ramos Mejia, um dos dirigentes do movimento revolucionário de 1839.

Dessa maneira Rosas levantou o seu poder político. Era dono de imensas extensões de terra, monopolizador da produção e venda dos produtos pecuários, possuidor de uma frota própria que o ligava estreitamente ao Brasil, a Cuba, e aos Estados Unidos. Além disto era também senhor dos gauchos e índios da campanha. Teve, no entanto, contra si um grande número de estancieros prejudicados por uma política que os empobrecia e expropriava. A Revolução do Sul foi assim uma manifestação dessa oposição ao monopólio econômico exercido por Rosas. Os estancieros de Dolores e Monsalvo queriam ter participação na exportação dos produtos pecuários e no abastecimento local. Não aceitavam mais ser as próprias vítimas da política financeira daquela tirania colonial.

Torcendo o justo sentido dos fatos, certos historiadores pretendem fazer aparecer a Revolução do Sul como um simples "episódio da guerra exterior". Isto é: da guerra de Rosas contra a França. Porém a análise dos fatos históricos demonstra que a oposição à Rosas se estendia por todo o paiz. Também Corrientes, por razões semelhantes aos estancieros de Dolores e Monsalvo, trabalhava pela queda do tirano. A regulamentação dos rios interiores asfixiava o litoral e o monopólio que Buenos Aires exercia o impedia de se vincular com o exterior e dar saída aos seus produtos locais. As sementes lançadas pelos fundadores da "Associação de Maio", críticos intransigentes tanto dos unitários como dos federais, começavam a dar os seus frutos em toda a nação. Aqui e mais além surgiam grupos de opositoristas que atuavam em condições de dura ilegalidade. Isto era imposto pela ditadura de Rosas. Mas mesmo assim preparavam novos dias de progresso e de liberdade para a república que se encontrava freitada.

A esse movimento, vasto e profundo, se uniam os unitários expatriados e o governo francês interessado em abrir ao comércio o mercado do Prata. Rosas não defendia a nação. Ele defendia os seus interesses monopolistas. Perpetuar o atraso colonial, manter as províncias subjugadas e estancadas em seu desenvolvimento e impedir que a Argentina se incorporasse ao mercado mundial, constituía o objetivo capital de sua política.

# MULTIDÃO E INDIVÍDUO

Entre os ensaios por mim traduzidos e reunidos na obra intitulada O SEXO NA CONDUTA HUMANA, da Editorial Calvino, um dos que mais me chamaram a atenção foi sem dúvida o de Waldo Frank: A CENSURA SEXUAL E A DEMOCRACIA. Não tanto pelo aspecto da questão sexual, que não deixa de ser sobretudo interessante, mas pela análise do comportamento do cidadão americano deante desse tabú democrático que se chama multidão.

Evidentemente, ainda que o autor queira estabelecer diferenças entre a conduta da multidão francesa e a conduta da multidão norte-americana, o que vemos é que o mesmo aspecto pode ser encontrado em todos os países democráticos.

Tratando do fator sexual, Waldo Frank leva á conta do puritanismo o fato do cidadão norte-americano considerar o sexo assunto privado, da mesma forma que a religião, visto o puritanismo ser "em ultima análise, a essência do protestantismo". Considerando tais assuntos como privados, o democrata norte-americano se *isola* quando pretende tratar dos mesmos. Acha, por exemplo, que uma anedota picante pode ser contada entre três ou quatro pessoas, mas se tornará profundamente imoral si for contada numa praça publica deante de cinquenta ou cem pessoas. O mesmo cidadão que seria estimulado a contar uma história um tanto obscena, num grupo, seria censurado, repudiado ou prêsido si o tentasse fazer perante isso que se chama auditório. O mesmo se daria com o fator político, naquilo que fôsse considerado perigoso ás instituições legais. Da mesma

forma um cidadão poderia discutir tais assuntos perante um grupo e em situação privada. Mas não o faria abertamente perante determinada massa, pois, sendo pacato, não desejaria passar por inimigo do regime ou da ordem. E assim, da mesma forma que êsse pacífico homem seria lisongeadado e estimulado por tratar de tais questões, com brilho e critério, numa roda privada, os mesmos que lhe tivessem dado razão, quando em grupo, o censurariam si o fato se passasse perante uma multidão. Donde se conclue que nas democracias o homem legisla democraticamente, mas age privadamente. Proclama o Estado ideal apoiado no povo, nas tendências e responsabilidades do povo, mas, paradoxalmente, se *isola*, tôda vez que pressente estar envolvido por êle. De maneira que há duas atitudes no homem democrático: a sua atitude perante o grupo e a sua atitude perante a multidão. O democrata do século XX, burguês e religioso, se ajoelhará numa igreja, mas achará ridículo ajoelhar-se na rua, á passagem duma procissão, por exemplo. A imagem que o faz prosternar-se na igreja, faz com que apenas se descubra, na rua. Isto porque a igreja assume caráter privado e se adapta mais ao seu *isolamento*, ao passo que a rua tem ar eminentemente livre e oferece ao democrata místico uma sujeição de devasso, de curioso exame, sobremaneira incômoda.

De maneira que si a democracia transforma o indivíduo em plebe, a sua formação histórica transforma o Estado em grupos. Esses grupos se dizem multidão, mas agem individual-

mente. Tôda vez que a multidão pretende penetrar no seu interior, na sua vida solitária e acima de tudo egoísta, logo se retrai, se recolhe á carapaça duma estranha atitude privada. O mesmo homem que aplaude a dansarina seminua, dentro do teatro, chamará a atenção da policia de costumes, si a dita dansarina ousar ostentar os mesmos trajes no terraço dum café. Isto porque, tôda vez que o homem se encontra em ambiente fechado, entre quatro paredes, por assim dizer, sente a sua pureza garantida, porque se trata de ambiente privado e vários grupos que pagaram entrada, ao passo que fóra desse ambiente, o espetáculo perderá o caráter de intimidade e assumirá o papel de espetáculo para a multidão.

Vê-se por aí, que o homem democrata aceita a multidão como conteúdo de um regime, mas não admite a nivelção nos pontos em que seu gôso *privado* possa ser abertamente explorado por ela.

Ouvimos constantemente esta frase, no clube, num salão de navio ou mesmo em casa de amigos: Bem, já tem muita gente, vamos mudar de assunto". O assunto, naturalmente, seria desses que, entre quatro pessoas, seria delicioso, mas entre varios grupos estranhos, já se tornaria *imoral*, isto é, já passaria para a especulação dum auditório.

Possivelmente certas diferenças entre o homem democrático e a multidão democrática, poderiam ser estudadas com vigorosos detalhes. Mas, no momento, o que convém reparar é que tais comportamentos talvez sejam os responsáveis pela desmoralização do espírito popular das democracias.

## ABGUAR BASTOS

As relações que mantinha com o Brasil e os Estados Unidos (países compradores dos produtos pecuarios argentinos para o consumo da população negra), o permitia prescindir dos comerciantes franceses e ingleses. Não ia mais longe o seu "nacionalismo". Como tão pouco vai mais além o "nacionalismo" dos atuais reivindicadores de seus feitos.

A importância da Revolução do Sul se consolida, pois, no caráter e na repercussão nacional que teve. O assassinato do doutor

Maza e de seu filho, e do doutor Avellaneda, chefe da Liga do Norte, de Herón de Astrada, e do general Lavalle, formam, com o sacrificio dos insurretos de Dolores e Monsalvo, episodios da grande luta contra a tirania rosista. Luta essa que ia dando forma, organizando e orientando sob a influencia do pensamento dos continuadores da Revolução de Maio, que, no desterro, elaboravam as bases e os pontos de partida para a constituição de uma nova Argentina.

# O Recife E Os Holandêses

M. DIEGUES JUNIOR

E' com o holandês que surge menos rural a cidade no nordeste. E mesmo no Brasil inteiro. Ao tomarem o Recife em 1630 os holandeses encontraram 150 casas, nove anos depois havia 2.000 (1).

O espirito colonizador do holandês diferia em absoluto do português; verdadeiros extremos um e outro tinham seus característicos diferenciais. O fim nitidamente comercial da invasão holandesa talvez fosse o unico traço que o pudesse assemelhar ao português, também tão comercial nas suas descobertas e conquistas. Mas ainda assim, o luso sabia encobrir esse sentido comercial, dando mostra de que não desaparecera do seu espirito a formação agrária do seu povo. Daí o gosto pela vida rural que vamos encontrar no brasileiro, o apego á terra; apego e gosto que somente viriam a se transmutar, por multiplas causas economicas e sociais, seculos depois. Quando já não havia mais o português da época do descobrimento: um lavrador transformado repentinamente em navegante, navegante, por sua vez, que modificou o plano geografico do mundo.

O esplendor do açúcar atraiu o holandês, tão visivelmente essa atração se traduz na restrição do ataque apenas ao nordeste. Em 1600 o numero de engenhos no Brasil era de 120, dos quais 66 em Pernambuco; "e cada um é uma boa povoação" (2). Produzem-se 200 mil arrobas de açúcar e os quarenta e mais navios que vem cada ano a Pernambuco não podem levar todo o açúcar.

"Semelhante riqueza não deixara de despertar a cobiça dos industriosos e comerciantes holandeses" (3) e originou-se o preparativo para a invasão. Consideram os invasores que os moradores brasileiros e portugueses não estavam em condições de defenderem-se; que a inimizade luso-espanhola ocasionaria a indiferença dos portu-

gueses á sujeição holandesa; o sigilo na execução do plano da tomada da Bahia e Pernambuco, sitiadas á beiramar, e de facil expugnação; "não obstante o paiz ser muito grande, impoz-se a conquista de toda a Bahia e Pernambuco para garantia do dominio da região inteira" (4). Deante dessa possibilidade não parecia difficil ao holandês o dominio da zona açucareira. E o ataque se fez e a invasão se registrou.

O problema da colonização era que estava fora da indole do povo invasor; e contrastava o ambiente fisico com o sangue dos dominadores. Faltar-lhe-ia, possivelmente, a "zona de conforto", a que se referem os tecnicos. (5). Com tudo, o que mais acentuou a influencia holandesa, foi, de certo, o carater urbano dado á cidade, ao Recife, principalmente.

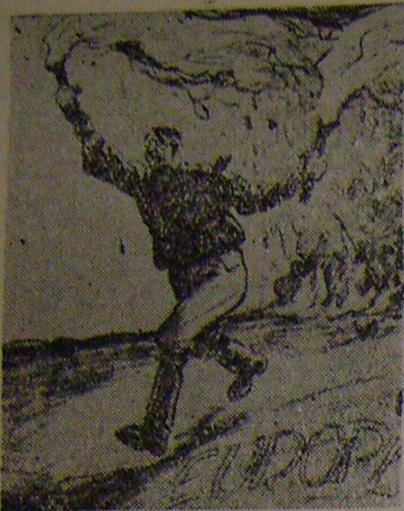
O Recife era o campo ideal para aquela gente. Já tendo conquistado ao mar a sua propria patria, construindo-se sobre o areial por onde antes dominara a agua do oceano, o holandês iria agora conquistar aos mangues, aos pantanos, ás aguas do Capiberibe, uma nova cidade. E traçar-lhe-ia uma fisionomia urbana, com caracteres profundos, que levantaria a rivalidade com Olinda á qual viria dominar. Tiraria ao Recife o carater rural que os luzos lhe haviam dado, com os engenhos cidade a dentro. Seria uma cidade, em todos os seus aspectos. Ao Conde de Nassau coube realizar a obra inicial. Encontrando um vasto pantano, transformou-o num centro comercial e populoso, aterrando lodaçais, construindo diques e fortificações; mudou num ambiente verdadeiramente urbano o burgo de pescadores que encontrara. E onde os engenhos dominavam de grande.

Artichofsky teria preferido Itamaracá para fundar a cidade, séde do dominio. Em seu memorial a Nassau e ao Con-

selho Privado, em 1637, exaltava as qualidades de Itamaracá. Dava-lhe um aspecto de tablado já armado, com os seus cenários naturais prontos, faltando apenas as personagens: Dever-se-ia prevenir tudo, em tempo, e começar logo a construir, cultivar, povoar e fortificar os lugares que melhor se prestem ao estabelecimento do nosso poder, e onde nos possamos manter vantajosamente contra qualquer investida. Neste caso, segundo penso, a ilha de Tamarica (Itamaracá), porquanto não sendo por natureza muito grande, nem muito pequena, é de fortissima situação, de tal maneira, que poderia vir a ser uma segunda Tiro e ainda melhor que Osçende e Malta; e, já em cerca de metade, protegida pelos arrecifes, não teria a temer dos ataques do balaruarte hespanhol". (6). E enaltecia a qualidade do ar, da agua, das matas, do clima de Itamaracá. Mas o holandês com o faro da aventura, o gosto da vitoria sobre as aguas, preferiu o Recife. E levantou sobre pantanos uma cidade.

Do que foi essa realização todos os historiadores têm se referido e a visão de Nassau compreendia a importancia das obras levadas a efeito. Ao conde não tinham simples valor de enfeite as pontes, os palacios, os viveiros. Destes dizia que "em tempo de penuria se pode tirar daí uma notavel quantidade de refrescos, ao passo que em outras ocasiões foi necessario procura-los alhures com grande perigo e perda de gente" (7); a importancia das pontes facilitando o intercambio entre os tres nucleos comerciais; a necessidade dos canais para melhorar o transporte das mercadorias; — a tudo não foi estranha a sagacidade administrativa do principe alemão.

E erguido sobre pantanos e rios, o Recife foi um verdadeiro centro urbano; nucleo



O Piromaniaco

comercial desenvolvido, comerciantes enriquecendo, intermediários de negócio abrindo suas casas e escritórios, o Recife tomou o aspecto de cidade, a única, talvez, formada com características urbanas no nordeste, no segundo século, muito embora fosse mais rural a sua formação. E com a sua população de portugueses, holandeses, alemães, austríacos, judeus, o Recife tinha ainda esta gente instável e cosmopolita a lhe dar melhor a fisionomia urbana.

NOTAS: (1) — Souto Maior; "fastos pernambucanos"; in. Rev. Inst. Hist. Bras. LXXV, parte 1º; (2) — Fernão Cardim: "Tratado da terra e gente do Brasil", J. Leite & Cia., Rio, 1925; (4) — J. J. Reesse: "indústria e Comércio Açucareiro no Brasil neerlandez", tra. Alfredo de Carvalho, in Rev. Inst. Arch. Pern. Vol. XVIII, nº 88, 1915; (5) — Roquete Pinto: "Ensaio de antropologia brasileira", Bras. vol. XXII, C. E. N., 1933; (6) — Artichofsky: "Itamaracá", trad. de Pedro Celso, Rev. Inst. Arch. Pern. vol. XXVII; (7) — Memórias deixada por Nassau aos seus substitutos em 6 de maio de 1644, publicada por José Hygino, no "Jornal do Comercio", do Rio, em 1894.

## COMO ELES FALAM DE CULTURA...

Encaramos a defesa pela cultura como um posto de honra. E' a nossa unica fortaleza. Nela sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a gloria dos nossos antepassados que nesta luta tambem deram a sua valiosa contribuição. Nesta defesa sagrada dos principios culturais, não podemos pensar de outro modo: o prestigio internacional de uma nação, a sua autoridade e o seu poder não se medem pelo numero de seus filhos guerreiros e o seu grau temerario de matar; não estão em suas fortalezas e na bondade de suas baterias, senão no numero de seus cidadãos ilustrados, em sua ponderavel força economica, em seu desenvolvimento cultural, em seu resplendor artistico, em seu brilho científico, em seu espirito generoso.

Mas, é justamente o contrario o que vemos hoje em certas nações. E nações que têm a sua tradição de cultura. Que têm ou tiveram os seus grandes cientistas. Que têm ou tiveram os seus escritores de renome mundial. Que têm ou tiveram o seu esplendor artistico. Hoje, no entanto, o panorama se nos apresenta entristecedor. Os seus dirigentes ou a sua imprensa adotam atitudes que nos deixam perplexos. Assim é que vemos eles proprios repudiarem o que ha de mais sagrado na herança que os seus antepassados lhes legou. E' o caso justamente da cultura que defendemos com todas as nossas forças e que eles atacam com toda a sua loucura. Está aqui como se procura destruir o que a humanidade levou milenios para acumular:

**De um almanaque alemão:** "Intelecto! Essa é uma palavra má e com uma forte aparência de judaismo brutal. Jamais poderá ser um intelectual um homem de essencia alemã".

**Do jornal Preussische Zeitung, nº 167 de 17 de junho de 1936:** "O que o Fuhrer diz é a unica verdade que existe; isto nós o sabemos; e aquele que tiver outra opinião, lhe trituraremos os ossos".

**Do sr. Goebbels:** "Quando ouço pronunciar a palavra cultura, saco do revolver".

**Da revista Hussong, de 7 de maio de 1933:** "Nós não somos, nem queremos ser o paiz de Goethe e de Einstein. E' isto justamente, o que não desejamos".

**Da Revista União dos Professores Nacional — Socialistas, nº 2, ano de 1935:** "A sabedoria é a causa de infelicidade; a razão é a causa de degeneração; o cerebro é a causa da despopulação".

**De Queipo de Llano, no diario "Boinas Rojas" de Málaga:** "Como cavalos, devem ser manejados os vassallos e os intelectuais".

**De Millan Astray:** "Morra a inteligencia".

**Do general Mola:** "Para governar um povo não ha mais do que um metodo: o látigo!".

**Do general Cabanellas:** "Dê-me uma garrafa de anís e fundarei uma Republica".

**Do generalissimo Franco:** "A democracia é uma palavra indecente; o povo não merece mais do que pontapés. Desde Platão que ha escravos e amos. Os escravos formam o povo; os amos somos nós, por mandato de Deus, do sangue e do destino".

Nada mais se pode dizer. Essas palavras falam por tudo. E' justamente isto que determina a nossa confiança inabalavel na cultura. Isto significa que a cultura é uma grande força. Mesmo uma força temível. E porisso se procura destruir. Mas, até hoje, em todas as batalhas travadas, ela tem sido sempre vitoriosa...

# JA' FALAMOS EM ANOS DE GUERRA...

Todos os jornais e revistas falam que agora se completou dois anos de guerra. De fato, para todo o mundo a 1º de setembro fez dois anos que a rádio de Berlim anunciava espalhafatosamente, pela voz do ministro da propaganda do Reich, o sr. Goebbels, que os exercitos germanicos haviam transposto

Com a cumplicidade do governo austriaco e da politica dos "apasiguadores", Hitler preparou a conquista da Austria. Em 1938, marcharam pela primeira vez as suas colunas e as suas "panzers" sobre os outros paizes da Europa. Na Austria começou a extensão territorial da Alemanha.

Mas logo abre-se outra pagina que foi escrita em setembro de 1938: é Munich. Em Munich se sacrificou a Tcheco-Slováquia. Triunfaram, mais uma

exercito germanico, que se pudesse desdobrar em efetivos, suficientes, para ocupar as zonas de concentrações que a nova geografia daquelas vastas regiões estavam a indicar. Varsovia ficou sendo o centro de uma semi-circunferencia, para a qual convergiram, em esforços conjugados, os exercitos invasores partindo das fronteiras; a Prussia Oriental, desmembrada do territorio alemão pelo tratado de paz destacou-se como um flanco ofensivo avançado, que a ameaçaria de Norte para Sul, enquanto forças concentradas na Silesia e na Eslováquia, transpondo os Carpátos, investiriam em sentido oposto. Faltava para um monstruoso plano de agressão somente a maquina militar, com tropas numerosas e bem equipadas. Isto não foi difícil conseguir por uma mação a que sobravam homens e que dispunha de um formidável parque industrial, que se desenvolvia tradicionalmente sob a diretriz primordial de servir á guerra.

## MAS,

## QUANDO TERMINARA'?

(Por Um Observador Militar)

a fronteira da Polonia, iniciando a guerra atual e pondo, subitamente, termo ás negociações que então se processavam para dirimir a questão de Dantzig e do celebre corredor polonês. Mas, nos parece que a 2ª guerra mundial não começou na Polonia. Ela começou sim, na Mandchuria. A agressão dos totalitarios militaristas, convertida hoje em uma luta contra todos os povos livres do mundo, foi desencadeada em 1931, quando o militarismo japonês invadiu aquela parte da China. Esta versão nos parece a mais justa e, portanto, a mais certa. E da China a guerra se estendeu a todos os confins da terra. Primeiro chegou na Etiopia. A complacencia das potencias democraticas alentou a Mussolini, a empreender o seu ataque contra a Abissinia em 1935. De todos os recantos do mundo se elevou um amplo protesto ante este atentado, porém as sanções applicadas pela Sociedade das Nações não se applicaram com o vigor que era de se desejar. Surge Hitler na arena politica. Ha modificações profundas na politica alemã. Tendo o nazismo dominado o paiz, inicia-se então uma politica de guerra. Existem grandes lutas. A reação contra este estado de coisas se acentuou. Mas, a 2ª guerra mundial surge agora na Espanha disfarçada em guerra interna. Os militaristas espanhóis, instigados, armados e dirigidos por Hitler e Mussolini se levantaram em armas contra a Republica Espanhola. A não-intervenção e a neutralidade, precursores de Munich, entregaram a Espanha aos agressores, apesar da heroica resistencia de seu povo. Depois chegou a vez da velha Austria.

vez, os "apasiguadores". E assim Hitler ganhou a sua primeira batalha. Logo após surge o verdadeiro fruto de Munich: a invasão alemã da Polonia. Era o 4º golpe do interminável programa alemão para a conquista de "Lebensraum", com o qual o ditador Hitler pensava poder apresentar, impunemente, ao mundo civilizado mais um fato consumado, que teria, a seu ver, por fim, o beneplacito das demais potencias. A rapidez e a violencia com que atirou pelo territorio do paiz adverso a dentro e pelos ceus que o cobrem mais dos tres quartos de seu formidável poder militar, não permitiram nenhuma resistencia. A resultado foi a campanha dos vinte e um dias, em que um moderno exercito de 1.500.000 soldados era completamente aniquilado e uma pequena nação de mais de 30.000.000 de habitantes inteiramente dominada.

Quando, em começos de 1919, os plenipotenciarios dos vencedores da grande guerra, reunidos no palacio de Versalhes, traçavam o mapa da nova Europa, criando os pequenos estados-tampões que, pensavam, haveriam de servir como amortecedores a quaisquer choques futuros entre as grandes potencias, estavam longe de supor que assim delineavam, ao mesmo tempo, por aqueles recantos do antigo continente, o melhor taboleiro para as mais precisas combinações estrategicas de uma campanha ofensiva. De fato, quem olha uma carta contendo a divisão politica do Velho Mundo, que daí resultou, e detem a sua observação sobre o contorno Oeste e Sul do Estado Polonês, descobre, sem muito esmiuçar, que ele se veria desde logo envolvido por um

Chefiados pelos generais von Bock e von Runstedt dois grandes grupos de exercitos (com soldados habilmente treinados á custa do glorioso povo espanhol), um ao Norte e outro ao Sul, apoiados pelo quasi totalidade das forças aereas do Reich, apertaram, em marchas vertiginosas, o cerco terrestre da Polonia, ao mesmo tempo que pelo mar um cruzador de batalha, o Scheswig Holstein, reduzia com os seus fogos á rendição a brava guarnição da praça forte de Westerplate, na peninsula de Hela, e fracos agrupamentos de algumas divisões, do lado de Oeste, estabeleciam-se na "Linha Siegfried", para conter qualquer tentativa de invasão dos exercitos do general Gamelin. Essa luta terrível em forma de blitzkrieg, açoitou e varreu em tres semanas a Polonia do mapa europeu. Seria agora a vez de atacar o Oeste. Mas, enquanto isto, era preciso garantir o Norte. E com a investida contra a pacifica Dinamarca e contra a Noruega, que se viram subjugadas, as hostes hitlerianas, ficaram cobertas ao Norte; e logo refeitas trataram de alinhar-se nas fronteiras belga e luxemburguesa, para uma nova grande ofensiva. E assim a 10 de maio do ano seguinte investiram por Maestricht e pelo Luxemburgo, varando a linha do Mosa e iniciando a terrível segunda blitzkrieg que havia de terminar no desbaratamento do corpo expedicionario britânico na

derrota total dos franceses e no completo domínio de mais tres nações: a Holanda, a Belgica e a França. A gloriosa França teve que se render em Compiègne. A incompetencia do Estado Maior francês e a traição do governo e do proprio exercito ajudaram a romper a resistencia da França. Os homens de Vichy, continuadores da obra de Munich, se renderam ao invasor. Por sua vez a Hungria, a Rumania e a Bulgaria se entregaram tambem abertamente. Depois disto foram as campanhas da Iugoslavia e da Grecia. Isto deu inegavelmente a Hitler e Mussolini como senhores soberanos, o dominio de todos os Balkans. E por ultimo Hitler lançou o melhor de seu exercito contra o imenso paiz dos Soviets, onde o Reich, a Italia e todos os seus aliados estão encontrando pela frente um inimigo capaz, forte e numeroso, que em terra e nos ceus opõe barreira ao avanço dos seus exercitos, da mesma forma que nos mares a invicta Grã-Bretanhã afugenta as suas esquadras e quebra-lhes o poder naval.

A guerra já se estendeu por todos os confins da terra. Nove nações europeias, com uma população de mais de duzentos milhões de almas, foram subjugadas pela formidável maquina belica nazista ajudada pelos italianos; cinco grandes campanhas, milhares de mortos e de feridos, milhões de prisioneiros; a devastação, o incendio, a fome e a miseria a se alastrarem por mais de um milhão e meio de quilômetros quadrados de superficie; os mares a tragarem tambem vidas e precioso material; a Europa continental ocupada discricionariamente e o sangue humano ainda a se derramar pela Africa e pela Asia; temos assim o resumo do trofeu de guerra colhido pelas armas teuto-italianas coligadas, mas que nem mesmo assim deram aos seus povos o alento de uma verdadeira e definitiva vitoria — o unico que eles deviam esperar depois de tantos sacrificios e sofrimentos. Nesta marcha cruenta, pisando com as suas hostes terras ás vezes até amigas, cada adversario que baqueia é logo substituido por um outro, que, mais forte ainda, embarga-lhes heroicamente os passos. Foi invadida a Austria. Entregaram a Tcheco-Slovaquia. Caiu a Polonia. Cairam as pequeninas Holanda, Dinamarca e a Belgica sofredora de 1914 e 1918. Caiu a propria França gloriosa. Cairam os valentes povos montanhesez do sudeste europeu. Mas, atraz destas vitorias que tiveram sempre a cumplicidade de elementos dentro

de suas proprias patrias, se levantam grandes resistencias. Nas montanhas da Servia continua a resistencia do povo, lutando pela libertação nacional. Na Noruega os guerrilheiros continuam tambem uma grande luta. Na França a resistencia, com os atos de sabotagem, aumentam dia a dia e cada vez mais. O mesmo acontece na Holanda, na Belgica, na Polonia, na Iugoslavia, na Rumania, na Bulgaria, na Dinamarca, na Grecia e em todos os outros territorios ocupados. E em terra e no mar dois grandes gigantes estao ainda de pé e se erguem mais, para dizer e mostrar aos alemães e italianos, que no mundo sobram reservas em homens e em potencial guerreiro para imobiliza-los e vence-los. A Inglaterra continua ainda invicta ao poder militar dos totalitarios. O Atlantico é vital para a resistencia da Inglaterra. A ameaça da nova esquadra alemã sorriu um golpe formidável com a perda do Bismarck abatido pela aviação naval e a esquadra inglesa. Com a colaboração da esquadra norte-americana, a Inglaterra conservará o dominio total do mar. A União Sovietica resiste com grande decisão aos ataques alemães. Segundo o coronel Jean Pierre Faure "somente um exercito mecanizado, que empregue igual tatica e poder de ataque pode fazer frente ao exercito alemão e responder a sua blitzkrieg com outra blitzkrieg". E isto ele afirma que é possível a esta nova nação invadida, "onde a nova tatica de guerra do seculo XX teve a origem". A este respeito é significativa a analise de carater absolutamente militar sobre as forças da União Sovietica e sua estrategia frente ao ataque nazista feita pelo capitão Bertrand Nicholls em "Norte" (revista continental editada na America do Norte). Afirma este tecnico militar. "Em contraste com o Exercito Alemão que não possui uma alternativa estratégica, no caso de que fracasse a sua doutrina de guerra de um ato, o Exercito Sovietico conserva o seu basamento estrategico no sentido de transformar a defensiva em contraofensiva, já que para este exercito, "a defensiva não é mais que a preparação da contraofensiva". No caso de que se termine o verão e o Exercito Sovietico permaneça substancialmente intato e os centros de sua moderna industria (ficam em Magnitogorsk, a 1.900 milhas da Prusia Oriental, isto é quasi fora do alcance do avanço militar) continuem fora da orbita de ação do exercito invasor, o Alto Comando Russo poderá passar a contraofensiva

## QUANTO CUSTA A GUERRA

*Inumeros são os calculos que procuram mostrar as fabulosas riquezas desviadas para manter sangrentas lutas, riquezas estas que dariam para promover o bem-estar de todos os dois bilhões de homens que habitam o nosso planeta, si o homem realmente fôsse um ser racional. A guerra moderna com sua crescente motorisação necessita de petroleo em quantidades fabulosas. Um vaso de guerra gasta 840 mil galões de oleo combustivel — o bastante para aquecer uma casa por 350 anos — num simples "loading". Um bombardeio quadri-motor voando de Londres para Berlim e voltando gasta 4.560 galões de gasolina — o suficiente para um automovel percorrer 75.000 milhas. Sabendo disso tudo tem-se vontade de jogar fóra os dicionarios que dizem: "HOMEM — Animal racional e mamifero, que pela sua inteligencia, pelo dom da palavra e pela historia, se distingue dos outros seres organizados, ocupando entre eles o primeiro lugar". Tudo mentira.*

para resistir ao qual o Exercito Alemão não esta preparado. Além disto na elaboração de seus planos militares o Alto Comando Alemão sempre evadiu a possibilidade tragica de uma guerra em duas frentes. No entanto, aumenta cada vez mais a resistencia sovietica. A Inglaterra pode organizar tambem uma ofensiva, cuja preparação leva agora a R. A. F. a cabo sem opposição. E então o fantasma que perseguiu sempre aos estrategistas alemães, de uma guerra em duas frentes, pode ser a mais dura realidade que venha a enfrentar o exercito hitleriano. Então podemos começar a contar os seus ultimos dias".

Essa é a verdade; nos novos campos de batalha se decidirá o curso da guerra. Por isto é que em todo o mundo civilizado já se afirmar: chegou a hora em que todos lutarão para a conquista da paz.

# Atrocidades Que Explicam A Derrota Japonêsa Na China



**UMA PANCADA** com uma barra de ferro foi dada neste menino de 14 anos que pediu para ir para a sua casa quando foi levado prisioneiro e faminto



**MORTE HORRIVEL;** de uma família chinesa de 11 pessoas. Restaram somente 2 quando 30 soldados japoneses forçaram a casa, queimando-a depois do aniquilamento e do saque



**TEVE A SUA CABEÇA QUEIMADA** até virar cinza. Esse homem morreu em poucas horas com esse suplício. Ele foi um dos 100 amarrados juntos, sendo queimados depois com gasolina

Temos aqui uma reportagem sobre algumas coisas que se passam pelo Oriente. Conhecemos o Oriente mais pelas suas lendas, pela sua velha civilização. Como berço do budismo, como patria de Confucio. Ou ainda pelos seus povos de olhos angulosos. Ou pelas suas mulheres de pés pequenos. Mas, isto não é tudo. E' preciso conhece-lo de um modo mais preciso. Principalmente nestes ultimos tempos. Na verdade, o Oriente tem passado por convulsões profundas. Basta um exemplo: essa longa luta entre o militarismo japonês e a vontade firme e inquebrantavel do glorioso povo chinês. Pois bem: foi sobre um aspecto dessa luta encarniçada que construímos a nossa reportagem fotografica. Reportagem aliás de onde podemos tirar enormes e fecundas lições.

Estas 7 fotografias talvez não sejam agradaveis á vista, mas explicam parcialmente por que o militarismo japonês está agora começando a ser batido na guerra. Elas foram apanhadas depois da ocupação de uma cidade da China pelas forças japonesas. O fotografo foi um missionario americano, cujo nome não foi revelado. Ele usou uma camara de 16mm. de amator, cuidadosamente escondida dos olhos obliquos dos invasores.

Pena é que não tenha sido sobre todos os aspectos da invasão. Assim, por exemplo, sobre a parte mais característica: os formidaveis saques que os japoneses praticam em territorio chinês. Mas ele sabia que se filmasse casas saqueadas ou civis quando fusilados e queimados vivos, ele seria preso e sua camara despedaçada. Além disso ele estava demais ocupado, com outros missionarios e medicos estrangeiros, em salvar os civis que lhe fosse possivel salvar. Ele viu um exercito completamente fora de controle, queimando, matando, roubando e destruindo sem parar. Era um verdadeiro tufão: tudo arrasando, tudo destruindo.

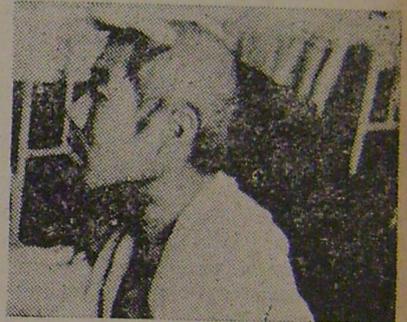
Mas essas atrocidades tiveram, para os japoneses a sua propria vingança devastadora:

- 1) solidificaram a China em uma vontade indomavel de resistir ao invasor;
- 2) desmoralisaram tanto a disciplina militar japonesa que atualmente para admiração do mundo, eles sofrem uma após outra, derrotas esmagadoras;
- 3) aumentaram cada vez mais o desejo de uma China forte e livre.

**EM CESTOS PRIMITIVOS,** os civis chineses que foram fusilados, baionetados ou batidos com cacetes pelos soldados japoneses são transportados pelos vizinhos, para aldeias de emergencia, longe das vistas do invasor.



**PORQUE RESISTIU AO ASSALTO** de sua propria casa, esta mulher de 19 anos foi apunhalada 29 vezes. Ela teve um aborto num hospital de refugiados, mais tarde



**DUAS FERIDAS PROFUNDAS DE BAIONETA** na garganta foram a punição para este esposo e pai que recusou ceder a sua mulher e as suas filhas aos japoneses



**UMA MULHER FERIDA** no braço, no momento em que recebia agasalho e curativos para os seus ferimentos. Nessa mesma noite os soldados japoneses tinham matado o seu marido e o seu unico filho

# UM DOCUMENTO QUE HONRA A GRANDEZA DO ESPIRITO

Tradução de AFRANIO COUTINHO

Thomas Mann famoso escritor alemão que se retirou de sua pátria após o incendio do Reichstag, prevendo que sob um regime como o nazista seria impossível a vida para os espiritos livres, recebeu, em 1936, uma comunicação do Deão da Universidade de Bonn, onde lhe era anunciado que perdera as honrarias que antes a mesma Universidade lhe conferira, em virtude da sua excomunhão nacional. Respondendo ao Deão, Thomas Mann escreveu uma longuissima carta, cujos trechos mais interessantes transcrevemos aqui. Eis a carta famosa, que hoje, apenas cinco anos passados, adquiriu uma tal importancia historica que seu registro se impõe:

"Senhor Deão.

"Acabo de receber a entristecedora comunicação que me dirigistes com data de 11 de Dezembro. Permitti-me responder-vos o que se segue:

As Universidades alemãs, por uma espantosa incompreensão da hora presente, tornam-se cúmplices de todas as forças maleficas que sabotam os fundamentos da moral, da cultura e da economia alemãs, fazendo-se de algum modo o solo de onde essas forças retiram seu alimento. A grave responsabilidade que assumiram por isso mesmo, desde muito me anulou toda satisfação por ter recebido outrora uma honraria academica. Até mesmo me impediu de fazer uso dela. Si eu ostento hoje em dia o titulo honorifico de doutor em filosofia, devo-o á Universidade de Harvard que acaba de mo conferir, dando de sua decisão motivos que eu desejaria vos ocultar.

Eis, traduzido do latim, o texto do diploma: "Nós, Reitor e Senado, com a aprovação dos honoraveis inspetores da Universidade, declaramos e proclamamos em sessão solene doutor em filosofia *honoris causa*, conferindo-lhe todos os direitos e honras atinentes a esse cargo eminente, Thomas Mann, o escritor universalmente conhecido que, esclarecendo por sua obra, para muitos de nossos concidadãos, os problemas que a vida suscita, salvaguardou, com um restrito numero de seus compatriotas, a alta dignidade da cultura alemã".

Vêde que idéia, tão estranhamente oposta á concepção alemã, os espiritos livres e cultivados de alem-Atlantico fazem de meu papel, e posso acrescentar que acontece o mesmo em outros paizes. Não me viria jamais ao espirito louvar-me a mim mesmo nos termos desse documento. Hoje porém, e aqui, posso, devo mesmo citá-lo.

No caso em que, Senhor Deão, a comunicação que me fizestes tenha sido afixada no quadro negro de vossa Universidade (não conheço vossos habitos), desejaria vivamente que minha resposta participasse dessa honra. Certos membros da Universidade, estudantes ou professores, seriam talvez, ao lê-la, tomados de

estupor, rapidamente oprimido sem duvida, mas que lhes permitiria entrever, em uma subita intuição, para além de seu universo limitado, subjugado, hostil, outro universo no qual é livre o espirito.

.....

"Durante esses quatro anos de exilio, que não se poderia classificar de voluntario sem mentir, pois si eu tivesse permanecido na Alemanha ou a ela tivesse voltado, já não mais estaria com vida, não deixei de refletir na estranheza de meu destino. Jamais poderia ter imaginado, ninguem nunca vaticinou sobre meu berço que, em meus dias de velhice, esbulhado e amaldiçoado por minha patria, eu viveria como emigrado, erguido em uma atitude de protesto politico cuja necessidade profunda se me imporia a mim. Desde minha iniciação á vida do espirito, sempre me senti á vontade entre as tradições espirituais de minha nação, graças a um acôrdo feliz com as aspirações de alma alemã. Nasci, antes para testemunhar na serenidade do que no martirio, para trazer ao mundo uma mensagem de paz de preferencia a alimentar a luta e o ódio.

.....

"E' a responsabilidade humana em sua propria essencia; ela nos compromete com o nosso proprio povo, obrigando-nos a conservar pura a sua imagem aos olhos da humanidade. E' no sentimento dessa responsabilidade que nós vivemos a unidade humana, a totalidade do problema humano. E as exigencias dessa totalidade a ninguem permite, hoje menos do que nunca, separar, em sua vida, a arte da coisa politica e social, sob pretexto de se isolar em uma "cultura superior". A humanidade é um todo cujas partes são solidarias. E seria um crime pretender dar um carater de totalidade a uma só forma da vida humana, como a do Estado ou da politica, subordinando a ela todas as outras.

.....

"A razão de ser e o objetivo supremo do Estado nacional-socialista residem unicamente nisto: adextrar o povo alemão para a "guerra que virá", reprimindo sem considerações, extirpando pela violencia qualquer veleidade de reação; fazer desse povo um instrumento de guerra, infinitamente docil, que nenhum pensamento critico enfraquece, e que se deixa arrastar por uma ignorancia cega e fanatica. Com efeito, esse sistema não saberia ter outra finalidade, outro pretexto. Somente ela, a idéia de preparação integral para a guerra pode justificar o sacrificio da liberdade, da justiça e da felicidade humana, pode explicar que esses homens assumam tão facilmente a responsabilidade de tantos crimes realizados abertamente ou em segredo. Desde o momento em que a idéia

# Subjectivismo e Humanismo

JULIO FELIPE

A oposição existente entre os escritores que se evadem da vida e os que mergulham nela é uma simples, uma pura oposição de dois conceitos de escol.

De um lado os subjectivistas, preocupados com os problemas do "eu", da pessoa humana em si mesma, isolada do meio economico, social, "curvando a cabeça sobre o umbigo"; do outro, os defensores de um novo humanismo, de um humanismo humano, de um humanismo que vê, primeiro que tudo, as realidades sociais, que vê o homem numa ambiencia social, que encara os problemas do mundo e da vida em relação ao homem, que não se limitando á copia da realidade, antes as encara e as toma por origem, superando-as.

De um lado a introspecção, o "interiorismo", o homem centro do mundo (se ele é um "mundo" e "no seu proprio ventre se gerou"...), egocentrismo; do outro, a integração num "destino coletivo tendente a transforma-lo" — na expressão de André Malraux — a reação heroica ás imposições do mundo, deste mundo.

A mistificação dos anseios humanos que constituem os problemas atuais, de interesse universal — por um lado; a elevação des-

ses mesmos anseios, a elevação das angustias e da esperança, dos desesperos e das aspirações dos que lutam dia a dia e que tombam no meio da jornada — por outro.

Posta assim a questão, porque em verdade se pode afirmar que se trata de grupos irreductiveis, como a afirmação e a negação de um complexo sistema. Grupos que correspondem a épocas conflituosas.

Duas concepções. Dois conceitos antagonicos, que se contradizem.

Pura contradição literaria?

A afirmativa implica um mundo espiritual, cultural, com uma existencia de per si, inteiramente independente, quando em verdade os movimentos, as tendencias e as pugnas que se travam no campo da cultura, não fazem sinão refletir o movimento, as tendencias e as pugnas que se dão no meio material. E' que uma literatura e uma arte são reflexos de uma época.

Ha nesta oposição, subjectivismo — humanismo, qualquer coisa de mais profundo do que uma simples questão literaria.

\* \* \*

Dizem os "interioristas" que a introspecção é o unico processo conducente á descoberta do substrato universal, isto é, a psique individual constitue o que ha de estavel na produção literaria. Assim, haveria na literatura um nucleo, absolutamente imutavel, que seria o fato psiquico-pessoal.

Claro que uma afirmação desta natureza pressupõe a elevação do homem como ser espiritual e abstrae do homem que vive uma vida social, um drama coletivo, que luta, sofre e morre.

E assim pretendem justificar a sua attitude.

Vá de se curvarem sobre si mesmos, revelando os seus "mundos" caquetiecos, os "seus casos", as "revoluções interiores", os seus "desmaios". Que a natureza humana é identica no espaço e no tempo. A "angustia metafisica" revela-nos uma consciencia mistificada. A introspecção, autenticos casos patológicos, por vezes miserias morais, aberrações, morbidez de carater.

E as realidades exteriores, a vida do homem medio não são verdades eternas: são fatos transitorios.

De acôrdo quanto á segunda observação, que em nada contribue para a valorização do subjectivismo.

Sim, a vida coletiva, na forma que em cada época reveste, não é uma "verdade eterna", porque a realidade humana é dinamica, mas constitue o fundo dos problemas atuais. Quem ha aí que o negue?

da guerra, como fim em si propria, se desvanecesse, tudo aquilo se reduziria a um sistema de torturas completamente insensato e vão.

.....

"Em verdade, Senhor Deão, esqueci de todo que é a vós que me dirijo. Posso tranquilizar-me, no entanto, pensando em que há muito já que não me acompanhais horrorizado com essa linguagem da qual se perdeu o habito na Alemanha, estupefacto de que se ouve falar alemão livremente. Oh! não é o orgulho que me faz falar assim, porém a angustia torturante de que vossos chefes não puderam libertar-me no tempo em que decidiam que eu não seria mais Alemão. Minhas palavras nasceram de um sofrimento da alma e do espirito cujo peso cada instante de minha vida carrega desde quatro anos, e contra o qual eu tive, por uma luta cotidiana, de defender minha obra. Minha pena é imensa. Si o homem, por pendor religioso, não deixa de bom grado cair de seus labios ou de sua pena o Não supremo, há todavia momentos de profunda emoção em que, para exprimir-se por inteiro, ele não pode abster-se disto. Permitti-me pois, porque não posso dizer mais, terminar minha carta com esta invocação:

Deus queira socorrer nosso paiz ensombrecido e desviado de seu caminho, e lhe ensinar a paz com os outros e consigo mesmo!

Thomas Mann

Ano Novo, 1936 - 1937".

Quanto ao fato individual constituir o que ha de imutavel na produção literaria, que ninguem ignore que não é por causa desses "dramas individuais", dessas inquietações metafísicas que os homens agem. E' por uma maior dignificação.

E é isto, a luta pela maior dignificação do homem que se pretende trazer para a literatura.

Literatura ao serviço d'ua raridade.

E será compreendida pelo homem de todas as ruas do mundo. Porque o homem de todas as ruas do mundo compreende a vida

\* \* \*

Pretendem os idealistas por esta questão num puro campo ideal, porque "de um lado os problemas da cultura — do outro os problemas da vida". Divorcio absoluto.

E a verdade é muito outra. Subjetivistas e humanistas não são apenas correntes contrarias nos dominios literarios e artisticos. São isso e mais alguma coisa. A contradição é mais ampla. E' uma contradição total. São duas atitudes perante a vida. Não foi a literatura simplesmente que as separou. A questão é mais de ordem filosofica do que a oposição de duas escolas literarias.

Mas os idealistas mistificam os problemas.

O seu idealismo não os deixa aperceberem-se de como apareceu o movimento humanista contemporaneo. Não vêm o que ele

representa na historia do pensamento humano. Não vêm como ele surge como um parto na civilização em que eles apareceram e ficaram, e procura ultrapassa-la. Não notam como esta nova mentalidade ameaça encher uma época e traduz uma reação ao ambiente em que surgiu.

O antagonismo, a oposição literaria e cultural, porque a literatura e a cultura são manifestações da vida, exprimem uma particularidade da contradição total.

Não é a pura força dos argumentos intellectuais que decidirá. E' a propria necessidade historica.

\* \* \*

Homem absoluto, homem abstrato — e teremos obra falsa. Totalidade do real — e teremos obra humana.

E os subjectivistas que olhem para o momento historico que os homens vivem. O mundo impõe a cada um, uma atitude. A renuncia representa uma fuga. E uma fuga, uma traição.

A contradição que os separa dos humanistas consequentes (porque enquanto eles fogem ao mundo, os outros procuram-no para viver nele e supera-lo) — que ninguem o esqueça. — não é uma pura contradição intellectual.

Porque a historia do pensamento tem as suas raizes na historia da vida.

## Cem Anos Alemães

Por mais estranho que pareça, o título tem cabimento. Talvez seja necessario crear uma nova medida do tempo para uso exclusivo dos sonhadores alemães. Para compreender melhor precisamos recordar-nos do que foi espalhado pelo mundo quando Hitler invadiu a Russia. Aquela guerra era uma especie de guerra santa, uma guerra empreendida contra o bolchevismo para salvar a cristandade, e segurando o pavilhão da cristandade vinha á frente o mesmo homem que lançou o pastor Niemöller num campo de concentração e que há anos vem tentando sistematicamente acabar com as religiões cristãs na Alemanha. Porém, como o mundo estivesse bastante desconfiado das palavras de Hitler, as afirmativas do porta-voz Herr Goebels foram inteiramente desmoralizadas, e a tal ponto que os proprios super-homens do nazismo não mais se deram ao trabalho de guardar as apparencias. Por ocasião da Feira de Amostras de Koenisberg tanto Hitler como o dr. Funk se dirigiram á Prussia Oriental falando das imensas possibilidades que se abriam para ela com a derrota da Russia. A "Nova Europa Oriental" controlada pelo Reich, e com seu escoamento pelo porto de Koenisberg. Uma maravilha. E que ninguem duvide das possibilidades nazistas. A bitola das estradas de ferro

russas na zona ocupada já foram substituídas numa extensão de 15 mil kilometros — segundo informações alemãs — pela bitola do sistema ferroviario germanico. Ativamente elles vêm trabalhando para reconstituir tudo que os russos sistematicamente destruíram em sua retirada: usinas, minas de ferro e de carvão, a gigantesca central hidro-eletrica de Dnieprostói. Nada restou da colheita deste ano e o gado foi abatido ou levado pelo exercito russo. Enquanto isso os tecnicos alemães trabalham febrilmente e prometem assegurar a sorte da Europa por cem anos pelo menos.

Nada haveria de mais interessante, ou de mais ameaçador, si quiserem, não fôsse a recordação de fatos identicos ocorridos em 1916 e 1918. Surgiram então os mesmos programas, o ajustamento do sistema ferroviario russo ao do Reich, o equivalente imperial do dr. Funk prometia mundos e fundos para um seculo de paz sob o tacão da Grande Alemanha, criavam-se estados "independentes" como a Ucrania, Letonia, Estonia, que faziam paz em separado, e com o tratado de Brest-Litovsk em Março de 1918 estava concluída a "consolidação" da Europa Oriental para um periodo minimo de cem anos. No entanto oito mezes depois ruia fragorosamente o Imperio Alemão.



*Esses 40 casebres, em Massaranduba, são servidos pela vala comum que divide a rua ao meio. Nela se faz todo o despejo...*

O caso da habitação proletária é sempre o mesmo em todos os lugares. As favelas do Rio, os mocambos de Recife, os ranchos, as choupanas, os barracos de zinco, as choças, os casebres da Bahia — quer nas baixadas alagadi-

ças da Massaranduba ou nos morros da Liberdade — guardam entre si a mesma miséria comum. A mesma sordidez humana se reflete no depauperamento fisiológico, na ruína moral, nas devastações da mortalidade. Apenas o fato troca de nome ou encontra, aqui e ali, maior ou menor boa vontade para eliminá-lo, maior ou menor grau de compreensão possível em acelerar o seu reajustamento social. Não são poucas as vezes que a solução dessa anomalia tem servido para fins de exploração política. São programas de construção de habitações e vilas operárias que morrem no papel enquanto milhares de pessoas, que poderiam ser úteis ao país, estão morrendo de verdade em quatinhos sujos, sem luz, sem higiene. Poderia somar às centenas de milhares o número de crianças que antes de atingir a adolescência encontram a morte por tuberculose, por incapacidade física, por subalimentação. Cercadas da miséria que reina nesses casebres, elementos humanos que deviam produzir o bastante para a economia do país e seu soerguimento industrial, escondem nos corpos mal tratados pelas doenças e sub-nutrição as razões de sua incapacidade de trabalho.

# A MISERIA

## COME E DORME

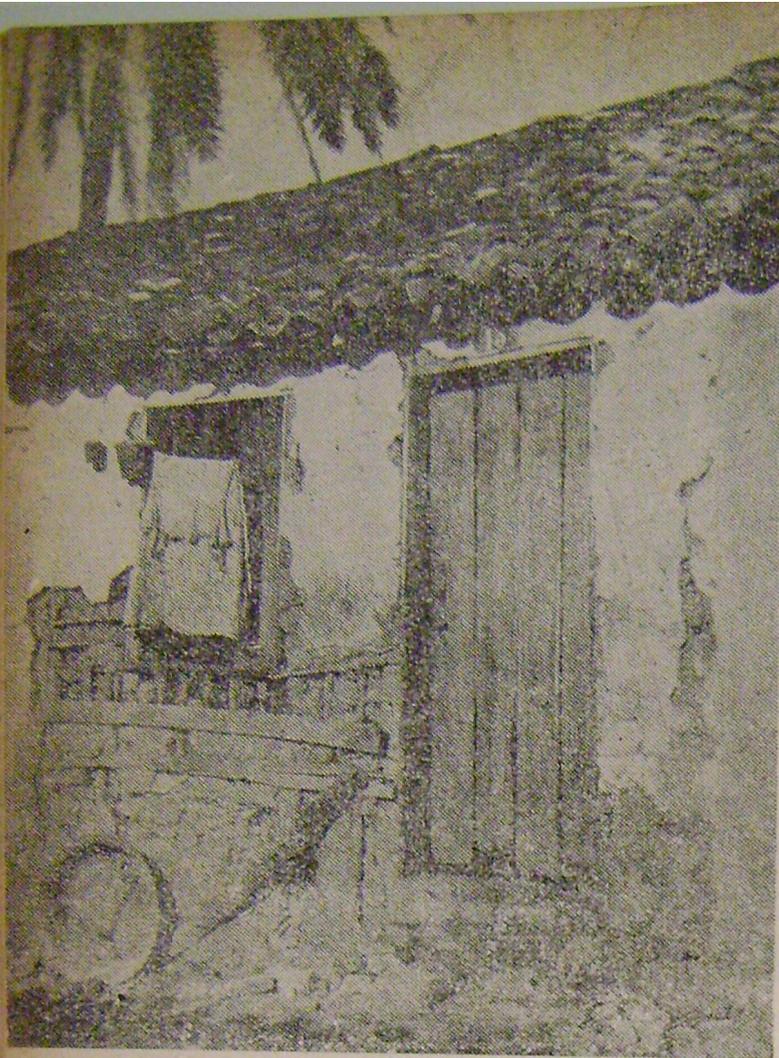
### EM CASAS DE 20\$

Reportagem de ARISTON ANDRADE

nos casebres de taipa. A Delegacia Regional do Recenseamento verificou que o número de mocambos no município do Salvador atinge a assombrosa cifra de 21.107, ou seja 47% dos prédios existentes nesta cidade. E, longe de diminuir esse número, a tendência está orientada num sentido de ascensão vertiginosa.

O problema da habitação operária é complexo, mergulha suas raízes em causas econômicas, políticas e até mesmo de educação. Implica no envolvimento de questões de tão notória gravidade que muitos preferem deixá-lo de lado, na expectativa de que o futuro se incumba de eliminá-lo. Contudo, o motivo está aí, gritante. Reclamando uma solução que não fique apenas dependendo do determinismo dos processos evolutivos da história. Evidentemente os mocambos, e todo o seu enorme cortejo de efeitos, não desaparecerão se um agente influente não surgir para precipitar o seu desaparecimento. Neste caso, o próprio poder público. A ele, melhor do que a ninguém, compete o estudo do assunto. Ao Estado compete o reajustamento desses homens, mulheres e crianças — metade da população desta cidade — que vivem sob

O decréscimo de nossa população não está absolutamente sujeito ao fato de que homens e mulheres do povo estejam evitando filhos. O que há na verdade é a mortalidade infantil, mortalidade que alcança o seu grau máximo



O operario Antonio Valença mora ha seis anos nessa casa. Ha quatro que vem pedindo ao senhorio para tapá-la...

a pressão ingente das doenças, da sub-nutrição, da falta de higiene e de tantos perigos que o casebre acarreta em grau muitissimo mais elevado que outros males sociais.

**G**ERALMENTE a idéa do operario está sempre ligada ao trabalho do homem nas fabricas, ao trabalho propriamente industrial. Si encararmos o assunto sob esse prisma, qualquer consideração a respeito da habitação proletaria estaria sujeita a uma revisão simplesmente por que o nosso parque industrial é acanhadissimo, não contando com mais de 329 fabricas (nesse numero estão incluídos os "pequenos fabricos" sob a denominação de fabricas. As fabricas de grandes inversões de capitais e produção racional exportavel não ultrapassam ao numero de duas dezenas) e 8.000 operarios especializados. Portanto é preciso notar que o nosso objetivo é o de generalisar, tanto quanto possível, o sentido de proletariado, considerando como operario não somente auxiliares das industrias, os manufatureiros, como também os pedreiros, carpinteiros, calceteiros, empregados domesticos, cozinheiras e copeiras, levando o assunto até onde trabalhadores de qualquer categoria habitam em mocambos. Como toda essa massa, calculada em mais de 130 mil pessoas, vive em casebres cujo aluguel em media é de 30\$000 mensais, claro está que o problema da habitação operaria é alarmante e sério, dependente de uma conside-

ração urgente e definitiva. Tanto quanto alcança o nosso conhecimento, a densidade de população proletaria noutros centros urbanos está limitada em determinados logradouros, em determinados bairros. Restringe-se, no Rio, aos morros da Favela, Mangueira e Salgueiro. Em Recife, a densidade mais pronunciada é nos logradouros da Boa Viagem. Aqui não existe tal separação, separação oriunda talvez dos custos elevados dos terrenos, e a sua crescente valorização com as inversões de capitais em construções de cimento armado. Na Bahia os casebres invadem todos os bairros, pululam em todas as grotas, encostas e baixadas, ocupando ousadamente os intervalos entre as habitações confortaveis, numa berrante e estravagante ostentação de pobreza e desconforto. Na Vitoria, na Barra ou nos fundos dos Barris, para os lados do Dique, em qualquer 4 metros quadrados encontra o mocambo espaço para a sua raiz. Muito difficilmente, portanto, poderia alguém intentar derubá-los, visando o melhoramento da estetica urbana, como se procede em Recife. Melhor do que com palavras, o fato é explicado na estatística abaixo, colhida pela Delegacia Regional do Recenseamento. Na zona urbana:

LOGRADOUROS	Predios de alvenaria	Casebres e mocambos
Brotas .. . . . . .	46%	54%
Conceição da Praia ..	98%	2%
Mares .. . . . . .	75%	25%
Nazaré .. . . . . .	98%	2%
Penha .. . . . . .	80%	20%
Pilar .. . . . . .	94%	6%
Paço .. . . . . .	99%	0,5%
Santana .. . . . . .	84%	16%
Santo Antonio .. . . .	39%	61%
São Pedro .. . . . . .	87%	13%
Sé .. . . . . .	100%	0%
Vitoria .. . . . . .	54%	46%

Excetuando os logradouros centrais, cujas construções datam de seculos, com densidade de edificação absoluta, com terrenos carissimos, como a Sé, Paço, Pilar, Nazaré e Conceição da Praia, os mocambos invadem a cidade em todos os sentidos. E', contudo, na zona suburbana que a densidade de casebres mais se acentua:

LOGRADOUROS	Predios de alvenaria	Casebres e mocambos
Aratú .. . . . . .	25%	75%
Candeias .. . . . . .	47%	53%
Cotegipe .. . . . . .	2%	98%
Ipitanga .. . . . . .	6%	94%
Itapoan .. . . . . .	24%	76%
Maré .. . . . . .	79%	21%
Matoim .. . . . . .	5%	95%
Paripe .. . . . . .	24%	76%
Passé .. . . . . .	10%	90%
Periperí .. . . . . .	31%	69%
Pirajá .. . . . . .	12%	88%
Plataforma .. . . . .	31%	69%

As razões que determinam a maior aglomeração de mocambos na zona suburbana —

rural, assim deveria ser considerada, especialmente para fins de tributação e arrecadação municipal — são faceis de deduzir: terrenos mais acessíveis, com inversões comodas de pequenos capitais. Aí o aluguel médio dos casebres é de 20\$000 enquanto que nas zonas urbanas é de 30\$000.

**T**UDO o que ficou dito aqui não teria sua significação exata si as mesmas considerações não viessem acompanhadas de observações "in loco", observações que nos põem a descoberto as condições de miséria, de degradação desses casebres escuros e sordidos onde as doenças grassam como em campo livre. E' de 41%, na zona urbana, e 76% na zona suburbana o numero destes barracões, perfazendo a média de 47% dos predios existentes em toda a cidade. Isto são fatos incontestáveis que nos dão uma idéa da importancia social do problema. Em Massaranduba o numero atinge a cifra de 875 casebres, todos localizados numa area de pouco mais de 4 quilometros quadrados.

Com o fim de objectivar a presente reportagem, revestindo-a de um carater honesto, sincero, a salvo de observações falsas e conclusões apressadas, alí estivemos e, mais do que visitando, inquirimos, auscultamos, investigamos o padrão de vida daquela gente. Nem seria preciso ir muito longe para concluir que o nivel de vida da familia de Izidoro Souza — fundidor de uma fabrica de tecidos e que alí mora com mulher e sete filhos, constituindo uma familia que consideramos como nivel médio de vida do operario bahiano — está abaixo do que poderia ser admitido como humano em sociedades mais avançadas e industrializadas, nas quais o operario gosa de amparo efetivo. Izidoro conta 41 anos, ganha 7\$000 por dia e é casado com Maria Feliciano, tres anos mais moça. Izidoro é de côr, de compleição normal. Sua mulher tambem é de côr, tem 39 anos, mas parece ter 50. E' que ela tem de auxiliar nas despezas e cuidar dos filhos, em numero de sete. Maria os teve em numero de onze. Os outros quatro morreram com um ano e oito meses, um ano e três meses, sete meses e o quarto com apenas oito dias de nascido, respectivamente de tuberculose, asma, doença da pele e infecção do umbigo. Os vivos são: Miguel, sapateiro, 23 anos, casado, morador doutro mocambo no Rio Vermelho; Virgilio, de 18 anos, aprendiz de sapateiro, com um ordenado semanal de 20\$000; Francisco, de 16, aprendiz de alfaiate com 3\$000 por dia; José, de 15 anos, tambem aprendiz de sapateiro e com 6\$000 por semana; Joselita, de 10 anos; Valdelice de 7 e Albino de 3 meses. Joselita está no segundo ano primario e Valdelice no primeiro, ambas na escola publica dos Dendezeiros. Cada um delas deveria contribuir com 1\$000 mensalmente para a caixa escolar. Ha cinco meses, porém, não dão a sua contribuição.

**A** VERDADEIRA significação dramatica, a verdadeira significação do baracão, do casebre, anda muito deturpada na irresponsavel fantasia sentimental do samba. Ninguem poderia limitar, de boa fé, a tragedia da vida de Izidoro e sua familia, por exemplo, dentro das quatro paredes

do seu mocambo, um dos 42 casebres de Av. Rocha, cujo aluguel é de 25\$000. A tragedia de Izidoro é a mesma de milhares de pessoas como êle. Estes 25\$000 pagam dois aposentos, separados ao meio por uma parede. Essa parede divide a casa em duas metades de 1,80 de comprimento por 1,40 de largura cada. Na parte anterior ha uma porta e uma janela. Neste diminuto e ridiculo espaço estão alojados dois banquinhos de madeira, uma pequena mêsca e uma maquina de costura, de mão. E' nesta maquina que Maria Feliciano costura os vestidinhos das meninas da vesinhança, o que lhe vale a economia de uns 10\$000... O aposento do fundo é onde a familia dorme. Ha uma cama de casal, mala e cabide. Na cama dormem Izidoro e sua mulher, Joselita e Valdelice. Essa promiscuidade certamente valeu a estas duas crianças o conhecimento prematuro dos processos pelos quais a especie se serve para sua perpetuação. Ainda é motivo de discussão se a oportunidade que teem as crianças como Joselita e Valdelice, de desde cedo conhecerem as coisas do sexo, desperta ou não o desejo da experiencia sexual fora de tempo. No entender de muitos, contudo, Joselita e Valdelice já vêm no fato uma coisa normal, algo já banal, como comer e dormir, e que dele não cuidam até que a natureza se incumba de lhes oferecer um companheiro, em tempo e circunstancias normais. Essa promiscuidade

*A doença do pequeno Ezequiel começou com a pneumonia...*



cuidade, além de oferecer oportunidade para considerações de ordem moral, traz consequências que a medicina e a higiene mandam evitar. São sobretudo as doenças contagiosas que grassam em meio de toda essa verdadeira imundície, contagios oriundos de contatos muito estreitos entre inquilinos de um mesmo casebre ou de mocambos de uma mesma rua, agravadas pela inexistência total de saneamento, falta de recursos, sub-alimentação, depauperamento fisiológico e ignorância dos mais banais princípios de higiene. Não cabe aos operários, às classes trabalhadoras, aos moradores da Massaranduba, Liberdade, Japão ou Mata-Escura a culpa de toda essa manifestação de injustiça e de desequilíbrio social.

**A** TUBERCULOSE e outras doenças de caráter social trazem as suas causas não só do excesso de trabalho e do sono não suficientemente completo mas sobretudo da má alimentação. E' por isso que a tuberculose é senhora absoluta nos mocambos. Adquire a tuberculose o trabalhador, o operário que trabalha muito, come pouco e dorme mal para satisfazer as necessidades de sua família. Nos Estados Unidos, onde as classes trabalhadoras já gozam de um relativo conforto — mesmo que um terço da população seja mal alimentada e vestida, segundo o próprio Roosevelt — é a seguinte a porcentagem de tuberculosos em cada profissão, sobre 100.000 obitos:

*Isso é o que resta de uma família de sete*



Nas profissões liberais . . . . .	28,3%
Proprietários, gerentes, altos funcionários . . . . .	44,8%
Trabalhadores agrícolas . . . . .	46,7%
Empregados de escritórios e caixeiros . . . . .	62,4%
Operários qualificados e capatazes . . . . .	74,2%
Operários não qualificados . . . . .	183,1%

Mesmo lá, portanto, são os operários as maiores vítimas da peste branca. Pelos dados acima a porcentagem de morte por tuberculose entre os operários norte-americanos é sete vezes mais alta que entre as profissões liberais. Infelizmente não pudemos obter estatísticas nos nossos serviços médicos especializados. Mas como o padrão de vida da classe trabalhadora entre nós é figurado pela família do fundidor Izidoro Souza, dando publicidade às despezas semanais com alimentação dessa família, teremos feito um cálculo aproximado do que seja a sub-alimentação coletiva:

4 quilos de carne sêca . . . . .	19\$200
2 quilos de farinha . . . . .	1\$000
1 litro de gaz . . . . .	1\$200
1 quilo de assucar . . . . .	1\$000
1 quilo de café em pó . . . . .	1\$500
1½ quilo de sabão . . . . .	1\$500
1 lata de leite condensado . . . . .	2\$600
200 gramas de toucinho . . . . .	1\$100
200 gramas de manteiga . . . . .	1\$800
2 quilos de feijão . . . . .	1\$800
1½ quilo de milho . . . . .	\$400
1 carretel de linha . . . . .	\$600
2 caixas de fosforos . . . . .	\$400
100 gramas de cebôla . . . . .	\$600
Pimenta e cuminho . . . . .	\$400
1 garrafa de vinagre . . . . .	1\$200
<hr/>	
36\$300	

Isso parece explicar porque o operário é sub-nutrido. Um inquerito levado a termo pelo tecnico Josué de Castro revelou que o regime alimentar de cada brasileiro fornecia 1.700 calorias, regime de nutrição altamente deficitario. Isto de referencia á população total, porque se aquele tecnico levasse as suas investigações á classe trabalhadora encontraria resultado muitas vezes mais desolador. A sub-alimentação operaria, que acarreta a mortalidade sobretudo infantil, está meridianamente interpretada na média domiciliar das zonas de densidade proletaria:

Aratú . . . . .	3,3%
Candeia . . . . .	4,0%
Cotegipe . . . . .	3,8%
Ipitanga . . . . .	3,8%
Itapoan . . . . .	3,8%
Maré . . . . .	4,9%
Matoim . . . . .	4,1%
Paripe . . . . .	4,6%
Passé . . . . .	4,0%
Periperí . . . . .	4,1%
Pirajá . . . . .	3,1%
Plataforma . . . . .	4,5%

Em C  
const  
caseb  
te su  
to, d  
lia i  
rece  
nas.  
pel  
dore  
do-lh  
do-lh  
de d  
trido  
muit  
cont  
doro  
da c  
rifica  
tidos  
fresc  
tos i  
organ  
ros,  
1.700  
tro.  
higien  
quant  
ment  
ra nã  
vendi  
vale a  
chafa  
lata d  
queno  
muito  
do ec  
cia ev  
tora.  
a enu  
porém  
que, s  
padrã  
dorme  
de 20%  
fica q  
mensais  
um des  
o que é  
do razo  
pulosos  
este se  
interpre  
no será  
numa m  
uma fan  
como se  
manda q  
permite  
tão, uma  
o que rep  
ja ampli  
nida Car

A Delegacia Regional do Recenseamento constatou que a mortalidade infantil atinge nos casebres a uma espantosa cifra, frequentemente superior a 60% para cada domicilio. De oito, dez e doze filhos nascidos, os chefes de familia informavam que restavam, por ocasião do recenseamento, tres, quatro e cinco vivos apenas.

Além da dizimação infantil pela fome e pelas doenças, o casebre atúa sobre os trabalhadores minando-lhes a capacidade vital, desviando-lhes o interesse pela comunidade, deprimindo-lhes a moral, restringindo-lhes a capacidade de trabalho... Como podem homens subnutridos, abatidos moral e fisicamente, produzir muito sob o latego impiedoso de tantos fatores contrarios?

Do orçamento alimentar do fundidor Izidoro apreendemos quão baixo é o nível de vida da classe trabalhadora. Em primeiro lugar verificamos a pobreza nutritiva dos generos contidos naquele orçamento. Ha ausencia do leite fresco, da carne, das verduras e ovos, alimentos indispensaveis á economia e equilibrio do organismo. Evidentemente, com aqueles generos, nenhum dos filhos do fundidor adquire as 1.700 calorias previstas pelo Sr. Josué de Castro. A ignorancia dos usos recomendados pela higiene, individual e coletiva, se reflete na quantidade de sabão consignada no citado orçamento: 1/2 quilo para toda uma semana! Embora não figure no orçamento já citado, a agua é vendida ao preço de \$500 a lata. E essa agua, vale acrescentar, é comercializada pelos proprios chafarizes publicos. Também ali aparece uma lata de leite condensado. Esta se destina ao pequeno Albino, de três meses, cujo organismo muito difficilmente poderá se manter equilibrado com a escassez do leite materno, consequencia evidente da carencia alimentar da progenitora.

A alguns poderia parecer desnecessaria a enumeração de tantos detalhes. Continuamos, porém, isistindo no valor desses pequenos fatos que, super-estimados, nos dão conta exata do padrão de vida nos casebres de 20\$000, onde dorme e come a miseria...

**S**EGUNDO determinação do Ministerio do Trabalho, as fabricas que mantem as casas proletarias as aluga a seus operarios, não poderão descontar mais de 20% sobre o salario do inquilino. Isto significa que, o operario que percebe os 150\$000 mensais instituidos pelo Salario Minimo, terá um desconto de 30\$000 em folha de pagamento, o que é justo, perfeitamente proporcional. Tudo razoavel, todavia, se os industriais inescrupulosos não explorassem o texto da lei, visto que este se presta claramente a uma duplicidade de interpretação. Diz a lei que o operario inquilino será descontado na base de 20%. Bem, se numa mesma casa habitarem cinco operarios, uma familia inteira, como é a maioria do caso, como se procederá? A lei, naturalmente, não manda que toda a familia seja descontada. Mas permite essa interpretação. Nestes casos, então, uma casa de 30\$000 passa a valer 150\$000, o que representa uma boa soma para quem deseja ampliar capitais. E' na vila operaria "Avenida Carneiro da Rocha", no Caminho de Areia,

que uma tecelã, cujo salario é pago pelo que produz na fabrica, desembolsa 16\$000, todas as semanas, para o pagamento da casa em que habita, com os filhos. A média semanal dos seus ganhos, todavia, é de 20\$000. Isto significa apenas que essa tecelã, como centenas de outras, emprega 76% do seu salario somente na habitação. Para estes, portanto, o problema de alimentação se reveste de circunstancias de muito maior dramaticidade.

Só pelo fato de que tais vilas operarias sejam, em geral, dotadas de instalações sanitarias — agua, esgôto, banheiro — não constitue, ou pelo menos não deveria constituir motivo para exigencia superior ás possibilidades normais de um operario. O fato exposto deixa claro que as classes trabalhadoras seguem sujeitas, com uma frequencia espantosa, a dificuldades financeiras tremendas, quer habitem em mocambos, quer vivam em vilas operarias mantidas por estabelecimentos industriais, com um fim aparente de auxilio, de compensação.

**N**O inicio observamos que o problema social do casebre, em essencia, guarda as mesmas caracteristicas em todos os centros urbanos. Varia apenas a maneira como encara-lo: si como um fato natural ou anomalia social. Sobre os mocambos de Recife, uma publicidade bem orientada os tem transformado em casas abundantes, em casas de modicos alugueis, casas accessiveis até aos operarios não qualificados. Contudo, a realidade é bem outra. 3.500 mocambos drasticamente demolidos e apenas 800 casas levantadas (não sobre os alicerces daqueles, mas em locais outros) deram como resultado o despejo obrigatorio, oficialmente prescrito, de milhares de operarios que, de um momento para outro, viram-se sem onde abrigar a familia, indenizados apenas com 100\$000.

E' evidente que o problema do casebre deve ser resolvido. Resolvido, porém em bases humanas, normais. A socialização da morada proletaria deve ser efetuada honestamente: Casas para quem realmente as precise. Não para funcionarios publicos de mediana situação financeira.

Entre nós o caso ainda não mereceu a atenção devida. Somente agora vem de se dar o passo inicial para a construção da vila operaria que o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados de Transportes e Cargas deverá levantar nos terrenos do Caminho de Areia, vila essa que reunirá 85 casas. Ora, como o Instituto conta com um numero de 12.000 associados, a tentativa ainda estará muito longe de satisfazer á exigencia que se impõe. Ha outros Institutos em funcionamento, como o dos Industriarios, dos Comerciantes, dos Estivadores, dos Maritimos que já deviam estar cogitando da construção de vilas, de vez que as suas arrecadações atingem a centenas de contos de réis. Contudo, a construção de vilas, tão somente, não elimina o problema do casebre: Urgente se torna que os preços dos alugueis sejam modicos, na que os preços dos alugueis sejam modicos, accessiveis á grande massa dos fundidores — como Izidoro Souza — dos pedreiros e das empregadas domesticas, sem o que tudo resultaria em exploração publicitaria, em vez de obra de reajustamento social.

**N**A sociedade capitalista a mulher ocupa uma posição de inferioridade. É multiseccular este estado social do elemento feminino, no grande imperio mundial da propriedade privada. Em todos os aspectos da vida da mulher transparece o papel secundario que lhe foi dado desempenhar até hoje, em pleno seculo XX. É um fáto consumado. Da época do matrimonio monogamico, instituição primitiva, ao fascismo, a mais reacionaria instituição contemporanea, sua condição social em nada mudou. Apenas são diferentes os modos de opressão. Não é verdade que o nazismo elevou á categoria de "doutrina" palavras repisadas de estupidez e reação de um seu corifeu? "a mulher deve ocupar-se dando filhos ao mundo, enquanto que os homens se ocupam nos campos de batalha".

Mas, apesar de tudo, em determinados momentos historicos, convulsões na ordem social privada têm chamado a mulher a prestar serviços mais ativos á sociedade, equiparando-a ao homem. A guerra ocupa o primeiro lugar entre os fenomenos sociais libertadores precariamente da mulher. A historia das guerras está cheia de historias de heroismos femininos. Fiquemos, porém, nas guerras contemporaneas.

Em 14 é do conhecimento do mundo o sacrificio da mulher europeá, sacrificio em



nada deficitario ao do homem. E a este ela se igualou. Igualdade de sexos; vitoria precaria de um principio revolucionario em plena subversão da ordem capitalista. Aliás, a propria guerra, como uma profunda contradição imperialista, põe em perigo a estabilidade de sua instituição basica, a propriedade privada, e isto dá logar a uma mudança de situação — para a sua propria defesa — das relações sociais.

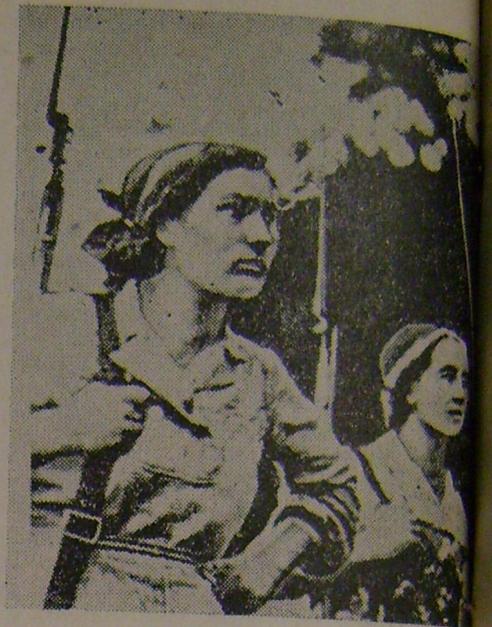
Na heroica Espanha, vivas e impressionantes paginas de intrepidez e valor descreveu a mulher republicana, defendendo a liberdade e independencia de seu povo contra o fascismo. A mulher espanhola é um simbolo do sacrificio, coragem e heroismo na luta pela democracia.

## A MULHER E A GUERRA

A mulher chinésa, com a resignação caracteristica dos povos orientais, tem ajudado extraordinariamente ao exercito nacional na luta sagrada que sustenta ha 3 anos contra o imperialismo niponico.

Na carnificina que ora assola e devasta a civilização, a mulher, muito mais que nas anteriores, tomou posições definitivas na defesa de suas patrias. E tanto na luta em plena batalha, como na luta seguinte contra o invasor, nos paizes ocupados, ela tem sido uma companheira digna do homem, igualzinha a ele. Na França, com um esforço e uma coragem admiraveis, ela faz a "campanha do silencio".

*Mulheres inglesas trabalhando ativamente.*



*Guerrilheiras russas, o pesadelo dos invasores*

não dando, sequer, a confiança de olhar para o brutal invasor. Em todos os demais paizes ela resiste heroicamente á assimilação com os seus dominadores, conspira, sabota e continua ainda a lutar.

A mulher russa, então, tem demonstrado um valor extraordinario. Na União Sovietica é proclamada a igualdade de fato dos dois sexos. Ai, a mulher se libertou dos preconceitos e da situação de inferioridade em que se encontrava nos paizes capitalistas, participando, na mesma proporção do homem, da vida social. Isto fez com que a mulher russa soubesse defender a Patria como um verdadeiro soldado. Ela é aviadora, milita no exercito e na marinha e é uma guerrilheira audaz.

Tudo isso vem mostrar que ha necessidade da efetivação de um papel mais decisivo da mulher na sociedade. Na guerra e na paz é preciso ser dado á mulher um maior numero de oportunidades, igualando-a ao homem nas profissões liberais, na fabrica, na escola, em todas as atividades sociais, porque está comprovada sua capacidade de ação, secularmente esmagada por um falsa concepção da mulher, que assegurou sua exploração e escravidão.

OS  
AC  
..Ho  
estud  
com  
tissin  
que r  
vros  
de fi  
sões  
tilada  
ses en  
tes q  
mada  
ria; e  
do as  
quimi  
ção d  
que de  
pazes  
estava  
cional  
objetiv  
vvida  
travam  
questõ  
gerais  
interess  
campea  
zas, su  
suas co  
dios. N  
tes bra  
ciencia  
gentes.  
Hoje,  
rece, m  
versitari  
ver dem  
vivo dos  
teatral d  
com prin  
finalidad  
dora. A  
os estuda  
peças de  
suficiente  
em conta  
dessa mo  
tar á fre  
nosso ver  
rico.  
AMPAR  
BORRA  
Ha três  
mente, foi  
nica, junta  
S. Paulo,  
gencia econ  
nitais, num  
acorreram s  
ringais e lá

## MOTIVOS

## NACIONAIS

## OS ESTUDANTES ACORDARAM

.. Houve um tempo em que os estudantes só se preocupavam com os problemas de seu estreitíssimo ambiente. Um círculo que não abrange mais do que livros de anatomia, compendios de física aplicada. Suas discussões não passavam das já ventiladas em aula; seus interesses eram os indicados pelos lentes que se baseavam em derramadas citações, montes de teoria; era a explicação exaustiva do assistente; a "prática" de química do preparador; a eleição do orador da turma... O que desejamos dizer é que os rapazes das escolas superiores não estavam dentro da realidade nacional. Pouco sabiam da vida objetiva, intensa, da vida mais vivida do que pensada. Não entravam em suas cogitações as questões sociais, os problemas gerais da vida, os conflitos de interesse humano, a miséria campeando ao lado das riquezas, suas causas, seus efeitos, suas consequências, seus remédios. Na verdade, os estudantes brasileiros não tinham consciência das coisas realmente importantes.

Hoje, pelo menos ao que parece, mudou o panorama universitário. Isso acabamos de ver demonstrado no interesse vivo dos estudantes pela obra teatral de Joraci Camargo, obra com princípios definidos, com finalidade, sobretudo reformadora. A compreensão com que os estudantes interpretaram as peças daquele teatro foi suficiente para que se tenha já em conta o grau de consciência dessa mocidade, que deverá estar á frente na formação do nosso verdadeiro destino histórico.

## AMPARO Á BORRACHA

Ha três décadas, aproximadamente, foi a borracha amazônica, juntamente com o café de S. Paulo, o centro de convergência econômica. Braços e capitais, numa enorme avalanche, acorreram sofregamente aos seringaais e lá jorrou o dinheiro,

dinheiro fácil. O Amazonas se populou; o Acre, comprado á Bolivia, deu um lucro muitas vezes superior ao preço da compra... Contudo, a falta de amparo, a inexistência de auxílio racional por parte do governo Central, os desequilíbrios da importação, a especulação ambiciosa dos exportadores, além de outros fatores não menos complexos, determinaram a queda brusca e quasi definitiva do produto. E o Brasil deixou de ser o maior exportador, cedendo lugar ás Indias Holandesas e ás possessões inglesas na Africa.

Numa tentativa de reabilitar sua exportação e industrialização acaba de ser creado um decreto que, posto em execução, poderá vir assegurar a matéria prima indispensavel ao funcionamento das fabricas nacionais de artefatos de borracha, pondo-a ao abrigo da concorrência estrangeira. Além disso, a medida trará outra vantagem: A de amparar e estimular a economia do Amazonas, desenvolvendo-lhe os meios de civilização.

Determina o dispositivo governamental que a importação de produtos manufaturados de borracha e exportação da nossa matéria prima, de qualquer tipo e qualidade, dependem de previa autorização da Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil, a quem compete o controle absoluto dos preços, no mercado interno, tanto da borracha virgem como dos produtos já industrializados. E, se tudo isso acontecer, os nossos caminhões já não serão obrigados a rodar sobre pneus americanos, apesar da borracha brasileira continuar sendo a melhor do mundo.

## A QUÉDA DO TRAFEGO MARITIMO

São evidentemente comprovadas com estatísticas as complicações que o conflito europeu veio trazer ao trafego marítimo. O numero sempre crescente de afundamentos por submarinos, a retirada das linhas comerciais de navios que foram incorporados aos serviços de guerra pelos beligerantes e tambem a paralisação, nos portos

neutros, de grande numero de unidades mercantes são fatores que deram lugar, diretamente, á situação de vexame a que se acha presa a vida economica do Brasil. Embaraços que não só afetam a exportação de produtos basicos do comercio externo como tambem entravam a importação, especialmente de maquinas e utensilagem necessarias ao aproveitamento da oportunidade para aceleração de nossa industria.

Para compreensão exata da fase angustiosa que ora passa a navegação de longo curso, falamos os numeros com maior eloquencia: Em 1938 — antes da guerra, portanto — deram entrada em nosso porto 601 navios procedentes da Europa e America do Norte; em 1939 já as entradas foram de 566 embarcações, decrescimo logicamente ocasionado pela deflagração da guerra em setembro; em 1940 continua a queda, agora para 366, uma diferença de 200 para menos, portanto, em relação ao ano anterior. Ainda mais visível é a diferença entre os primeiros semestres deste ano e de 1940. Enquanto em 1940 somaram-se 246 entradas, apenas 159 embarcações deram entrada este ano com uma diferença, dasfavoravel, de 87.

Contudo, graças a uma compreensão exata da crise, ha esforços nacionais para que essa deficiência de trafego não caia numa paralisação completa: Dentre as providencias está a da retirada de navios de cabotagem para serviço em portos de países proximos e a criação de novas linhas, com o fim de obtenção de novos mercados necessarios ás exigencias de nosso comercio, como as da Africa do Sul e para portos da costa americana do Pacifico.

## ESCOLAS RURAIS AMBULANTES

Num de seus artigos para esta revista, João Nitão observa que "Os maiores fracassos em nossa agricultura têm sido em grande parte por falta de uma orientação tecnica objetiva".

Plantar, fazer agricultura hoje em dia, não significa lançar as sementes no seio da terra e esperar despreocupadamente que a Mãe Natureza faça o resto... E' necessario conhecer as possibilidades do solo; saber a que modalidade de cultura se presta a terra e o conhecimento de administração, o emprego de operações tecnicas, comerciais, financeiras, etc. Toda essa entrosagem mais ou menos complexa tem o objectivo, afinal, de produzir muito para produzir barato, coisa que

os nossos agricultores desconhecem de maneira lamentável por falta de uma orientação técnica, uma assistência racional, enfim.

O problema não é, contudo, sem uma solução. Outros países igualmente agrícolas, como Argentina e Uruguay, para não citar os E. E. U. U., já têm conseguido instruir os seus agricultores, quer sejam grandes ou pequenos proprietários da terra. Os métodos lá empregados foram por certo outros: Entre nós poderíamos usar os próprios estudantes de agronomia para esse fim, resultando em aproveitamento, não só para os agricultores, como para os próprios estudantes, muitos dos quais nunca foram ao campo. Queremos sugerir, então, a criação de escolas rurais ambulantes que percorreriam diferentes regiões agrícolas e pastoris ensinando e aprendendo como se produz muito e racionalmente.

A sugestão não é impraticável e poderia merecer a atenção dos jovens estudantes das nossas Escolas Agrícolas.

## O BRASIL EXPORTA TECIDOS

Com a Europa em Guerra e a America do Norte quasi inteiramente preocupada com o desenrolar da conflagração, surge uma excelente oportunidade para o desenvolvimento das indústrias nacionais.

Dentre as nossas produções é a de tecelagem porém, a que mais vem se aproveitando da situação. A Argentina e países Sul-americanos, que se abasteciam nos mercados da Inglaterra, Canadá e E. E. U. U., viram-se de um momento para outro na falta do produto. E apelaram para as tecelagens brasileiras. Igualmente estão fazendo a Africa do Sul e mais recentemente as Índias Holandesas e a propria America do Norte.

Indicam as estatísticas que, embora a guerra não haja afetado a produção mundial do algodão em rama, o mesmo não acontece, todavia, com o consumo. Estima-se, mesmo, que o consumo será de 10% inferior á produção, na presente safra. E' que, preocupados com a aceleração das indústrias estratégicas, as nações produtoras de tecidos tiveram de paralisar seus fusos, ou convertel-os em produtores de paraquedas, lonas, barracas de campanha e uniformes militares.

Nossas preocupações, que são felizmente outras, nos dão tempo suficiente para vestir a quem precisa de roupa...

# Retrato De Madame Curie

Maria Sklodowska nasceu em Varsovia em 7 de novembro de 1867. Era de uma familia de professores (o seu pai era matematico e fisico). Muito jovem ainda, a sua vocação se fez sentir. Terminados os seus estudos secundarios foi forçada a se empregar como instrutora para ganhar a vida. Depois de algum tempo partiu para Paris com as suas poucas economias. Ali leva a vida das estudantes pobres, absorvida completamente pelo estudo. Logo doutorou-se em ciencias fisicas e depois em matematicas. Em 1894 travou amizade com um jovem sabio de grande valor, com o qual contraiu matrimonio no ano seguinte. Desde então Madame Pierre Curie e o seu esposo prosseguiram juntos os trabalhos que os levariam ao descobrimento do radio.

Sem apoio, dispondo de modestos recursos pessoais, tiveram que se contentar para os seus estudos com um galpão miseravel. Neste galpão os dois grandes sabios passaram a sua vida modesta e gloriosa. Em 1903 se lhes concederam o premio Nobel da fisica, ao mesmo tempo que o H. Becquerel. Eram então completamente desconhecidos do grande publico. Em 1906, quando havia adquirido uma fama que lhe permitiria continuar a sua obra, Pierre Curie foi atropelado por um caminhão, que lhe causou a morte. Madame Curie ficou então com dois filhos para educar e com a pesada tarefa de continuar, ela só, a obra começada pelos dois. Não desanimou. Continuou infatigavelmente o seu trabalho até a morte.

Nomeada em lugar de seu marido, foi a primeira mulher que teve a honra de entrar para a Faculdade de Ciencias de Paris. Depois da primeira grande guerra, consagrou todo o seu tempo ao Instituto de Radio. Este Instituto foi creado graças aos esforços do Instituto Pasteur e da Universidade de Paris. Então Madame Curie poderia ter feito uma grande fortuna, vendendo o radio que havia preparado com o seu marido. No entanto, o ofereceu todo ao seu laboratorio.

Em 4 de julho de 1934, morreu de anemia. Sem duvida foi devido aos seus trabalhos. Ela era incansavel em sua luta pela ciencia.

O nome de Curie segue cobrindo-se de gloria: devemos á sua filha Irene-Joliot Curie descobertas admiraveis. Não podemos deixar, portanto, de admirar profundamente, áqueles que consagraram sua vida á procura infatigavel do que haverá de proporcionar melhores dias á humanidade.

# DA FISICA DE DESCARTES A' FISICA DE NEWTON

A. GOUVEIA

Nos alvares da filosofia moderna o mecanicismo de Democrito volta a ser falado. Bacon, por exemplo, coloca o pensador de Abdera num plano de evidencia entre todos os filosofos da antiguidade. Escreve ele: "Esta filosofia que afastou Deus do sistema do mundo, não reconhecendo como causas das coisas particulares senão a necessidade, sem intervenção das causas finais, fez uma doutrina mais solida e penetrou mais além na natureza do que Platão ou Aristoteles". Contudo Bacon não vem ressucitar o atomismo de Democrito, pois, como diz Lange, "não quer perder-se nos atomos, cuja existencia implica o vazio e uma materia imutavel (duas hipoteses absolutamente falsas); mas procura o principio das formas nas particulas verdadeiras da materia, tais como se encontram na natureza".

Foi o filosofo francês Gassendi quem procurou renovar, na filosofia moderna, o pensamento de Epicuro. A época não era boa, no campo da filosofia como nos outros, para as afirmações ousadas; a igreja velava para que não lhe tresmalhassem o "rebanho" e Gassendi, apesar de conceder que a materia teria sido creada por Deus, julgou mais prudente queimar cinco tomos dum livro que preparara.

Mas é já sob um outro ponto de vista que Descartes vem colocar o problema da materia. Assim afirma: "A natureza da materia ou do corpo tomado em geral não consiste no fato de ser duro, pesado, colorido, ou de impressionar os nossos sentidos de alguma maneira, mas no fato de ser uma substancia extensa em comprimento, largura e profundidade". A propriedade caracteristica da materia é pois a de ser extensa. Mas a extensão, em virtude do conceito matematico que dela faz Descartes, não pode ser finita nem no sentido do maior nem no sentido do menor. Os atomos indivisiveis, "inseparaveis", de Democrito, como o mundo finito de Aristoteles, são assim rejeitados. O espaço é concebido como pleno e o vazio é colocado de parte, pois Descartes não precisa dele para explicar o movimento que "é a mudança dum parte na materia ou dum corpo da vizinhança daqueles que lhe estão imediatamente contiguos e que nós consideramos como em repouso na vizinhança de outros".

A fisica de Descartes apresenta-nos duas tendencias diversas. Na sua primeira fase o filosofo frances é guiado nas suas investigações pela tecnica matematica. Assim, do geometra Cavalieri. Assim num trabalho que escreve para Huyghens, o efeito da força, o trabalho, é definido, com o auxilio de noções gerais que não voltamos a encontrar na sua fisica definitiva, pelo movimento que produz na unidade de massa. A invenção da geometria analitica, o uso da fisica matematica, caracterizam essa primeira fase do espirito cartesiano. Na segunda fase, a expli-

cação da natureza limita-se á mecanica do choque. Segundo Bréhier, "Descartes parece convencido de que a prodigiosa complicação de causas impede que cheguemos a efeitos que se possam exprimir com formulas simples" (como as formulas matematicas).

Um corpo será incapaz, por si só, de modificar o seu estado de repouso ou movimento e apenas o choque com outros corpos pode modificar o seu estado. Nas suas sete leis sobre este fenomeno, Descartes procura explicar como a quantidade de movimento, imprimida por Deus á materia, permanece após o choque dos corpos a mesma que era anteriormente a ele. A natureza da materia implica a necessidade dos turbilhões que são sob muitos aspectos uma reedição dos turbilhões de atomos de Democrito. E o nosso sistema solar, com os seus planetas, será apenas um turbilhão de que o Sol ocupará o centro.

Para a sua concepção mecanica do universo, parte Descartes da explicação dos aparelhos ou engenhos fabricados pelos artesãos. Da mesma maneira o universo seria constituido por engenhos identicos, feitos por Deus, "pois não reconheço nenhuma diferenca entre as maquinas que fazem os artistas e os diversos corpos que a natureza compõe, a não ser que os efeitos das maquinas não dependem senão do arranjo de certos canos e molas, ou outros instrumentos que, devendo ter algumas proporções com as mãos daqueles que os fazem, são sempre tão grandes que as suas figuras e os seus movimentos se podem ver, ao passo que os canos e molas causados pelos efeitos dos corpos naturais são ordinariamente muito pequenos para serem apercebidos pelos nossos sentidos".

Escreve George Friedmann: "Nada será mais util para restaurar a figura de Descartes, do que mostrar tambem as contradicções vivas dum homem que, apesar de seu genio, não podia transcender o seu tempo"... Numa nota recente "sobre Descartes e Galileu", Federico Enriques, o grande matematico italiano, observa que Galileu, no seu estudo sobre a queda dos graves, "com a prudencia dum sabio fica ligado á explicação dos fatos particulares". Mas Descartes, numa carta a Mersenne, lamenta que Galileu "sem ter considerado as primeiras causas da natureza tenha procurado as razões de alguns efeitos particulares, e assim tenha edificado sem alicerces". De fato é a obra cartesiana que neste ponto ficou sem alicerces porque o seu enorme élan racional não soube integrar o fecundo e restrito metodo experimental e perdeu-se constantemente na floresta das "causas primeiras da natureza".

A doutrina da igreja, fundada no aristotelismo de São Thomaz de Aquino, recebe com Descartes um golpe profundo. A escolastica, com as suas rumações infundaveis de textos autorisados, com a sua confusão de ideias contraditorias, é arredada do pensa-

## PROBLEMAS DA BAHIA

## O COMERCIO INTERNO DO CACAU BAHIANO

Uma coisa que não se justifica é a fraqueza do comercio de cacau entre a Bahia e os outros Estados. Sim, porque o nosso intercambio interestadoal, dia a dia, vem aumentando. Ele está assumindo mesmo uma grande importancia na economia nacional. E essa importancia ha de ser sempre cada vez maior. Temos a este respeito estatísticas somente a partir de 1921. Mas, se se tomar o movimento desse ano como índice 100, vai-se encontrar, já em 1939, esse volume duplicado. Em 1937, o volume desse comercio ultrapassou mesmo de dois milhões e meio de toneladas.

No entanto, a contribuição do cacau neste comercio interestadoal tem sido insignificante. Deduz-se pelo nosso Estado, que é o maior produtor e que domina totalmente o mercado, tanto externo, como interno. A quantidade de cacau bahiano exportado para o consumo interno, é de não haver nenhum argumento que possa justificar. O seu valor é, por assim dizer, de todo ridiculo.

Observando-se as estatísticas, vê-se que, na realidade, somente 5 Estados importam o nosso cacau. Essa importação foi de 14.783 sacos em 1936, de 12.677 em 1937 de 12.913 em 1938. Isso significa que as percentagens do comercio interno, sobre o total geral da nossa exportação de cacau, foram, para estes tres anos, de 0,75%, 0,72% e 0,62% respectivamente.

Em 1936 a quantidade exportada foi a seguinte para cada Estado: Pernambuco, 650 sacos; Rio Grande do Sul, 1.853; Rio de Janeiro, 2.699; São Paulo, 9.275; e Santa Catarina, 305. Já em 1937 temos a seguinte va-

riação — Pernambuco desce a sua importação para 380 sacos; Rio Grande do Sul não vai além de 1.300; Rio de Janeiro só atinge 1.750; para São Paulo, que é o maior importador, só se chegou a exportar 8.932; e para Santa Catarina houve uma exportação de 295. Em 1938 a exportação assim se distribuiu — Pernambuco, 275 sacos; Rio Grande do Sul, 900; Rio de Janeiro, 1.383; São Paulo 10.075; e Santa Catarina, 250. Ha unicamente um aumento de exportação para o Estado de São Paulo de 1.143 sacos. Todos os outros Estados continuam diminuindo cada vez mais as suas importações.

Além destes Estados importadores, tivemos ainda a exportação de 1 sacco para Alagoas em 1936, e de 20 sacos em 1937, e mais 30 sacos em 1938, para o Estado do Paraná.

Durante esse período de tres anos foi unicamente este o nosso comercio de cacau com todo o paiz. Quer dizer: só commerciamos com seis Estados (não é possível contar com Alagoas), faltando, portanto, ainda quinze. Nestas condições não se pode afirmar que temos um verdadeiro comercio interestadoal de cacau. E' bem verdade que em 1939 a nossa exportação foi de 15.188 sacos de 60 quilos para São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Santa Catarina, Paraná e Pará. Essa exportação representa de fato um aumento para o ano anterior, de 2.275 sacos.

Talvez haja quem pretenda afirmar que o nosso mercado interno, não sendo assim de importancia para a Bahia, é, no entanto, para os outros estados produtores.

mento filosofico. Segundo Enríques, "foi por se terem instituido em juizes da sociedade segundo a sua razão pessoal que homens como Galileu e Descartes se colocaram no primeiro plano da ciencia e do pensamento modernos". Diz Gerard Milhaud: "Compreender Descartes é lembrar-nos que tudo no seu tempo, educação social, habitos do pensamento, tudo conduzia a exprimir-nos em linguagem metafisica, que a revolução intelectual se fazia atravez das próprias formas do passado".

Lembra-vos: recusar a fé quando ela não se baseia em "razões naturais bem evidentes", "era fazer obra de heroismo". Era de fato fazer obra de heroismo, e a sorte que tiveram Giordano Bruno ou Galileu diz-nos bem até que ponto poderiam ir as consequências desse heroismo.

Se em Descartes as matematicas ficaram por aplicar na explicação dos fenomenos fisicos, outro tanto não sucede com Newton, em quem as matematicas são applicadas aos fenomenos naturais, com extrema precisão. Os grandes fenomenos cosmicos, como o movimento dos planetas, peso, as marés, tradu-

rem-se em formulas perfeitas, acabadas. Sob este aspecto podemos dizer que é Newton quem definitivamente se serve dos simbolos matematicos como forma rigorosa das ciencias exatas. Mas se na sua mecanica celeste assim acontece realmente e o movimento dos astros, fixadas as leis da atração, se concebe matematicamente, não é menos certo que a metafisica se insinua ainda em Newton para explicar o "porque" das coisas. A mecanica newtoniana está ainda ligada á teologia. Um Deus intervinha no mundo á laia de geometra e arquiteto para combinar duma certa forma os elementos naturais. Como é que as particulas animadas de movimento e submetidas ás leis de atração se tinham agrupado necessariamente num sistema como o solar? Foi Deus que assim as agrupou? Não! disseram mais tarde Kant e Laplace: a explicação desse agrupamento tem de ser feita com as próprias leis da materia e de seu movimento. Mas quando eles, como os seus continuadores, quizeram procurar uma explicação científica desse fato, foi usando do metodo de que Galileu, Descartes e Newton lançaram as bases, que eles conseguiram ir mais além no dominio do homem sobre a natureza.

Port  
essa  
real  
que  
1935  
a pr  
ra e  
los  
lume  
te  
dera  
tores  
merc  
Pará  
impo  
insol  
dos  
co r  
mesm  
lo. T  
do en  
volun  
que a  
quilo  
  
de a  
ro e  
rior a  
ca, a  
cacau  
merci  
te...  
foi de  
total  
to ist  
0,72%  
impor  
percen  
brasile  
14.783  
ção qu  
Ora, e  
de 193  
as per  
pectiva  
volume  
esse m  
Em se  
preciso  
e que r  
dução a  
nos col  
rior não  
lidade:  
de Caca  
toda a  
tramos  
nal dos  
cuja pol  
mente, a  
ciço salie  
tituto de  
sa inde  
guardar  
mo tam  
como já  
cional de  
valorizaçã  
com o ap  
Inglaterra  
cacaueira  
acertada.  
mente def

Portanto, o mercado interno é coberto com essa produção. Mas, isto não condiz com a realidade das cifras. Sabe-se, por exemplo, que a produção geral de todo o paiz foi, em 1935, de cerca de 100.000.000 quilos. Sendo a produção bahiana de 95.407.800 quilos para esse ano. Resta tão somente 4.592.000 quilos para os outros Estados produtores, volume esse que é exportado em sua maior parte para o exterior. Assim não se pode considerar a produção dos outros Estados produtores, como concorrente do nosso cacau no mercado interno. Tanto isto é verdade que o Pará, que é um Estado produtor, em 1939 importou do nosso cacau. Está aí uma prova insofismável. Aliás, mesmo que a produção dos outros Estados ficasse toda no paiz, pouco representaria. Veja-se que ela é inferior mesmo á importação do Estado de São Paulo. Tanto assim que Jequié, que está colocado em 6º lugar na produção bahiana tem um volume a mais de 1.474.300 quilos, uma vez que a sua produção atinge cerca de 6.086.520 quilos.

Um fato é preciso ainda notar: paizes de area menor que qualquer Estado brasileiro e mesmo de população muitas vezes inferior á nossa como, por exemplo, a Dinamarca, a Belgica e a Suecia importam o nosso cacau em maior quantidade que todo o commercio interno. E' perfeitamente interessante... A importação da Dinamarca em 1937 foi de 20.251 sacos, ou sejam 1,16% sobre o total geral da exportação bahiana. Enquanto isto o commercio interestadual só alcançou 0,72% com 12.677 sacos. A Belgica em 1936 importou 21.081 sacos, que representam uma percentagem de 1,07% sendo a dos Estados brasileiros de 0,75% para a quantidade de 14.783 sacos. Já a Suecia tem uma importação quasi duas vezes superior a dos Estados. Ora, enquanto o mercado interno absorveu, de 1936 e 1938, cacau que só pode atingir percentagens de 0,75%, 0,72% e 0,62% respectivamente, exportou-se para a Suecia um volume que lhe cabem as percentagens, para esse mesmo periodo, de 1,07%, 1,54% e 1,04%. Em se tratando destes paizes da Europa é preciso considerar tres fatores importantes que nos são de todo desfavoráveis: a produção africana com forte concorrente e que nos coloca nos mercados em situação inferior não só pela quantidade, como pela qualidade; a Liga Internacional de Produtores de Cacau, organização inglesa que controla toda a produção africana, á qual nos encontramos subjugados; e o "Bureau International dos Fabricantes de Chocolat et Cacao" cuja politica de valorização não foi, felizmente, aceita pelo nosso paiz. Aliás, é preciso salientar a luta que neste sentido o Instituto de Cacau vem desenvolvendo pela nossa independencia. Na verdade devemos guardar distancia não só desses "trusts", como também dos "arranjos internacionais", como já se fez com a Conferencia Internacional de Bruxelas de 1932 e as tentativas de valorização de 1933, dos plantadores ingleses, com o apoio do Ministerio das Colonias da Inglaterra. E' preciso que a nossa politica cacauera continue sempre nesta direção acertada. Só assim é que pode haver realmente defesa dos interesses nacionais. E

esses interesses necessitam, mais que nunca, ser defendidos com maior força.

Mas, voltemos ao nosso commercio interestadual. E' interessante observar-se ainda neste commercio a oscilação que ha na importação de cada Estado. Com Alagoas não se pode contar, uma vez que a sua importação foi del sacco de cacau de 60 quilos, unicamente em 1936. O Paraná que em 1936 não importou nenhum sacco, em 1937 e 1938 teve uma percentagem, frente ao total da nossa exportação, a qual não é mesmo possível qualquer calculo, devido a sua insignificancia. O Estado de Pernambuco teve neste mesmo periodo, isto é, de 1936 a 1938, uma percentagem de 0,03%, 0,02% e 0,01%. O Rio Grande do Sul teve uma importação que correspondeu a 0,08% no 1º ano, 0,07% no 2º e 0,04% no 3º. A percentagem do Rio de Janeiro foi de 0,14% para 1936, de 0,10% para 1937 e 0,07% para 1938. Já Santa Catarina só alcançou uma percentagem de 0,01%, 0,02% e 0,01% respectivamente. Enquanto isto o Estado de São Paulo importava o nosso cacau em percentagens animadoras: de 0,48% em 1936, chegou a atingir 0,51% em 1937, para descer um pouco em 1938, com 0,49%.

Ha, é bem verdade, um certo movimento ascendente em nosso commercio interestadual de cacau. Mas, é por demais diminuto. A progressão só vem acentuando para o Estado de São Paulo. Para os outros Estados a oscilação é constante. E o peor é que essa oscilação não tem sido um sentido de variabilidade para mais e para menos em cada mês ou em cada ano. Ela se tem dado somente em sentido decrescente. A curva desce vertiginosamente. De 1936 para 1938 esse decrescimento se caracterizou do seguinte modo: de 0,02% para Pernambuco, de 0,05% para o Rio Grande do Sul, de 0,07% para o Rio de Janeiro.

Vê-se, portanto, com a análise feita, que quasi não ha um commercio interno de cacau. O que existe é por demais restrito e acanhado. Então, é preciso que se procure fazer esse commercio. E' um problema a ser considerado. E que carece de ser resolvido. A sua solução determinará um certo desafogo na formidável crise a que este produto foi jogado com essa segunda guerra imperialista. Também não nos deveremos esquecer de que os Estados Unidos estão, como unico comprador, aproveitando-se admiravelmente dessa situação afim de tirar o maior proveito possível. Essa tem sido e continuará a ser a sua orientação: politica de expansão, politica de lucros desenfreados, politica imperialista.

Não podemos ficar por mais tempo na dependencia absoluta do mercado externo. Esse vem sendo até hoje o nosso grande erro. E' preciso que se dê uma nova orientação á nossa politica cacauera. Procure-se, pois, a expansão do intercambio interno. E' uma questão do mais alto interesse para o nosso futuro. Essa politica pode proporcionar uma melhora substancial em nossas condições de resistencia ás violentas oscilações de preços do cacau no exterior. Representa assim um vasto programa de ação economica.

# ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS DA RAÇA NEGRA NO BRASIL

BERNARDO KORDON

A quantidade de africanos introduzidos no Brasil tinha sido calculada, aproximadamente em 3.300.000. No atual movimento revisionista desse aspecto histórico, Renato Mendonça calcula que o número de africanos introduzidos no Brasil foi de 4.830.000. Edison Carneiro, por sua parte, calcula que o número foi mais elevado: "Se havia bom vento, fazia-se a viagem entre a Costa da Mina e o Recife em 15 dias. Os navios negreiros transportavam, em média, 300 negros. Quando começaram as limitações e as perseguições ao tráfico — por parte da Inglaterra, que, favorecida pela abertura dos portos do Brasil, necessitava colocar aqui seus produtos, e sabia, por experiência, que o escravo é um péssimo consumidor —, alguns navios houve que transportassem 700 negros. A princípio as "peças" eram vendidas a 100\$000, mas, com as limitações, esse preço se elevou a 300\$000 por cabeça. Nestas condições, e ainda mais tratando-se de um paiz do qual Saint-Hilaire pôde dizer que era "essencialmente agrícola", o número de escravos importados não poderia ser tão reduzido..." E consideramos também a favor de Edison Carneiro, a função continental de diversos introdutores de escravos no Brasil. Muitos desses africanos terminaram sendo levados para o Rio da Prata. O Brasil, colocado em ótima situação geográfica frente a África, exerceu em relação a Buenos Aires o mesmo papel que as Antilhas para com os Estados Unidos, onde se importaram grandes contingentes de negros de Cuba, de São Domingos e das Guianas.

Em 1549 é autorizada a importação de negros nas colônias portuguesas da América, se bem que isso já fosse feito de forma ilegal. Quando Martim Afonso de Souza chega à Bahia em 1531, encontra na enseada de Todos os Santos uma caravela que se dedicava ao transporte de escravos. (2) O transporte do elemento africano começa, pois, quasi simultaneamente com a colonização do Brasil. Habitado por tribus de índios guerreiros e de cultura agrícola inferior, e cuja resistência ao colonizador luzitano era imensamente favorecida pelas condições geográficas (clima torrido, selvas impenetráveis, rios caudalosos, região montanhosa), o braço negro, em tais condições, não só era necessário como instrumento de trabalho, mas também como arma de guerra. E essa função o negro desempenhou durante toda a história do Brasil até a guerra do Paraguai. Os colonizadores portugueses se viram obrigados a importar o agricultor e o guerreiro negro para cultivar as terras descobertas por Pedro Álvares Cabral. "O índio, principalmente por sua inferioridade de condições culturais, de tendências nomades, apenas influenciadas pelas primeiras e vagas predisposições para estabilização do trabalho agrícola, faliu no trabalho sedentário. O africano executou este trabalho com vantagem sobre o índio, principalmente por vir de condições culturais superiores" (3). Estas condições de cultura africana notavam-se principalmente nos negros sudanezes, fortemente influen-

ciados pelas culturas mussulmanas, árabes e bereberes, chamados no Brasil negros *mussulmís* ou *malés*.

Quando em princípios do século XIX os sintomas de revoltas sucederam-se entre estes negros mussulmanos, culminando com o levantamento de 1835 na Bahia, mais do que uma típica sublevação de escravos, podemos ver aí o desafogo de uma cultura oprimida. E era uma cultura não inferior à da maioria dos colonos portugueses, quasi sem nenhuma instrução, analfabetos ou semi-analfabetos, enquanto grande parte dos negros sudanezes escrevia com caracteres árabes. A informação do chefe de polícia que reprimiu o movimento "malé" de 1835, faz notar que os revoltosos se comunicavam por escrito, em caracteres desconhecidos "que se parecem com o árabe". "Não se pode negar que havia um fim político nestes levantes, pois não cometiam roubos nem matavam ocultamente a seus senhores". (4).

O sistema patriarcal, a produção agrícola, as condições geográficas e sociais do Brasil colonial explicam a extraordinária e interessantíssima conservação dos padrões culturais africanos do negro brasileiro, já que não se deu sua assimilação por um sistema social superior que o desenvolvesse, como sucedeu com o negro nos Estados Unidos. Este, vivendo numa sociedade capitalista amplamente desenvolvida, perdeu suas formas sociais e culturais africanas, ou se conservou apenas como arremedo ou palido reflexo do que foi.

Com a sua colonização já avançada o Brasil se apresenta como um paiz eminentemente agrário, feudal, com bases na servidão do índio e na escravidão do negro. E, do mesmo modo que aconteceu no Rio da Prata, o fracasso de exploração do índio exigiu, um maior número de escravos no Brasil. O africano, porém, braço de trabalho superior, mas importado, e por isso mesmo caro, foi unicamente transplantado nas economias privilegiadas. No período de maiores preços o indígena custa de 4\$000 a 70\$000, enquanto o negro chega a valer 300\$ (3). O cultivo da cana de açúcar permite o estabelecimento da escravidão em Pernambuco e Bahia. As minas de ouro e diamantes, e logo depois o café requereram e permitiram a compra desse caro braço de trabalho que era o africano, no litoral, principalmente de S. Paulo, de onde eram levados para o interior (Minas-Gerais, Mato Grosso, Goiás).

Em 1798, para uma população de ... 3.250.000 habitantes, existiam aproximadamente no Brasil 2.000.000 de africanos e de seus decendentes, dos quais apenas 406.000 eram livres e 221.000 mulatos. (6) "O negro, por essa época, constituía a maioria esmagadora da população. Houve um tempo, no Rio, em que para cada 660.000 negros havia apenas 37.000 brancos. Na Bahia havia 19 negros para cada branco..." (7).

Portugal e a Inglaterra eram por esses tempos as duas potências marítimas dedica-

das ao tráfico do negro. A Bahia, a velha capital, devia seu esplendor e sua importância a semelhante comércio. Ainda hoje, o viajante fica surpreendido com o aspecto, os costumes, as vestimentas, a alimentação e a sobrevivência das culturas africanas nesta cidade, que chegou a semear escravos por todo o Brasil.

Em 1930 a população brasileira foi estimada em 40.000.000, dos quais 5.000.000 eram negros e mestiços.

E o atual e intenso estudo desse importante aspecto nacional brasileiro é levado a efeito não sem vencer obstáculos e prejuízos. É preciso se ter em conta que em 1889 mandou-se queimar todos os documentos sobre a escravidão no Brasil. Com a destruição desses valiosíssimos arquivos pretendeu-se apagar o passado de três séculos de escravidão...

(1) Edison Carneiro: Conferência pronunciada na Faculdade de Direito da Bahia, no cinquentenário da abolição.

(2) Arthur Ramos: "As Culturas Negras do Novo Mundo".

(3) Roberto C. Simonsen: "História Econômica do Brasil".

(4) Manuel Quirino: "A Raça Africana e seus costumes na Bahia".

Gilberto Freire — Casa Grande & Senzala.

(5) Roberto C. Simonsen: Obra citada.

(6) Arthur Ramos: Obra citada.

(7) Gilberto Freire: Obra citada.

Nota: — Todas as citações foram traduzidas do espanhol, sem comparação com os textos originais.

## Que Ocorre Quando Se Casam Pessoas De Raças Diferentes?

Não Ha Nenhuma Razão Para Que Não Se Casem — Nem Nada Que As Impeça De Ter Filhos

Cada vez que o espírito de conquista do homem do Ocidente levou-o a terras distantes, pondo-o em contacto com civilizações distintas integradas por seres humanos de raça diferente da sua, apresentou-se o problema de saber si existe uma incompatibilidade entre duas pessoas de cor diferente, até que a ciência e a experiência o resolveram negativamente.

A causa do erro provinha da incompatibilidade observada entre dois animais de espécie diferente. Por exemplo, o cachorro e o gato, famosos pelo "mal que carregam", não podem ter cria, pois os cromosomas de um e outro são absolutamente incompatíveis tanto em número como em qualidade. Outro tanto pode dizer-se de todos os animais.

Ha um caso, não obstante, que se reveste de caráter excepcional, é o da mula, que provem de cavalo e jumenta. Estes animais têm cromosomas distintos, porém ha entre eles um certa relação que lhes permite fundir-se, no ovo e gerar. Porém com uma condição particular: o fruto, neste caso a mula, é híbrido, ou seja, não pertence a nenhum sexo e não pode por tanto procrear, e então a geração correspondente indefectivelmente termina com ela.

Todas estas duvidas se apresentaram, conforme dissemos, a respeito de seres humanos de raças diferentes, por um erro sensível, que é o não compreender que: 1º) os seres humanos correspondem todos, qualquer que sejam seus caracteres etnográficos, ao mesmo tipo biológico. 2º) que as diferenças raciais sob nenhum ponto de vista podem equiparar-se a diferenças de espécie. 3º) que existe maior distância entre o animal mais evoluído e o homem mais primitivo e atrasado do que entre este e qualquer de seus semelhantes.

Por estas razões, em nenhum caso pode ser anormal ou impraticável o fruto da união entre pessoas que pertençam a qualquer das cinco raças em que se classificou o gênero humano: branca, amarela, negra, índia e malaia. O que pode ocorrer é que o filho, tomando certos caracteres do pai, possa ocasionar distúrbios, si ha grande diferença antropométrica entre ambos os progenitores. Por exemplo: um branco de grande altura se casa com uma pigmeia africana de redúsidíssima estatura. O filho pode, herdando do pai, ter em proporção tal tamanho que constitua um verdadeiro perigo para a mãe obrigando-a a um parto com intervenção cirúrgica, si é que não se dramatiza o quadro ainda mais. Porém como se vê, neste caso não se trata de uma incompatibilidade dos cromosomas, e sim precisamente o contrario. Por seus contornos humanos, que o fazem apaixonante e popular, o tema da herança tem sido frequentemente desvirtuado, um pouco por errados conceitos pseudo-científicos, outro tanto pela lenda.



"O corvo da destruição paira sobre a Europa"



# Oswaldo Goeldi fala de arte

Os aviões não jogam flores sobre as cidades - Um homem que gosta de vêr os homens e de olhar estrelas

(Reportagem de RUI FACÓ)

A apresentação foi uma apresentação puramente formal. O homem tinha uma fisionomia dura mas abrandada por certa timidez. Não era timidez afetada: estava perfeitamente de acôrdo com o nariz comprido, semítico, e com os olhos azues penetrantes.

Dois mitutos. O homem caminhou para os lados do farol da Barra. E eu não o esqueci mais. Oswaldo Goeldi não me saiu mais da cabeça até que o encontrei novamente.

A fisionomia dura ia adquirindo uma mobilidade nervosa quando êle falava sobre sua arte, quando falava sobre sua viagem á Suíça, quando se referia á dolorosa paisagem suíça, sem horizontes, gelada, sem sol. Não suportára aquilo. Fracassára o futuro engenheiro, filho de cientista. E voltava ao Brasil o pintor, o jovem que preferia desenhar fisionomias humanas a desenhar plantas de belos bungalows, o homem que preferia perpetuar uma paisagem num pôr de sol a arquitetar pontes e construir estradas.

Oswaldo Goeldi vinha novamente para o Brasil, sentir o calor que não encontrara no paiz dos doces lagos e dos skis pacíficos sobre a neve.

Queria um contraste. Foi para o Amazonas, depois de algumas aventuras artisticas pelo Rio. De algumas loucuras, — como se dizia naquela época das exposições de arte moderna e como ainda hoje muito megatério se exprime ante os trabalhos dos modernistas.

A Amazonia era a mata imensa onde Oswaldo Goeldi irá colher materia prima para a xilogravura em que tanto se vinha aperfeiçoando. A Amazonia era tambem o cenario para muitos de seus desenhos depois gravados em madeira. E meteu-se com os homens das margens do Grande Rio, com as antas, com os jacarés e os jabotis, com as flores silvestres e as capivaras, com as cobras e os irapurús.

Goeldi sentiu como talvez somente Ferreira de Castro tenha sentido a grandeza e a miséria da Amazonia, onde só vê

misterio que mquer fugir á realidade de medonha que subjuga ali o homem.

## UMA NOVA HUMANIDADE

Goeldi nos vai mostrando suas coleções de trabalhos, desde as primeiras tentativas em 1923, quando ainda vacilante mas já com uma linha traçada por onde deveria guiar-se mais tarde. Cada trabalho mostra um novo marco de sua evolução, de seu aperfeiçoamento. A cada novo traço mostra uma nova concepção de forma e de côr, de contrastes e de nuances.

Mas não fica nas linhas e nas côres. Ha, sobretudo, em Goeldi, como já acentuei, o aspecto humano, sem o qual nada tem duração e nada interessa. Goeldi não é um desses pretensos "arte pela arte" — que na verdade são apenas arte pelo lucro imediato, pois que, de fato, estes desenhavam e pintam e escrevem para um determinado publico que lhes retribue pelos seus trabalhos uma vez que estão de acôrdo com a sua concepção de vida, que não é a da maioria.

## ARTE MODERNA

Goeldi nos vai mostrando seus quadros e ao mesmo tempo expondo sua maneira de pensar. A proposito de arte moderna, êle nos diz:

A expressão já causou muita confusão e levantou muito protesto. Existe a arte atual — da nossa época — como existiu a arte de Da Vinci, que tambem era "moderna" na sua época, pois que era inteiramente nova e estava perfeitamente de acôrdo com a vida de então. Os modernos de hoje são os sinceros, os que procuram ser mais livres, mais espontaneos, mais verdadeiros, enfim. A nossa arte não pôde ficar agarrada aos metodos classicos como a de Rembrandt não o ficou. No tempo atual, quando o progresso não pára um segundo, quando tudo marcha, nós não podemos ficar parados, copiando os antigos. Temos que seguir o ritmo acelerado e nervoso, temos

que ver que os aviões jogam mesmo bombas sobre as nossas cidades e não flores. Temos que vêr o circo, o cabaré, e guindaste no porto".

## O QUE EXISTE E O QUE NÃO EXISTE

Goeldi nos mostra mais um de seus trabalhos: homens no mato olhando uma fogueira. E prossegue:

— "Precisamos ver tambem o contraste. Isto tambem existe. Mas isto é vida. Eu sei que, enquanto aviões cruzam os céus, andam bois pacíficos arrastando carros, há burros levando cargas para longe e tambem há homens que se confundem com os bois e com os burros. Em tudo..."

Outra pausa para nos mostrar outro quadro: "Bahianas". Paradas no meio de uma ladeira, com suas saias vistosas e seus taboleiros.

— "Imagine, houve quem me dissesse — um rico comerciante local — que esta bahiana não existe. Eu tive vontade de responder: Quem não existe é o senhor. Mas o homem podia me chamar de subversivo... A noite estrelada estava proxima e eu gosto muito de olhar as estrelas.

## O SALÃO

Oswaldo Goeldi é um homem sincero e, como tal, sem meias palavras. Vai dirêto a todos os assuntos. Ele fala ainda algum tempo sobre os existentes e os inexistentes, sobre os que vivem e os que fingem viver. "Os trabalhadores trabalham mesmo e não tomam atitudes". E, sem tomar atitude, Goeldi começa a falar sobre outro tema, que lhe propomos.

— "E o Salão, o que nos oferece? Naturezas mortas, tomates, cebolas, melancias, um recanto de convento, um retrato de velho enrugado, um feliz interior e um infeliz modelo de pescador que foi trazido até seu "atelier" para forçar uma pôse. E mais o indefectivel auto-retrato. Tudo com receitas absolutamente certas como drogas farmaceuticas que produzem efeitos infalíveis. O ensino das escolas é insuficiente. Aprende-se o óleo e o desenho a carvão. E a aquarela? E o preparo para uma decoração? E o desenho a pincel, e o desenho colorido,

com ponta de prata e bico de pena? E as artes graficas como a litografia a xilografia etc.? O ensino academico tem grandes falhas. Mas o piór é a falta de liberdade que se poderia adquirir com a tecnica. E é por isso que não temos ainda uma arte nacional e nem tão cedo a teremos. Eu não chamo arte nacional imitar-se Diego Rivéra, como é a tendencia atual em toda a America Latina.

### TRABALHOS

Goeldi nos mostra ainda vários quadros dos mais recentes. Alguns que ganharam fama e fôram reproduzidos em coleções européas e norte-americanas.

Recentemente Goeldi, com o pernambucano Perci Lau, viu dois dos seus trabalhos reproduzidos ao lado dos de Whistler, Duveneck e Hassan, numa coletanea de artistas de toda a America.

Na coleção que trouxe á Bahia figuram alguns de seus melhores trabalhos: "A chegada do Barco", "Incendio", "Cavaleiro", "Perigo no Mar", sem contar as ilustrações que fez para uma edição de Luxo do poema de Raul Bopp: "Cobra Norato", desenhos que eu vejo como uma repomatização da lenda amazonica.

Atualmente na Bahia o grande xilografo surpreende flagrantes dos nossos mais típicos: "bahianas", ruas tortas, ladeiras estreitas, mar parado, barcos a vela, mercados, feiras-livres, igrejas e pôr-de-sól. Goeldi é mestre nos sóes esbraseados, que de vez em quando a gente vê nas suas paisagens.

— Isto deve ter sido algum sol que ficou no meu sub-conciante quando na minha infancia fui mandado para a Suíça de horizontes angustiosos...

**LEIAM**

as edições

**"CULTURA"**

**SÃO PAULO**

## O BRASIL E SEU POTENCIAL HIDRAULICO

Somos pela necessidade do aproveitamento inteligente do Potencial Hidraulico que possuímos, em face de razões cuja alta significação se caracteriza com a evidente ampliação das fontes economicas da Nação.

Com o aproveitamento do nosso potencial hidraulico, — A INDUSTRIALIZAÇÃO DO PAIZ, MECANIZAÇÃO DA AGRICULTURA E BEM ASSIM O REAPARELHAMENTO DO MATERIAL RODANTE MELHORAMENTO DOS TRACADOS E PROLONGAMENTOS E A SOLIDIFICAÇÃO DA INFRAESTRUTURA E SUPERESTRUTURA DE SUAS FERROVIAS, AFIM DE ATENDER EFICIENTEMENTE UM TRAFEGO MULTIPLICADO, SÃO IMPERATIVOS IMEDIATOS E SE FARÃO DENTRO DOS MOLDES INDICADOS PELA TECNICA MODERNA, QUEBRANDO OS E'LOS DA CORRENTE SECULAR QUE NOS PRENDE A' ROTINA.

"O progresso de um paiz e o seu gráo de civilização têm que ser hoje forçosamente medidos pelo numero de suas vias de comunicação aperfeiçoadas e pêla potencia de suas usinas geradoras; — e diga-se logo: os caminhos de ferro é que desenvolvem as industrias, congraçam os povos, consolidam a ordem e a direção politica das nações".

Hoje, as nações industrializadas nos dão provas irrefutaveis de que não se pode alicerçar a independencia economica e consequentemente politica de um povo, sem o necessario aproveitamento de suas fontes de energia.

A eletricidade pêlo valor tecnico dos efeitos resultantes de sua aplicação, constitue hoje, o agente de maior relevancia em todos os setores de atividade industrial do mundo.

O eminente professor da Politénica da Bahia — Americo Simas, em discurso assim se expressou: — "A subdivisão das industrias em grande numero de organismos industriais intercalados nos organismos mais importantes, de utilidade incontestavel, tornou-se possivel com o concurso das distribuições de energia eletrica e pequenos motores levando a industria ao estado florescente atual, economicamente e satisfatória sob o ponto de vista social".

A utilização dos altos fornos eletricos na INDUSTRIA DO FERRO E ELETRIFICAÇÃO DE FERROVIAS, haja visto a França, o Japão, a Italia, e outros paizes, onde a ausencia de bacias carboniferas em abundancia os conduziu á adoção de eletricidade oriunda de suas quedas dagua, é acontecimento edificante e mais ainda fortalece a nossa afirmativa: — da necessidade do aproveitamento do nosso POTENCIAL HIDRAULICO. "E" que para as industrias modernas a eletricidade supera os antigos agentes motrizes, e tem mesmo deslocado o prestigio que até então gosava a máquina a vapor que, com cem anos de prioridade sobre os motores hidraulicos, poude beneficiar primordialmente as regiões ricas de carvão de pedra para criar os centros industriais da Inglaterra, do Vale do Reno e da região do Sul dos Grandes Lagos, na America do Norte. — onde a civilização do combustivel poude tomar maior incremento com o auxilio dos modernos motores hidraulicos, desenvolvidos para satisfazer a exigencia da moderna eletroténica".

O fato dos Estados Unidos da America, a Russia, o Canadá apesar de possuidores de ricas bacias carboniferas e os ultimos dados estatisticos atestarem o sensível aumento da aplicação da hidroeletricidade como força motriz em suas industrias, é motivo que indiscutivelmente constitue argumento palpavel á afirmativa de que a eletricidade é o agente de relevancia e consequentemente indispensavel á industria moderna. O Brasil pois, não pode permanecer indifferente diante da possibilidade tecnica do aproveitamento dos MILHÕES DE CAVALOS VAPOR resultantes da captação das quedas dagua que possui.

J. CARLOS BORGES

# AFONSO SCHMIDT E O ROMANCE DA ABOLIÇÃO

EMO DUARTE

Como tudo o que escreve Afonso Schmidt, êste seu novo livro "A Marcha", romance da abolição, que vem de aparecer, trás a força da sua personalidade marcante. Como tudo o que escreve o autor de "Curiango", êste seu novo livro vem cheio daquele mesmo sôpro de solidariedade humana que anima tôdas as suas produções (inclusive as poéticas) de escritor dos mais honestos e inteligentes que tem tido o Brasil. Depois de ter dado uma das melhores biografias aparecidas nestes ultimos tempos, que é, sem nenhum favor, "A Vida de Paulo Eiró", o escritor vigoroso de "O Tesouro de Cananéa" surge agora com um romance sôbre a abolição da escravatura.

O tema, não resta duvida, é dos mais sedutores. E Afonso Schmidt, escritor que se lê sempre com agrado, de vez que neste paiz êle é um dos mais notáveis intelectuais por vocação e desempenho, quero dizer, por obra realizada, — e realizada séria e honestamente — sabe tirar tôdas as vantagens que o assunto fascinante oferece.

Eis por que Afonso Schmidt não torce a verdade dos fatos históricos, não faz arrumações não transforma em jardins os pantanos do passado: êle é um pesquisador a quem somente a verdade preocupá, um investigador paciente que não tem medo da lama da história, um analista que não se preocupa com futilidades e sim com exemplos e ensinamentos que oferecem determinados dados historicos.

Afonso Schmidt é, além de tudo, um caso perdido de lirismo. Nasceu entre os sapos e os lirios de Cubatão. Tem aquele amor maluco pelas coisas de sua terra, coisas e homens, amor que fez com que êle des-cobrisse para o resto do Brasil o grande poeta que foi Paulo Eiró. Mas, acima de Cubatão, onde florescem os lirios e vivem os sapos, acima de São Paulo, onde foi boêmio, acima de tudo, ama a humanidade. Este sentimento se depreende claramente de todos os seus livros. Tenho para mim que no problema dos escravos êle não viu apenas uma questão social do Brasil, mas o sofrimento de um certo numero de homens, num determinado lugar da terra, em fins do século passado.

E como é natural que antes de falar em tormentos chinêses ou sofrimentos hindús êle veja as coisas que estavam a seu redor, olhou o passado de sua gen-

te e viu o sofrimento dos negros, o martírio das senzalas, os escravos carregando pedras nos dias de domingo para pagar o angú que comiam durante a semana, as injustiças que se cometiam, o desamparo total dos escravos. Concebeu então êsse grande livro, que, como tantos outros de sua autoria, a gente só se contenta em abandonar depois de virada a ultima pagina. Desde o principio apparecem tipos e cenas que vão ficando. O assalto dos capangas do titular á fazenda de Pedroca, onde se comia palmito cosido em água e sal e bebia-se café com garapa até que as escravas fizeram açucar encardido no tacho velho da fazenda. A fuga de Justino, o preto estranho que andava de fazenda em fazenda. Alertando os negros ingênuos, como o velho Muge, que a-pesar de estar há longos anos no Brasil não acertava a falar o português. A morte de Bastião, tôda aquela monotonia da fazenda Paineiras, inclusive as disputas territoriais e a gênese dos latifúndios.

Este homem, que iniciou a sua tarefa literária em 1912, que esteve no tumulto de Verlaine em Paris, que morou em pensões de Lisboa, que amou Zingarella na Italia e que hoje trabalha modestamente como redator do "Estado de São Paulo", é exemplo de que a juventude consiste mesmo em não se ter cumplicidade com o passado.

Tendo já dobrado a casa dos 50, Afonso é mais do que um jovem, é um modesto adolescente que trabalha com o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo dos primeiros tempos, certo de que melhores dias chegarão para a humanidade atormentada, é aquele mesmo homem que cantando "o largo canto vespéral do amor", aquele mesmo homem que imaginou um dia aquela obra prima do conto brasileiro que é "Harmonia" e que lá está em "Curiango". Naturalmente que Afonso Schmidt podia ser hoje em dia um nome mais glorioso, um nome que jamais pudesse ser confundido com o do sr. Augusto Frederico Schmidt... Mas aquela modestia instintiva e espontanea que chega a cansar o impede. De resto, êle é um homem são, longe d'êle a vaidade, a egolatria, a utilização de meios sórdidos na luta pela conquista de um lugar ao sol da celebridade. Nesse particular, êle chega mesmo a collocar-se no extremo oposto: é de

uma indiferença absoluta.

Por tudo isso, certamente, é que êle ainda não galgou melhores postos, não conquistou lugares mais amplos. Este seu novo romance, escrito nas horas de folga do trabalho na redação do "Estado de São Paulo" é um livro destinado a iniciar uma nova fase na novela histórica do Brasil, ramo da literatura que desde muito tempo exigia um homem com as suas qualidades. Existem ainda muitos periodos de nossa história exigindo o olhar de homens lúcidos.

O romance de Afonso Schmidt é daqueles que se lê com emoção. O capitulo "A Marcha" notadamente, possui movimento, poesia e calor humano. Desde o principio, em que aparece o dono da fazenda oferecendo cachaça e procurando conseguir no meio dos pretos revoltados um delator, até a marcha pela estrada, com as mulheres dando de mamar ás crianças na margem dos caminhos, com a negrinha serelepe pedindo amparo a Santa Rita até a casinha solitária onde havia uma gaiola na porta e uma velhinha rezando no oratório, até o preto Pio, tomando cheio de desassombro, o comando de tudo, depois o preto que fala no momento em que o sargento Bastião ia dando ordem aos soldados para romper fogo, e afinal os negros dentro do milharal cantando "preto plantô, preto comeu", já perto de Sorocaba — todo o material humano dêste capitulo só podia ser abordado mesmo por um escritor dos recursos e das possibilidades de Afonso Schmidt.

No fim do romance, na luedemel, no casamento de Laerte com Lu, justamente um mês depois da abolição, aparecem os dois, que tanto tinham lutado num recanto poético da cidade santista, olhando os navios que passavam ao longe e em seguida andando pelas ruas movimentadas da grande cidade brasileira. E nessas mesmas ruas cheias de movimento êles encontraram o preto velho Muge e mais tarde, no fim do livro, Laerte abraça o negro Salústio, antigo escravo da senzala do pai, que era agora ensacador, num grande abraço, profundo e infinito, abraço que era uma ponte sôbre o abismo que ontem os separava.

No fim desta nota, tenho vontade de escrever uma carta a Abner Mourão, diretor designado pelo Conselho Nacional de Imprensa, do "Estado de São Paulo", afim de que êle poupe o mais possível Afonso Schmidt no trabalho quotidiano da redação. Isto afim de que um grande escritor não deixe de nos dar livros como êste da marcha dos negros das senzalas em busca da noiva do porvir.

# Socialização Da Medicina

PAIM JUNIOR

Não pode haver segurança e estabilidade numa organização social tão cheia de perplexidades e de contradições como nesta em que vivemos presentemente.

A própria profissão médica, tão estavel aparentemente, como prática individual já não está correspondendo ás suas finalidades.

E são estas contradições, estas perplexidades, em relação á medicina, que iremos discutir, rapidamente, no desenrolar desta conversa.

Um ponto importante é a questão do chamado sacerdócio em medicina. Perguntamos. Deve o médico exercer a sua atividade profissional como sacerdócio? Não. Em nenhuma circunstancia. Em primeiro lugar porque, quando compelido, o chamado sacerdócio se manifesta sob uma estranha aparência de caridade e, como tal, nunca é exercido de bôa vontade, com abnegação e altruísmo, tanto assim que os médicos não perdem oportunidade de super-estimar os seus serviços profissionais, na vã esperança de gratidão, de vez que não ha possibilidade de extorquir dinheiro do seu cliente pobre. Não havendo o dinheiro em ação, o médico espera que o cliente pobre se apresente cheio de humildade e de gratidão. E são os individuos das classes menos favorecidas que sofrem as consequências imediatas.

Várias vezes tive oportunidade de assistir, em um "Ambulatorio para criança", onde trabalhei algum tempo, pobres mãis chorarem desamparadamente devido á ríspida agressividade de um profissional erético.

A caridade, em qualquer circunstancia, mesmo quando exercida pelo médico, não passa de um ultrage á dignidade humana.

E não é tudo. Fazendo de sua profissão um sacerdócio, de onde tiraria o médico a sua subsistência?

Agora uma pergunta. Ha excesso de médicos? Nas capitais, inegavelmente, ha médicos sobrando. Enquanto isso regiões enormes do paiz existem sem médicos, criando caminho facil ao curandeirismo.

O paiz é vasto e pobre. E com razão, o médico recém-formado não se sente encorajado para rumar ás zonas longinquoas, onde as populações vivem desprevenidas, num pauperismo doloroso e minadas pela poliverminose, pelo paludismo, pela chistosomose e varias outras entidades mórbidas que inferiorizam o nosso homem do campo, criando em torno de si mesmo essa falsa auréola de preguiça e de incapacidade.

A Faculdade de Medicina, já ha algum tempo, limitou para 100 o numero de matricula em cada serie do curso médico. Limitação essa vizando solucionar o problema do excesso de

médicos, se é que na realidade existe tal problema. Mas, com as matriculas limitadas e um programa de vestibular vastissimo, não houve solução de cousa nenhuma, porque de um lado não ha seleção dos individuos verdadeiramente capazes para exercer a profissão médica, e do outro lado está o "pistolão", instituição respeitavel, que facilita o ingresso dos "apedeutas língeros" ás Escolas de Medicina.

Recem-formado, o médico fará tudo para ficar nos grandes centros litoraneos. Ha, inicialmente, um verdadeiro terrôr panico do sertão. E, por isso, a maioria vai ficando nas capitais, criando assim uma falsa pletora médica, por desajustamento e irregular distribuição dos profissionais da medicina.

Presentemente, não ha profissão mais livre do que a medicina. Não só livre como tambem relativamente facil de ser alcançada. Ha tambem a crença geral de que a profissão é, no momento, a mais rendosa e a que deixa antever largas possibilidades politicas, sociais e econômicas. Daí o afluxo de estudantes ás Faculdades de Medicina, estudantes esses, na sua maioria, saídos da classe media, os quais, de posse do diploma, tudo farão para adquirir uma posição social de destaque. O ideal do classe-media é atingir o burguês. E, como a caça livre ao cliente está se tornando uma empresa difficil e penosa, o médico pobre encontra no matrimônio de interêsse a sua providencial válvula de segurança. A procura do cliente passou a segundo plano. E o ideal maior do jovem recém-formado em medicina é criar oportunidades para que lhe aconteça um casamento favoravel, porto seguro que o instalará rápida, confortavel e definitivamente na vida.

E' muito comum no interior do Estado o médico ser Prefeito, comerciante de cereais, dono de Farmacia e, nas zonas de exploração de minerio, agente do Banco do Brasil para a compra de ouro. Como Prefeito, os médicos são, geralmente, verdadeiras calamidades administrativas. Mas, não desistem, porque a ambição é enorme e o salario da Prefeitura equilibra um pouco a fachada econômica, desamparada pela falta de clientes que paguem as suas consultas. Não é só isso. Essas profissões colaterais, das quais lança mão o médico para viver, bem demonstram que os clínicos do interior vivem em situação econômica aflitiva, muito abaixo do nível que a sua posição social exige.

Nas capitais, uns poucos felizardos da medicina têm os seus consultorios abarrotados de clientes, mesmo com consultas a 100\$000. A grande maioria, porém, vive em situação bastante incômoda, e daí resulta essa atividade desenfreada a charlatanêsca em busca do cliente, e a caça não menos deselegante e inescrupulosa

aos cargos públicos onde, com raras exceções, se transformará em mero burocrata que assina papéis e o livro do ponto.

Dessas dificuldades econômicas em que se encontra a profissão médica resultam as constantes derrapagens deontológicas, as agressões à ética profissional, os desajustamentos da classe que se manifestam no lar, na cátedra e em qualquer lugar em que esteja o médico exercendo a sua atividade profissional. E surge a guerra surda, desleal entre os profissionais da medicina. E assim se confirma a paradoxal observação do Ingenieros: depois das prostitutas, a classe médica é a mais desunida deste mundo.

E não é só. Os anúncios charlatanescos nos jornais. Os agentes comissionados nos hotéis e pensões. As placas enormes penduradas na fachada dos grandes edifícios. E as comissões de Farmácias, Hospitais particulares, Sanatórios, Estações de Águas, de Radiologistas, dos Laboratórios de Análises Clínicas e dos Laboratórios de Especialidades Farmacêuticas.

A decadência que se observa atualmente na profissão médica não decorre da profissão em si mesma. A decadência é geral. Resulta da desagregação total da sociedade contemporânea.

E assim chegamos à conclusão de que a socialização da medicina é um problema complexo e com profundas raízes econômicas.

Por estas razões, e mesmo porque não é justo que se viva às custas do sofrimento alheio, não há outra solução além da socialização em massa da medicina, para que o médico deixe de viver do enfermo, e passe a atender, indistintamente, sem favor e sem rótulo de caridade, todo aquele que necessita de sua assistência profissional.

Não resta a menor dúvida de que a medicina, como atividade individualista, é uma injustiça social à classe dos que vivem somente do trabalho e, por isso mesmo, não deve subsistir.

## A AMERICA ESTA' AMEAÇADA DE INVASÃO ?

*A Lei que preside o desenvolvimento da política agressiva do nazi-fascismo é uma lei de conquista e de expansão ilimitadas. Isto deriva de varios motivos:*

**EM PRIMEIRO LOGAR**, quanto mais países industriais Hitler conquista, maiores são as suas necessidades de materias primas e de mercados. Agressão, dominação e escravização de povos, tal é a condição para a criação da "Nova ordem" hitleriana.

**EM SEGUNDO LOGAR**, o nazi-fascismo, para manter-se como sistema, não podia nem pode tolerar nenhuma atividade que escape ao seu controle, nem dentro nem fora de suas fronteiras. Daí a necessidade de submeter todo o mundo a seu regime escravagista, unificando em toda parte o movimento popular e democrático. Esta é uma das razões da invasão da Russia.

**EM TERCEIRO LOGAR**, a gigantesca máquina belica alemã, uma vez em marcha, não pode deter-se até triturar a maioria dos povos e obrigar os outros a submeterem-se á sua vontade. O exito desta maquina militar só se póde efetivar se o inimigo está dividido, se pode dar golpes fulminantes (blitzkrieg), creando um mito de "invencibilidade".

Mas, o abastecimento de uma tal maquina custa somas fabulosas e a adaptação de toda a economia do país e de toda a industria, em uma industria de guerra. Uma paz que não traga á Alemanha uma forte expansão economica, na base de grandes mercados exteriores e na conquista de grandes territorios, será acompanhada da catastrophe economica. A esta seguiria a catastrophe politica.

**EIS AÍ, A NECESSIDADE IRRESISTIVEL QUE TEM HITLER DE CONTINUAR A GUERRA, ATE' DOMINAR O MUNDO INTEIRO OU PERECER.**

## Anti-Semitismo Nos Estados Unidos

Quando Charles Lindbergh começou a dar palpites sobre a segunda guerra mundial muita gente imaginou que ele passaria á historia como um grande aviador que estragou sua fama defendendo uma causa má. Agora, porém, devido á insistencia dele, provavelmente ficará como um político sujo que vóou na mocidade. Muitos discursos tem feito e muitos artigos tem escrito procurando mostrar que é sincero e que nenhuma ligação possui com o nazi-fascismo, mas a sua atuação tem demonstrado o contra-

rio. Agora mesmo, não tendo outra coisa a fazer, discursou atacando os judeus, querendo introduzir na America uma politica racial que os americanos só admitem para os negros... Não podendo acusar os judeus de "dominação financeira e industrial", — argumento predileto dos totalitarios, — pois tem o exemplo em contrário de seu sogro Morrow, e do grupo Morgan, Lindbergh acusou os judeus de possuírem influencia e controlarem o cinema, a imprensa, o radio e o Governo, "com grande perigo para o nosso

paiz". Esqueceu-se certamente de que William Randolph Hearst e Roy Wilson Howard, os proprietarios das maiores cadeias de jornais, não são judeus. Não se lembrou por certo de que o maior jornal de New York é do isolacionista Joe Patterson, não judeu, e que nesta mesma cidade, onde reside uma terça parte dos judeus americanos, de nove diarios somente dois são controlados pelos judeus: o "New York Times" (mundialmente famoso pela sua imparcialidade) e o "New York Post".

# VENCER NA VIDA...

EDGARD BARREIRA MATOS

Martins caminha pela rua Libero levando um embrulho debaixo do braço.

Aquela cidade que êle atravessa, inteiramente alheio aos transeuntes, como que absorto, é uma cidade tumultuosa. As turbas enchendo ruas e avenidas, sempre apressadas, correm dia-após-dia em busca de um ideal-imediató, banal, mas fugidío como o próprio ideal.

Assim é a vida...

Martins pensa na sua vida. Incolor como todas as existências pobres; acanhada, sem grande conforto, pois seu ordenado é pequeno.

Não completara 35 anos de idade? E o que fizera, o que alcançara? Nada.

Na sua família quando alguém alcança os 35 anos sem ter conseguido instalar-se solidamente na vida, é fatal, não tem cabeça. Aquelle não ter cabeça significa ser um desorientado, um "desastrado". E o que é pior não ter ganho dinheiro...

Entre os seus, êle era considerado *sem cabeça*...

E' verdade que nunca diziam em sua presença, de um modo directo, mas pelos rodeios e pelas indirectas êle percebia que a sua cotação e o seu prestígio eram diminutos...

— E' preciso aproveitar esta oportunidade — murmura Martins para com os seus botões.

Como pesava aquele embrulho! Parou um momento, mudou o pacote de braço e continuou a andar.

Na casa onde residia juntamente com os seus — lembrava Martins — êle se julgava um incompreendido. Lá vivia com seu pai, sua mãe e uma de suas irmãs. Quatro pessoas. E cada qual imaginava-se incompreendida pelas outras...

Se êle fosse místico como a sua mãe, talvez se resignasse com a má sorte neste mundo, esperando para após-túmulo a recompensa, isto é, a felicidade eterna...

Os crentes, em geral, são criaturas tranquilas, resignam-se rapidamente com os dissabores, aguardando a recompensa na outra vida. Mas êle sentia que não era místico. Emquanto outros ao enfrentarem um *por-que-será?* davam de ombros e olhavam para o alto, êle procurava descobrir a causa, explicar a sua origem, a sua evolução, e quasi sempre terminava o seu raciocínio praguejando contra o egoísmo e a maldade dos homens.

O seu pai, pobre homem! Era um dos tais *sem cabeça*. Desde muito jovem iniciou a luta pela vida. Trabalhou como um mouro, mas nada conseguiu. Honesto a toda a prova, tinha pelo trabalho uma exaltação constante. Quando chegou á velhice, contemplando as cans que lhe embranqueciam a fronte, aconselhava, procurando não demonstrar amargura:

— Meu filho, para se triunfar na vida, não é suficiente trabalhar. No banquete da vida, os Pantagruéis terão o melhor bocado, pois êles conhecem o fraco dos homens...

E acrescentava sarcástico: — Eles conhecem psicologia por intuição...

Sim, ali estava o fio da meada! O velho não se enganara. Certos homens, vaidosos, gostam não só de ser adulados, como, ainda, sorriem agradecidos aos que lhes adivinham as preferências...

Martins ao se recordar do conteúdo do embrulho que levava, não pôde deixar de sorrir quando a lembrança lhe segredava ao ouvido: "Eles conhecem psicologia por intuição..."

\*\*\*

Ao chegar em sua casa, Martins abre o pacote que tanto trabalho lhe dera carregar, e, sem entusiasmo, mostra aos seus o presente que comprara para dar ao Dr. Marinho. Esperava uma reprovação geral. Parecia ouvir-lhes dizer:

— Nunca ouvi falar em se dar presente tão caro para conseguir um emprêgo!

E outro:

— Vocês vão ver. O Dr. Marinho recebe a bandeja de prata, agradecerá muito e tomará nota do endereço e telefone do Martins para ser chamado na primeira oportunidade... Oportunidade essa que nunca chegará...

No entanto, com surpresa sua, todos os tres mostram-se interessados. Um pega no prato de prata, examina, calcula o peso e diz em um otimismo agressivo:

— Também... com um presente dêste... êle tem de lhe nomear!

Sem entusiasmo, sua mãe comenta:

— E'... recebendo uma prata dessa, talvez o Dr. Marinho se anime...

O velho, maldoso:

— Os homens são assim...

E quem não puder comprar presentes caros?

Como a se queixar de sua sorte, acrescenta:

— Marcará passo a vida toda...

\*\*\*

Martins, da janela do seu quarto, apoiado sobre os braços, contempla absorto o findar daquele dia. A tarde estava por um fio... Alguns minutos mais e tudo entraria em crepúsculo. O céu, ainda em um azul muito claro. No horizonte um roxo ténue confundia-se em certos trechos com vagos tons alaranjados. Nuvens de um cinzento-escuro, esgarçadas, passavam ao longe, muito lentas.

— E' interessante, medita Martins, como ao pôr-do-sol, as côres, no céu, se transformam, em breves instantes, em sucessões continuas.

E em um pensamento fantasta, monologa:

— O céu, ao findar o dia, assemelha-se a um imenso caleidoscópio...

Martins volta ao seu mundo e admira-se de se ter empolgado pela natureza. Tinha a impressão que fôra aquela uma das raras vezes que contemplara longamente o dia agonizar. Talvez fosse a esperança que agasalhava em melhorar de sorte, que melhor o predispunha para a vida, tolerando o mundo real de onde não podia fugir, e, em certos momentos, amando o que havia de belo na natureza.

\*\*\*

Várias semanas depois, em uma noite abafadiça, Martins e o seu amigo Garcia caminham por uma longa avenida, em plena cidade.

Andam vagarosamente. Para se livrarem do movimento que naquella hora era intenso, dabravam a primeira rua que atravessava a avenida.

Conversam sobre banalidades. Depois faz-se silêncio entre ambos, só quebrado pelo rumor do transito na cidade, que ia diminuindo á medida que êles se afastavam.

Martins reflectia sobre a boa sorte do seu amigo. Nomeado viajante para a praça do Rio, teria êle de agora em diante, a vida perfeitamente assegurada, ao passo que todo o seu futuro não passava de uma grande promessa. Quando entregara o segundo presente — quanto lhe custavam aqueles presentes, e

principalmente o último! — o Dr. Marinho renovou a promessa de que estava procurando uma boa colocação para êle. Mas o tempo ia se escoando, e nada!

O seu amigo Garcia interrompe o silêncio:

— Você anda todo pensativo...

— A vida... — responde Martins — dá muito que pensar... Afirmou-me, certo dia, um cidadão, que na existência só tivera altos... Outro, costumava dizer que já atravessou períodos baixos, mas, em compensação, agora, estava em uma temporada alta...

—Que é que você quer dizer com isso? —indaga Garcia.

Martins sem responder, continua:

— Na minha adolescência cursei o ginásio. Planejava formar-me, porém, com os embates da vida, com fracassos... não pensei mais em estudo. O próprio tempo correrá demasiadamente depressa... No entanto, eu gostava de ler. Li muito, todo livro que passasse por minhas mãos, meu ou emprestado, eu lia. Tinha confiança em mim mesmo, no meu esforço, e encarava a vida com otimismo.

Martins mete as mãos nos bolsos do paletó, contrae a boca em uma tentativa de sorriso, e continua:

— Depois... as injustiças que eu tenho presenciado ao redor de mim, e algumas contra mim, tornaram-me um descrente do mundo.

Garcia caminha silencioso ao seu lado.

Martins, em tom de queixa, diz:

— Tenho sido honesto, pontual, trabalho oito horas por dia anos sem fim. E o que consigo? Nada, pois não tenho proteção. Essa é a verdade sobre a vida...

— Mas, homem, então você não tem esperança em um melhor futuro?

— Sim, tenho esperança em um melhor futuro. Surgiu, ha algum tempo, altamente colocado, um antigo conhecido-de-casa a quem eu fiz um pedido... Todas as vezes que eu vou visita-lo levo-lhe como lembrança um presente caro... As minhas economias estão no fim...

E mais otimista:

—Você precisava ver a alegria e o contentamento com que o Dr. Marinho recebe os presentes... Ele aceita porque é valioso... E fica na obrigação de retribuir... Quando o pedido vai caindo no esquecimento, eu apareço lá, novamen-

te, com um belo embrulho de cordão dourado...

Garcia acha graça. Depois, pensando empregar o método no proprio caso, tem uma observação típica de caxeiro-viajante:

— Não ha duvida. Mas é preciso um certo capital!

—E' claro, este é um jogo quasi infalivel, e você já viu jogo que não precisasse de capital?... Meu caro amigo, o mundo em todas as suas relações não é mais do que um imenso comercio: todos procuram, egoisticamente, obter boas margens de lucro, vantagens pessoais...

— E os meios de alcançar esse objetivo?

— Ora os meios... Não existindo consciência, todos êles são bons... A consciência, para os que não a possuem, foi inventada pelos intelectuais dados a metafisica...

Andam algum tempo em silêncio.

— Hoje em dia — conclue Martins — eu encaro a vida por outro prisma. Sempre trabalhei com honestidade, mas nunca consegui passar do que sou. Agora, antes de mais nada, um padrinho... E é com esse objetivo que dou ao Dr. Marinho presentes caros...

Garcia, evidentemente, não estava para grandes conversas. As últimas palavras de Martins ficaram como que suspensas no ar.

E mudando bruscamente de assunto:

— Na proxima semana eu farei a primeira viagem pela minha zona, o Rio. Quando você aparecer por lá...

Martins meio absorto, responde:

— Ah! sim... o Rio. Talvez, quem sabe?

Param em uma esquina. O caxeiro-viajante consulta o relógio afirmando ter de se levantar cedo.

Despedem-se.

Martins voltando-se, diz em voz alta para Garcia que se afasta:

— Não se esqueça, os presentes continuam a ser a melhor arma para se triunfar na vida!...

.....

Rio. Avenida Rio Branco.

Garcia segurando uma bolsa repleta de amostras, acaba de sair de uma grande casa-demodas da Avenida, quando vê o Martins, seu antigo colega de São Paulo.

Corre para êle de braços abertos.

— Martins, meu amigo!

Abraçam-se.

— Sim senhor, ha dois anos que eu me mudei aqui para o Rio e só agora nos encontramos!

Garcia repara na transformação do seu velho companheiro.

— Você precisa contar-me o que tem conseguido... Passaram-se dois anos!

Martins sorri satisfeito, toma o seu amigo pelo braço, passam pelas mesinhas colocadas na larga calçada da Avenida, e sentam-se nas poltronas de vime que rodeavam uma mesa vazia.

Bebem gelados coloridos.

— Recorda-se — diz Martins — daquela historia de padrinho? Você não imagina como deu certo. Logo depois de sua partida para cá eu fui nomeado aqui para o Rio com um esplendido ordenado. No ano seguinte eu já frequentava os melhores salões da cidade...

— Casou-se? — indaga Garcia.

— Sim, conheci-a em uma festa elegante...

— Ela tem... quero dizer, ela... é rica?

Martins sorri meio encabulado com aquela pergunta e responde disinteressado:

— Dizem que sim...

Um "chauffeur" como que procurando alguma coisa, olha para todos os lados, e, vendo Martins, aproxima-se:

— Estava procurando o senhor. Madame está no carro.

— Diga que eu vou já.

Martins pega a conta, pede desculpas por deixar a amigo, entrega-lhe um cartão-de-visita com o seu endereço, abraça-o:

— Apareça, teremos prazer...

Garcia afirma que sim, que appareceria. Depois, fica pensando naquele teremos. Não podia fazer ideia de Martins, casado. E casado com uma moça rica... Parecia exquisitesito...

Segurando o pequeno cartão onde apparecia o nome do Martins em letras em alto relevo, Garcia olha tristonho para o seu amigo, já distante, e balbucia:

— Sim senhor... Presentes caros ao padrinho... Um alto emprêgo... Sociedade... Casamento vantajoso...

E acrescenta pessimista:

— Assim é a vida...

# Mirante

## O HOMEM DA RUA E A POESIA MODERNA

Muito já se escreveu procurando explicar a pequena aceitação que têm da parte do público os poetas modernos. Antigamente os poetas eram lidos e apreciados pelos contemporâneos. Os simbolistas foram os primeiros incompreendidos. Os poetas de antigamente tinham um contacto mais directo com o público graças a uma poesia simples, nada arrevesada e que não exigia ginásticas mentais, possuindo além do mais o auxílio da rima, da metrica e de outras convenções que os modernos abandonaram. Quando Castro Alves assomava a um camarote de teatro, a multidão delirava. Manuel Bandeira se arriscaria muito a uma vaia si quisesse repetir o feito declarando a "Balada das tres mulheres do sabonete Araxá". "As Primaveras" ainda se vende muito bem, enquanto que Ribeiro Couto, o Casimiro de Abreu, do modernismo, é pouco lido. E não se apele para o factor tempo. Os encasacados jovens do seculo XIX recitavam para as amadas o lirismo do "Quando tu choras" ou de "Clara", e hoje muita gente conhece Catulo da Paixão Cearense e nunca ouviu falar nos "Poemetos de ternura e de melancolia". Isto acontece com Ribeiro Couto, pertencente á Academia Brasileira de Letras que, desvirtuada ou não em suas finalidades, cheia ou não de mediocres, ainda representa para o grande publico um atestado de valor literario. Avaliemos só o que não aconteceria si o tenebroso Tasso da Silveira ou o charadístico Murilo Mendes dos ultimos tempos!

Mas toda essa introdução vem a proposito da noticia de que Carlos Drummond e Mario de Andrade terão editadas brevemente as suas Poesias Completas. Juntamente com Bandeira formam um trio da melhor poesia moderna brasileira. Com esta reedição suas

obras ficarão, sinão conhecidas, pelo menos ao alcance do publico. Os livros esgotados resurgirão para o "test" da aceitação popular, si bem que eu tenha quasi certeza de que a edição será consumida apenas pelos literatos, que no Brasil são produtores e consumidores. A mocinha da 4\$400, o funcionario publico que mora no suburbio, o jovem desocupado da rua Chile, todos os que deveriam sentir o tóque magico da poesia, que lhes traria á vida uma componente mais profunda, continuarão ignorando Drummond, Bandeira e Mario de Andrade. O que consola é saber que Castro Alves continua esgotando edições, e Casimiro e Gonçalves Dias entusiasman ainda milhares de pessoas desprovidas de preconceitos literarios.

## GOELDI E A XILO- GRAVURA

Como eu não tenho compromissos com grupinhos interessados em conferir diplomas de genialidade, estou livre para reconhecer que a Bahia atravessa uma fase ruim na sua vida artistica. Nada de interessante temos a ver. Vivemos de glorias passadas. Enquanto em Recife, São Paulo, Porto Alegre, movimentos se processam, aqui continuamos no remerrão, com meia duzia de academias e clubes literarios que só servem para encher de vento jovens principiantes e incensar doutores e burocratas que podem ser tudo, menos literatos. Olhando para a pintura, por exemplo, encontramos um espectáculo desolador. Artistas desligados do seu tempo, pintores que não "exprimem livremente as suas verdadeiras qualidades artisticas, descartando as formulas mortas estabelecidas pelas academias e as regras e convenções sufocadoras da personalidade". Estamos ainda, nesta materia, em pleno seculo XIX. Talvez mesmo antes do Impressionismo. O pintor quando se coloca diante do cavalete tem o pensamento no pu-

blico e no comprador. Só faz então aquilo que a rotina approva. Uma vez por ano reúnem-se estes pintores numa exposição que teima em alardear que é um sustentaculo da evolução artistica da Bahia quando no fundo não é sinão o maior obstaculo para uma germinação de valôres novos que esta agremiação estiola, academizando. Nestas reuniões vemos melancias, xuxús, panelas, bahianas proprias para cartazes de turismo, "interiores" — um rapaz contou 34 e observou maliciosamente, num esplendido artigo, que só faltavam retratar agora cenas da vida intima e recintos de utilização privada dos frades do Convento de São Francisco. E são essas "mostras", depositos de velharias, ponto de convergencia de mediocridades, tudo o que por ora existe na Bahia, em materia de pintura. Nada de se ver o aspecto social e populista, ou mesmo simplesmente humano, da vida que vivemos. Falsificação pura. Como não temos na Bahia colleções que nos facultem a apreciação de reproduções das grandes obras de Arte Moderna, facil é calcular o prazer de se encontrar, de repente, um verdadeiro valor, um artista genuino, como esse estupendo Osvaldo Goeldi.

Chegou á Bahia sem alarde. Não quiz fazer exposições. Muitos compradores de visão curta, acostumados com as bahianas fabricadas em serie por certo industrial das tintas, espantaram-se diante das figuras estranhas, algumas grotescas, da arte inconfundível de Goeldi. Não viram os balagandãs, as figas de guiné, o vermelho ao lado do amarelo, o azul vivo junto com o verde, não acreditaram que aquilo fôsse arte. No entanto da madeira talhada pela mão segura do artista, dos seus desenhos, vão surgindo aspectos da Bahia que as pessoas honestas reconhecem. As cenas do Mercado, as vendedoras enroladas nos portais das casas com seu ar tragico e indiferente. As suas xilogravuras de cenas maritimas são maravilhosas. São a verdadeira arte plástica, sem o eunuquismo do academismo fóra de tempo das nossas exposições, e sem a crôsta de literatice de certos vanguardistas da arte moderna. São quadros que não precisam de explicação mas que despertam no apreciador emoções profundas. Que os criticos se aprofundem e analisem a obra de Goeldi. Eu, simples apreciador, posso apenas dizer do entusiasmo que sua arte humana e verdadeira me transmitiu. Por certo que uma visita de um artista assim, uma vez por ano, nos compensaria de todas as exposições promovidas pelos nossos geniosinhos.

# Cinema

## "CIDADÃO KANE"

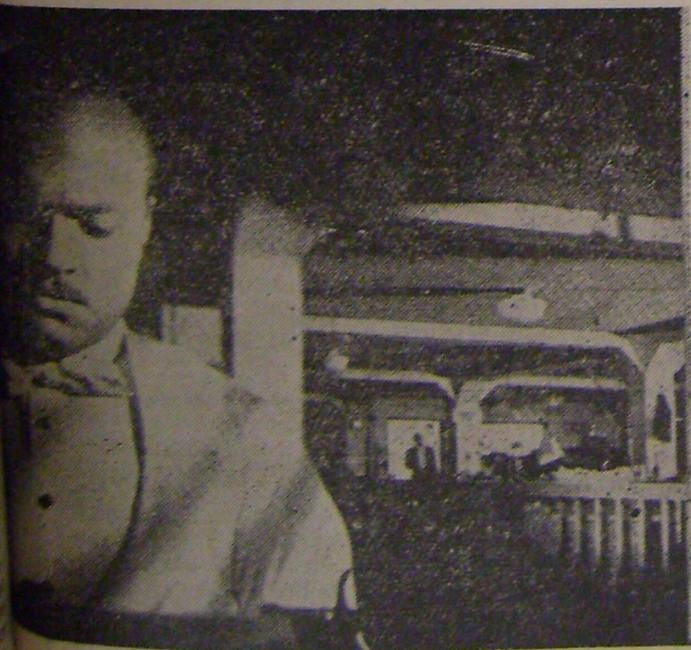
Não foi sem razão que a publicidade da RKO usou como "slogan" para "Cidadão Kane" a frase: O filme mais discutido do ano. Vi, nas duas vezes que fui assistir a maravilhosa película, inumeros mocinhos e mocinhas que saíam do cinema ridicularizando o filme, apelidando-o de abacaxi, reclamando por não haverem entendido nada. Por outro lado vi literatos em extase, puchando da cabeça termos difíceis para explicar o filme aos amigos menos afortunados. Ouí até três pessoas chamarem o filme de surrealista. Sem duvida alguma o "slogan" era justo. Nenhum filme nos ultimos tempos veio tão repleto de novidades, e sua importancia como experiencia é tão grande ou maior do que o primeiro ensaio em technicolor ou a primeira película falada e sincronizada. Gregg Toland revoluciona a fotografia com o seu "Pan focus". Orson Welles usa uma maneira especial de narrar, que no entanto, ao contrario do que disseram algumas pessoas, não creio que possa ser utilizada como receita. O processo de narração exigiu um "pivot" para o filme, que foi "rosebud", a ultima palavra pronunciada pelo cidadão Kane antes de morrer. Muitos têm utilizado este filme como um forte argumento em pról da fusão numa só das três personagens: diretor, pro-



*Detalhes significativos — o frasco de remedio, o copo e a colher — contam instantaneamente a historia de uma tentativa de suicidio.*

dutor e autor, além de encerrar particularmente a inclusão do ator, repetindo uma proesa só realizada pelo genio de Chaplin. A fotografia talvez abuse um pouco do tom escuro. Rarissimas são as cenas em que ha abundancia de luz, e isto talvez se explique por um duplo objetivo: economisar luz e cenarios, pois no escuro é mais facil empurrar cenarios pobres; e atingir mais facilmente o clima poetico. Paralelo a todos estes atractivos, digamos "artisticos", existe o interesse puro e simples do enredo, contando a historia de um homem que foi separado dos pais na infancia e crescendo na opulencia transformou-se num egoista, sempre á procura de amôr, mas sem querer retribui-lo. E' ele um jornalista extraordinario que introduz a manchete escandalosa, as edições diarias, e que no fundo era um sentimental, procurando sempre um complemento que lhe faltava, que nunca encontrou. "Cidadão Kane" é, dentro do cinema, uma obra de arte moderna. As conclusões que permite são inumeras. Durante o filme todo procura-se saber o que é "rosebud". Afinal os reporters nada conseguem, mas a "camera", mostra o trenó no qual Kane brincava na infancia, sendo queimado sem ninguem atinar com a palavra que estava escrita nele: "Rosebud". "Rosebud" estava no trenó, mas o espectador terá de considerar que não é o trenó. Tem de procurar o estado de espirito de Kane ao falar em Rosebud, porque o proprio filme não esclarece. Um rolo de fumo eleva-se para o ar. Naquele fumo está o que resta do trenó, e o trenó era o que restava da infancia. E' simbolismo. E' sugestão. Daí partem inumeros caminhos. E o grande valor de "Cidadão Kane" está justamente aí.

A. C.



*"Pan focus" é como Gregg Toland chama seu novo metodo de filmagem. Nesta cena, ao contrario do convencional "closeup", o "background" é igualmente nitido.*

## ORSON WELLES

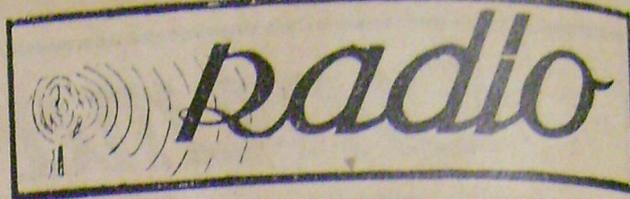
A exibição de **Cidadão Kane** na América do Norte levou muita gente a reformar o juízo que tinha sobre o homem que fez o filme. Uma ruidosa campanha publicitária que durou cinco anos informou-os de sobra acerca de Orson Welles, o menino prodígio e o rapaz maravilha. A imprensa e rádio trombetavam como ele conheceu Shakespeare aos três anos de idade, enganou sábios aos dez, foi astro aos 16, trabalhou com Katherine Cornell aos 18, dirigiu seu próprio teatro aos 20 e abalou a América com seu "broadcast" da invasão dos Marcianos ao 23. E agora, de repente, essa mesma gente defrontou-se com um Orson Welles mais importante, o artifice mestre, o sutil escritor, o corajoso inovador que, com um único filme se coloca em posição de destaque entre as poucas inteligências criadoras de Hollywood.

Este ruído que cerca Welles pode ser explicado pela sua teoria de que o que tem para vender não é atualmente muito comercial. Crê que para trazer o público às suas produções, muitas vezes produções "intelectuais", deve seduzi-los com publicidade escandalosa. Isto pode não ser afinal sinão a racionalização de um entranhado amor pelo cartaz, mas não se pode negar que é produtivo. Experimentados "executives" da capital do cinema calcularam **Cidadão Kane** em 2 a 3 milhões de dolares, e na verdade custou apenas 809 mil.

Welles tem atualmente 26 anos e é alternadamente um adulto agradável e sábio e um petulante rapazote. No teatro é uma mistura de tirano, pai e chefe de escoteiros. Depois de Dolores Del Rio, com quem pretende casar após seu divórcio, em Janeiro próximo, sua paixão mais absorvente é a magia. Não aprecia a autoridade e seu contrato com a RKO estipula que nada lhe será imposto. Quando, durante a filmagem de **Cidadão Kane**, dois "executives" da RKO chegaram ao seu "set" sem anúncio prévio, ele retirou-se. Só voltou quando os importunos se foram dizendo que Welles era um maluco que estava dissipando os fundos da companhia.

## "SHORTS"

**1** — ALUMINIO POR BEIJOS — Paulette Goddard prometeu um beijo a quem trouxesse maior quantidade de alumínio à sua casa, para sem empregado no programa de Defesa Nacional. H. B. Clifford, vencedor, foi receber seu prêmio, sendo o beijo controlado por Cecil B. De Mille, afim de não ultrapassar os 45 segundos permitidos pelo Hays Office. A Sra. Clifford que foi presenciar a entrega do prêmio não se conteve e começou a falar, enquanto o marido calmamente saboreava os lábios da Sra. Chaplin: "Velho idiota... Para que um velho como você faz isso... Ele nunca me beijou assim... Cliff! Para com isto! (De Mille gritou: "Pronto")... Volte direito para casa... E limpe a boca".



## O PROGRESSO DO RADIO

Segundo a observação dos fatos, o ano de 1941 vem marcando um período de apreciável avanço na radio-difusão brasileira. Esse adiantamento, que não está somente restrito às programações e à parte artística do "broadcasting", acusa um maior índice de desenvolvimento na parte técnica. Não só grande número de emissoras no Rio e em S. Paulo aumentaram a potência de seus transmissores, mas outras, como a Nacional, a Radio Difusora de S. Paulo e a Radio Clube do Ceará, instalaram modernos e eficientes aparelhos de transmissão em onda curta — o que já se pode considerar o marco inicial da verdadeira estabilidade radiofônica em nosso país. A primeira começará a operar ainda em janeiro próximo e a Difusora já última as transmissões experimentais, devendo comercializá-las por todo este mês.

Até aqui o Brasil só contava com uma emissora nessa onda, a de Pernambuco. É sabido que as ondas médias não dispõem de poder de alcance bastante pronunciado para, além de cobrir todo o imenso território nacional, chegar até aos países vizinhos com satisfatória nitidez de som. A onda curta, por isso, deve ser a modalidade preferida de nossas emissões radiofônicas, o que só presentemente veio a merecer o interesse que se impõe.

Com a onda média o intercâmbio artístico e cultural entre o nosso e os países americanos vinha se resumindo apenas na exportação de discos e em raríssimos programas retransmitidos por uma ou outra emissora de Buenos Aires ou Nova York. Tais retransmissões, além de dispendiosas, nem sempre são nítidas e perfeitas.

Outros países vêm usando a onda curta não só como um meio de difusão cultural e musical, mas sobretudo como fator de poderosa propaganda comercial.

Já agora, com suas quatro estações de onda curta, o Brasil poderá aproveitar as vantagens que oferece um inteligente programa de propaganda cultural, artística e comercial, dentro do espírito pan-americano.

**2** — CENARIOS SURREALISTAS — Quando teve início a segunda guerra mundial, correu uma notícia que dizia ter sido Picasso designado para trabalhar nos serviços de camuflagem. Agora vem outra parca, e por certo porá sorrisos nos lábios dos intrasigentes passadistas: Salvador Dalí, o maior pintor surrealista da atualidade, foi contratado pela 20th. Century-Fox para fazer os cenários de uma cena especial, uma sequência de uma alucinação mostrando o que se passa na mente de um embriagado.

# □ L I V R O S □

**PRESENÇA** — Carlos Eduardo — Bahia — 1941 — (POESIAS)

Já nos foi dado o prazer de receber o primeiro livro de poesias de Carlos Eduardo, "Este rumor que vai crescendo", que trouxe para a nossa poesia uma promessa alvicaireira. Sobre o fundo colorido e triste dos inquietações sociais e das tristezas do mundo, os poemas do seu primeiro livro deram-nos uma prova da capacidade de sentimento e de inspiração deste poeta moço.

Agora recebemos um novo livro aparecido ultimamente que traz o título de "PRESENÇA". Neste novo volume Carlos Eduardo se afirma um verdadeiro poeta que sabe captar as emoções mais simples, os sentimentos de amor e as tragédias serenas que trazem a inquietação dos "caminhos esquecidos" e dos "mundos impossíveis", da "grande angustia" e da "lembrança da morte". A poesia de Carlos Eduardo, pois, é toda feita de tons leves e harmoniosos, porém, profundos e tristes. Em todo o livro, porém, nota-se uma unidade poética e espiritual que se dá inteiramente em cada poema, num desabafo mudo de quem sente que a poesia está para a sua sensibilidade como um imperativo de existência.

A bela e bem cuidada apresentação gráfica, colaborando com a riqueza poética e emocional de todos os poemas, fez de PRESENÇA um volume que lemos com duplo prazer.

**"AGUA ENCENDIDA"** — POESIAS — M. Ines Romero Nervegna — Editorial "Men" — Montevideo 1941

M. Ines Romero Nervegna é uma poetisa uruguia que se realizou integralmente neste livro de poesias de cento e tantas paginas. É porque se realizou integralmente este é um livro denso, cheio. Em todas as suas paginas nota-se uma exaltação lírica que deixa transparecer um temperamento arrebatado e forte.

Inspirando-se nos mais diversos e variados motivos realizou com bastante força de expressão as suas poesias que demonstram uma personalidade poética digna de nota.

Ainda mais, não é particularmente feminina a sua inspiração. Nem tampouco só existem poesias de amor no seu livro. Tudo é motivo para a sua poesia.

"Água encendida" divide-se em 5 pequenas partes, sendo a última destas partes a mais forte, toda de poesias inspiradas na inquietação e desespero do mundo, abalado pela guerra atual. Uma destas é dedicada á Hespanha rebelde e martir. São poesias cheias de humanidade, contra a guerra, maldizendo os abrigos anti-aereos e os bombardeios sobre as cidades, terminando o livro com uma Mensagem de esperança.

Agradecemos com a remessa, parabens á brilhante poetisa M. Ines Romero Nervegna pelo seu livro que merece o nosso aplauso e á "Editorial Mentor" pela bela edição que apresentou.

**FORTIFICAÇÕES DA BAHIA** — J. da Silva Campos — (Edição do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasil, 1940) — O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional presta, com a publicação de mais este volume de Silva Campos, um grande serviço á cultura brasileira. Desaparecido em Junho de 1940, quando só então conseguira assenhorear-se por completo do material que lhe forneceria dez livros de folk-lore e assuntos históricos, Silva Campos deixou além desses em projeto uma meia dúzia de livros que pacientemente elabora em seus longos anos de estudo. "Fortificações da Bahia", quer pela valia e profusão das fontes a que recorreu o autor, quer pela segurança e pela extensão que deu ás pesquisas, quer ainda pelo escrupuloso cuidado que presidiu á composição, terá por certo um lugar destacado em nossa bibliografia, apesar da excelencia das contribuições ultimamente publicadas entre nós sobre a materia. Tornar-se-á sem duvida obra clássica acerca dos nossos monumentos de arquitetura militar. Os monumentos historico-militar da Bahia têm um grande valor e um pitoresco muito peculiar, do ponto de vista de arquitetura. Santo Antonio da Barra, Santa Maria, Monte-Serrat talvez não tenham nesse sentido obras que se lhes comparem, entre as antigas fortificações por todo o Brasil. Isso acrescenta um interesse especial á sua historia, que Silva Campos traçou com mão de mestre, assim como a dos demais monumentos militares bahianos, nas paginas do referido volume.

# Natal!

## 5 MIL CONTOS

NA

## Casa Guimarães

## A ESQUINA DA SORTE

## Dr. Arthur L. Imbassahy Gomes

Medico do Serviço de Pronto Socorro  
Clinica Medico Cirurgica — Vias Urinarias

Consultorio: S. Pedro, 81 - EDIFICIO CHADLER  
Salas 37-38-39 — Tel. 3244  
Residencia: Marquez de Caravelas, 7 — Tel. 3244

## DR. JOÃO MENDONÇA

Nervosos. Distúrbios Sexuais. Alterações Nervosas no Estomago, Intestinos e Coração. Clinica Endocrinologica e Mental. Consultorio medico-pedagogico (crianças proplemas, medico forense e psicanalitico).

Predio Montepio — 16 horas

## Renato Farias de Almeida

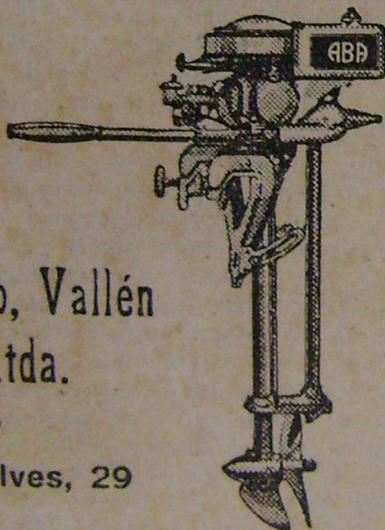
Assistente na Faculdade de Medicina da Bahia,  
de Therapeutica Clinica  
DOENÇAS INTERNAS DE ADULTOS

Cons: Misericordia, 3-1º andar — Das 14 às 17 horas  
Resid: Rua Horacio Cezar, 14  
TEL. 3642

MOTORES  
DE PÔPA  
SUECOS  
ARCHIME-  
DES

Agnelo Brito, Vallén  
e Cia. Ltda.

Rodrigues Alves, 29



AGENCIA CENTRAL

DE

## CHINDLER & ADLER

AUTOMOVEIS E ACCESSORIOS  
(OFFICINAS PROPRIAS)

Avenida Sete — São Pedro, N. 81  
EDIFICIO CHADLER

TELEPHONES

Escritorio — 4442      Oficinas — 6244

Secç/Peças — 2617      Deposito — 8014

End. Telegr. — "CENTRAL"

B A H I A

Rua Figueira de Mello, 283 - Phone 8-7806

End. Telegr "CHADLER" — RIO DE JANEIRO

## Dr. Gilberto Almeida

Assistente na Faculdade de Medicina

CLINICA MEDICO-CIRURGICA  
Cancer -- Radiotherapia Superficial e Profunda

Cons: Av. 7 de Setembro (São Pedro n. 81)  
Edificio Chadler -- Tel. 2934  
Resid: Av. Euclides da Cunha (Graça) 21 — Tel. 3460

## Alano V. de Araujo

(CIRURGIÃO - DENTISTA)

Clinica, Cirurgia e Protese Dentarias.

Aparelhagem Eletrica

Rua Chile, 3-1.º andar

Grande sortimento de Argentés, Capas de pele e variadissimo sortimento de sêdas finas.

# Galeria de Credito



Trocamos peles usadas por novas, pagando o excedente pelo sistema crediario.

Se Quizer Vestir Elegantemente Visite A Nossa Casa  
E Compre Pelo Sistema Crediario

Avenida 7 (Rosario) 140 — Telefone 3777

# SOCIEDADE ANONYMA MAGALHÃES, COMERCIO E INDUSTRIA

CASA FUNDADA EM 1891

**Estivas em geral - Comissões - Con-  
signações - Conta Propria**

## Secção Bancaria

Exportadores de assucar, alcool e aguardente

## Importadores

de Xarque, Bacalhau, Farinha de trigo, Breu, Cimento, Soda, Enxofre, Arame farpado e liso, Grampos, Clorato e Nitrato de potassio, Rozalgar, Carburêto, Cervejas, Guaraná, Sisi, Zarcão, Forforos, Telhas de zinco, Sulfurêto de antimonio, Facões, Enxadas, Foices, Estrovengas, Salitre do Chile, Sabão, Sacos para café, cacau e mamona etc. etc.

## Representantes

de Bancos, Casas bancarias e Companhias; da Equitativa Terrestres Acidentes e Transportes S. A.; da Home Insurance Co. da Soc. Mecanica para a Industria e Lavoura, Ltda.; de Blairs, Limited; da The Gregg Co. Ltr.; da Corporacion de Ventas de Salitre y Iodo de Chile

REPRESENTANTES e DEPOSITARIOS exclusivos dos lubrificantes da SOCONY VACCUUM OIL COMPANY INC. e de Kerosene e Gazolina da ATLANTIC REFINING Co. of  
**BRASIL**

## Distribuidores

da Manteiga "Mundonovense" e Caseina de JORGE  
**CARAOGLAN**

## Gerentes

da Cia. Salinas da Margarida, da Cia. de Armazenagens e Transportes S. A. e da Cia. Luz e Força, com importantes instalações Termo e hidro-eletricas em Ilhéos e Itabuna

## Agente

das empresas maritimas: LLOYD NACIONAL, S. A., CIA. COMERCIO E NAVEGAÇÃO e CIA. CARBONIFERA RIO-GRANDENSE; da Cia. Agricola e Industrial Magalhães, tecidos; da S. A. Frigorifico Anglo, xarque e outros produtos;

**MATRIZ:**

**Bahia (BRASIL)-Caixa Postal N. 114 - End. Tel. DOURO**

**FILIAIS:** RIO DE JANEIRO - Caixa Postal N. 795  
Telegramas RIODOURO  
RECIFE - Cx Postal, 19 - Teleg. RICEDOURO

## Farmacia Minerva

Mario Figueiredo  
& Cia. Ltda.

Praça da Sé n. 5  
Tel. 2994

PREÇOS SEM COMPETIDOR

## Oficina Radiofon

Sob a direção do eng.º

**Arpad Quastler**

Concertos, reformas  
e vendas de Radios

Seriedade e Competencia

Rua do Colegio, 18  
Tel. 1594-Bahia

## Pilhas e Baterias Eveready

Para Radios Tele-  
fones e Lanternas

Distribuidor Exclusivo:

**Simon Roseblit**

Rua Rodrigues Alves, 27  
TEL 5637 -- BAHIA

## Alvaro Falcão

Cirurgião Dentista

EDIFICIO JONAS

São Pedro, 51

Tel. 4488

# Marinho Santos & Cia.

Com Secção Especial De  
Fazendas, Modas e Confeccções,  
Miudezas, Calçados  
e Perfumarias.

Drogas, Ferragens, Molhados  
e Vinhos.

IMPORTAÇÃO DIRÉTA

Rua Conselheiro Franco Ns. 52, 54, 56 e 58

FEIRA DE SANTANA — Estado da Bahia

End. Teleg. ADALMINIO

Telefone, 38